

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Clintton Furtado de Mendonça da Rocha

**O conhecimento de Deus nos primórdios do cristianismo:
Fontes ecumênicas em diálogo com o Vaticano II.**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC/Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. André Luiz Rodrigues Silva

Rio de Janeiro,
Janeiro de 2025

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Clintton Furtado de Mendonça da Rocha

**O conhecimento de Deus nos primórdios do cristianismo:
Fontes ecumênicas em diálogo com o Vaticano II**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. André Luiz Rodrigues Silva
Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 07 de janeiro de 2025.

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Clinton Furtado de Mendonça da Rocha

**O conhecimento de Deus nos primórdios do cristianismo:
Fontes ecumênicas em diálogo com o Vaticano II.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

André Luiz Rodrigues da Silva
Orientador(a)
PUC-Rio

Maria Teresa de Freitas Cardoso
PUC-Rio

Marcelo Massao

Rio de Janeiro, 21 de março de 2025.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Clintton Furtado de Mendonça da Rocha

Graduou-se em Teologia pela FATERJ (Seminário Unido) em 1999. Especialista em Filosofia (2015), Ciência Política (2020) e Psicologia Jurídica (2016). Bacharel e Mestre em Psicologia. Prof. Departamento de Psicologia do Centro Universitário Gama e Souza. Psicólogo clínico atuando na abordagem existencial humanista, atendendo jovens e adultos, terapia de família e dependente químico.

Ficha Catalográfica

Rocha, Clintton Furtado de Mendonça da Rocha

O conhecimento de Deus nos primórdios do cristianismo: Fontes ecumênicas em diálogo com o Vaticano II / Clintton Furtado de Mendonça da Rocha; Orientador: André Luiz Rodrigues Silva. – 2025.
114f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2025.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Patrística. 3. Conhecimento de Deus. 4. Ecumenismo. I. Silva, André Luiz Rodrigues. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Agradeço ao meu orientador Prof. Drº. André Luiz Rodrigues Silva pelo estímulo e parceria para a realização deste trabalho. Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado. A coordenadora Profa. Dra. Francilaide de Queiroz Ronsi. A todos os professores e colaboradores do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Aos meus amados irmãos em Cristo discentes da PUC/RJ. Aos professores que participaram da banca examinadora. A pastora Fagna Alvez pelo incentivo e orações, a minha mãe Vera Lucia Furtado de Mendonça pelas orações e apoio; e ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo por sua misericórdia para comigo.

Resumo

Rocha, Clintton Furtado de Mendonça da; Silva, André Luiz Rodrigues. **O Conhecimento de Deus nos primórdios do cristianismo: Fontes ecumênicas em diálogo com Vaticano II.** Rio de Janeiro, 2025. 111p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O Conhecimento de Deus do surgimento da Igreja ao Concílio Vaticano II propõe uma reflexão acerca de questões de suma importância para a teologia, tendo em vista que Deus revelou a si mesmo, tornando-se cognoscível aos homens. Apesar das Escrituras se questionarem sobre o desconhecimento e a intangibilidade de Deus a partir do conhecimento, a revelação pressupõe que Deus pode ser conhecido e que Ele se faz conhecido. O conhecimento de Deus é mais do que conhecimento intelectual, é mais do que compreender coisas pela razão, pela análise metódica, pelo buscar relações de causa e efeito. Nas Escrituras conhecimento significa “comunhão”, “familiaridade íntima com alguém”. A unidade entre irmãos é uma forma de expressar o conhecimento de Deus. Como participantes do corpo de Cristo e da família de Deus, é primordial que tenhamos comunhão uns com os outros, porque essa atitude atesta nosso nível de comunhão com Deus. Uma das virtudes da comunhão é crescer em conhecimento e em santidade. Esse nível de conhecimento é obra do Espírito Santo que convence e desperta os homens a buscarem a verdade libertadora. Esse conhecimento produz nos homens força espiritual, para resistir o ateísmo moderno que despreza o conhecimento religioso, quanto mais conhecimento de Deus, mais energia espiritual, mais prática de fé. Esse conhecimento é demonstrável através de uma vida de devoção, zelo e amor a Deus e na prática, o cuidado com o próximo.

Palavras-chave

Patrística; conhecimento de Deus; ecumenismo.

Abstract

Rocha, Clintton Furtado de Mendonça da; Silva, André Luiz Rodrigues. **The knowledge of God at the beginning of Christian Era: Ecumenical Resources in conversation with the Vatican II.** Rio de Janeiro, 2025. 111p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The Knowledge of God from the emergence of the Church to the Second Vatican Council proposes a reflection on the issues that involve the knowledge of God and which is of paramount importance for theology, considering that God revealed himself, becoming knowable to men . Nowhere in Scripture does it declare that God is unknown or unknowable. However, it presupposes that God can be known and that He makes Himself known. Throughout the development of theological thought, great divergences have been noticed among Christian thinkers regarding how God is known. Knowledge of God is more than intellectual knowledge, it is more than understanding things through reason, through methodical analysis, through seeking cause and effect relationships. In Scripture, knowledge means “communion”, “intimate familiarity with someone”. Unity between brothers is a way of expressing the knowledge of God. As participants in the body of Christ and the family of God, it is essential that we have communion with each other, because this attitude attests to our level of communion with God. One of the virtues of communion is to grow in knowledge and holiness. This level of knowledge is the work of the Holy Spirit who convinces and awakens men to seek the liberating truth. This knowledge produces spiritual strength in men, to resist modern atheism that despises religious knowledge, the more knowledge of God, the more spiritual energy, the more practice of faith. This knowledge is demonstrable through a life of devotion, zeal and love for God and, in practice, care for others.

Keywords

Patristics; knowledge of God; ecumenismo.

Sumário

1 Introdução.....	9
2 Contexto social, político e religioso no momento em que surgiu a Igreja.	14
2.1 Situação política	14
2.1.1 Os Herdeiros de Herodes Magno.....	15
2.2 A Gestão dos Procuradores Romanos.....	19
2.2.1 Os Procuradores do Novo Testamento.	22
2.3 A Situação Social.....	26
2.4 As Instituições Judaicas.....	27
2.4.1 O Sinédrio.....	27
2.4.2 O Templo	29
2.4.3 A Sinagoga	31
2.4.4 A Lei	32
2.4.5 As Principais Festas Judaicas.....	34
2.5 As Ideologias Judaicas	38
2.5.1 Os Saduceus	38
2.5.2 Os fariseus.....	39
2.5.3 Os herodianos	40
2.5.4 Os essênios	41
3 O conhecimento de Deus e as mudanças de pensamento	43
3.1 O conhecimento de Deus no Antigo Testamento	43
3.2 O conhecimento de Deus no Novo Testamento.....	49
3.3 O Conhecimento de Deus no período da Patrística	55
3.3.1 A partir da escola de Alexandria	55
3.3.2 Teoria gnóstica	60
3.3.3 Irineu de Lyon e o combate às heresias.....	62
3.3.3.1 Vida e Obra.....	62
3.3.3.2 O conhecimento de Deus em Irineu	63
3.3.3.3 O conhecimento de Deus em Santo Agostinho	72
4. O conhecimento de Deus e sua influência na modernidade.....	76
4.1 O surgimento do movimento ecumênico	76
4.2 Concílio Vaticano II e Ecumenismo.....	86
4.2.1 O decreto do Ecumenismo Unitatis Redintegratio	89
4.3 Unidade da igreja como vontade do Pai.....	93
4.4 Desafios futuros.....	99
4.5 Repercussões pastorais do conhecimento de Deus na promoção do Ecumenismo.....	102
5 Considerações finais.....	104
6 Referencias bibliográficas	108

1 Introdução

Nesta pesquisa expomos como o conhecimento de Deus tornou-se parte na preocupação dogmática da Igreja, e como esse saber penetrou séculos de desenvolvimento teológico. Desde os tempos dos profetas da Antiga Aliança, já se ouvia falar de comunhão com Deus, uma vida totalmente dependente e obediente a Deus, ter comunhão com o divino era ter conhecimento dele. No judaísmo posterior o conhecimento de Deus foi limitado à memorização da Lei mosaica, quem segue a lei tem certa comunhão com Deus, quem não segue a lei não tem Deus. Para os judeus a Lei constituía a suprema expressão da vontade de Deus, por isso em torno dela girava a vida individual e social da nação. A educação era canalizada na família, na escola e na sinagoga para converter todo judeu em seguidor praticante da Lei de Moisés, que veio a existir a fim de estabelecer como a nação de Israel se relacionaria com Deus. Para Israel nos preceitos da Lei havia a vida, fora dela somente o afastamento de Yahweh e a destruição. A Torá estava no pensamento do povo, alicerçada na convicção de que era da vontade de Deus, que todo povo conhece a vontade divina pelos seus preceitos. A finalidade da Lei era corrigir e preparar a vida do povo de Deus, visando à glória final de Israel, entre as nações.¹

Essa pesquisa abordou um relato do desenvolvimento desse conhecimento no decorrer da história da Igreja, desde seu surgimento no Novo Testamento até seu desdobramento na contemporaneidade. Procuramos levar em consideração os pensamentos de alguns teólogos mais expoentes da Igreja. O tema abordado exerce fascínio no tocante ao desenvolvimento teológico sobre o seu principal tema “Deus”. Quando se fala de Deus, parece que todos são estimulados a exporem suas ideias, não faltam exposições filosóficas e sistemas para se explicar “Deus”. Isso se deve ao fato de que todos pensam conhecê-lo.

¹ CHAMPLIN, R. N., Bíblia Teologia e Filosofia, p. 761.

A pesquisa está dividida em três capítulos, isto é, o primeiro capítulo investiga o contexto social no momento que surge o cristianismo, a tradição judaica, a situação política e a religião de Israel, a influência cultural no desenvolvimento da igreja.

Segundo capítulo vem abordando as mudanças de pensamento teológico desde o Antigo Testamento até o Novo Testamento, assim como a evolução dessa ideia no período patrístico. Como as controvérsias teológicas sobre a divindade de Jesus e do Espírito Santo foram abordadas pela ortodoxia da Igreja e quais seus resultados e influências na teologia.

Há uma evolução no desenvolvimento do pensamento a respeito da unidade dos cristãos, levando a uma progressão e maturidade dessa temática a respeito do conhecimento de Deus e sua influência na sociedade. O mundo moderno trouxe muitos desafios à Igreja e a secularização é um desses problemas porque as pessoas estão se afastando da fé e buscando respostas em outras áreas da vida, a fé perdeu relevância em suas vidas. A diversidade cultural é um grande desafio, a sociedade moderna está cada vez mais multicultural desafiando a Igreja a ser cada vez mais inclusiva e acolhedora independente da origem étnica e cultural da pessoa.

A globalização transformou o mundo e o conectou, a circulação de informações acontece instantaneamente e eficientemente; as fronteiras geográficas não são tão importantes porque as interações culturais se multiplicam numa sociedade entrelaçada em rede. Em um mundo caminhando para a fragmentação e a efemeridade das coisas, o ecumenismo revela-se como um caminho de esperança e compreensão mútua. Sua importância é ampla norteando vários aspectos da sociedade como a promoção da paz e cooperação entre igrejas cristãs, justiça social e direitos humanos, assim como, na construção do conhecimento e comunhão que sobressaem as diferenças doutrinárias e culturais, o diálogo ecumênico desafia a separação e o preconceito.

Sabemos que o comportamento preconceituoso constrói-se a partir de seu individualismo de ideias formado antes de fato de se conhecer o objeto, valores ideológicos, crenças formadas em uma solidão embrutecida e na estupidificação cultural, e que não busca compreender, mas, distorce aquilo que não reconhece no outro, a diversidade do saber, estabelecendo-se na prepotência de quem acha que possui o poder e o saber necessário para a existência. O ecumenismo surge

promovendo uma maior valorização da diversidade cristã, a fonte de toda ação cristã ecumênica pode ser encontrada nas Escrituras, como registrada no Gênesis capítulo primeiro, de que Deus é o único criador do mundo, demonstrando uma relação entre Deus e todos os homens. O amor de Deus é universal e inclui toda a humanidade conforme João escreveu: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Paulo discursou no areópago a mensagem primitiva da igreja, acerca da universalidade da mensagem cristã, afirmando que Deus é o criador do homem, criou de um único princípio, tendo uma única origem, e reservou estabelecendo um propósito para todas as nações da Terra. Toda a raça humana desce de um só ancestral, Adão, conforme discurso de Paulo, sua criação foi imediata, no sentido de que Deus usou material existente na formação do corpo. O sentido que se quer dar nessa mensagem é que o homem desce desse progenitor e que todas as nações tem origem comum, isto é, há uma só humanidade. Todos os homens são geração de Deus, tendo uma gênese, um princípio divino comum.

Há um chamamento divino a todos os homens para o arrependimento dos seus maus caminhos. Deus enviou seu Filho, Jesus Cristo, para tratar com todos os homens e lhe deu todo poder nos céus e na Terra. A expiação foi feita em favor de toda a humanidade, pelo que todos os homens estão dentro de um plano único de redenção, segundo as Escrituras. O movimento ecumênico tem como objetivo a unidade e a universalidade, de maneira que as igrejas precisam unir-se, como também precisarão configurar condignamente a Igreja Cristã Universal. Segundo Thönissen o diálogo ecumênico busca por uma identidade cristã “No diálogo ecumênico entre as igrejas e comunhão cristãs, discute-se a identidade cristã, a Igreja una de Jesus Cristo.”²

O Concílio Vaticano II (1962-1965) foi uma referência expressiva para o movimento ecumênico. Através de seus documentos, a Igreja Católica revelou seu compromisso com o diálogo e a colaboração ecumênica. Destacando a necessidade de reconhecer e respeitar as tradições cristãs separadas, concomitante que busque a comunhão entre essas tradições. A unidade entre irmãos é uma forma de expressar o conhecimento de Deus, como participantes do corpo de Cristo e da família de Deus é

² Wolfgang, T. Ecumenismo desafio para a igreja.

primordial que tenhamos comunhão uns com os outros, porque essa atitude atesta nosso nível de comunhão com Deus e nosso conhecimento da obra de Deus, assim como, assegura muitas bênçãos. Uma das virtudes da comunhão é crescer em conhecimento e em santidade. O alvo do cristão é chegar “ao estado de pessoa madura, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4,13), é vivendo em comunidade que o Espírito Santo forja o caráter daquele que crer no caráter de Cristo. A vivência em comunidade é uma prática que envolve a participação ativa de pessoas em uma comunidade, com a finalidade de promover a cooperação, e o desenvolvimento de todos. Portanto, o conhecimento de Deus é tema que exerce fascínio devido o interesse do homem às questões da fé. A abordagem preferida dos pesquisadores dentro desse tema é filosófica e teológica, sempre mantendo o cuidado para não se afastar do centro desse conhecimento, as Escrituras Sagradas.

O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) tem empenhado esforço em busca da unidade e passa por grandes desafios, principalmente em compreender a situação mundial e suas implicações para o testemunho das igrejas, adequando-se aos novos desafios e oferecendo assistência ao movimento ecumênico. Em um ambiente de valores e crenças distorcidas, é essencial para o movimento ecumênico entender como conviver e manter seus propósitos para fazer a diferença na sociedade. Neste ambiente de sociedade líquida e efemeridades das coisas, fragmentação cultural, étnica e religiosa, o CMI busca executar sua missão de forma sensível e levando em consideração os sinais dos tempos.

O Concílio Vaticano II foi essencial para as questões ecumênicas, principalmente com o decreto sobre o ecumenismo "Unitatis Redintegratio". A Igreja Católica decidiu iniciar o diálogo ecumênico, reconhecendo a importância da busca pela unidade entre as diferentes denominações cristãs, o diálogo deve ser conduzido com igualdade e respeito, sempre em busca da verdade da fé cristã. O ecumenismo espiritual, baseado na troca de dons espirituais, é essencial para o movimento ecumênico. A constituição da Igreja, conforme expressa na *Lumen Gentium*, destaca que a Igreja de Jesus Cristo está realizada na Igreja Católica, mas reconhece elementos de santificação e verdade em outras denominações. O desafio futuro é ampliar as relações entre as igrejas separadas, promovendo a comunhão entre os

cristãos. As Escrituras testemunham que o amor de Deus é para a Igreja e o mundo, que são dependentes dele. É na Igreja que o Espírito Santo ministra à paz, a reconciliação, a justificação e comunica a nova vida ao mundo. O Espírito Santo capacita a Igreja em ser um testemunho vivo da unidade herdada em Cristo.

2 Contexto social, político e religioso no momento em que surgiu a Igreja.

2.1 Situação política

Na ocasião em que Jesus nasceu a Judéia era governada por Herodes I³, o Grande, “tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes” (Mt 2,1). Rei subordinado do imperador romano, César Augusto, com a sua morte, o reino foi dividido entre seus três filhos, com anuência do imperador, que, todavia, ignorou o testamento de Herodes, não facultou o título de rei a nenhum de seus filhos.⁴

Herodes Magno não tinha o apoio dos judeus, era um líder instável e perigoso e ao mesmo tempo atuava com generosidades doando grande quantia financeira e criando empregos para os judeus segundo Goodman. Herodes foi um grande evergetes, gastava quantia generosa em doação para o Templo de Jerusalém, esforçava em agradar tanto os judeus quanto os gregos com obras públicas. No entanto, os judeus continuaram a odiá-lo, mesmo com os esforços políticos de Herodes em empregar a população masculina nas obras de edificação pelo seu reinado.⁵

Arquelau recebeu a Judéia, província do sul, cuja capital era Jerusalém, e a Samaria, província do centro “... mas quando ouviu que Arquelau reinava na Judéia em lugar de seu pai Herodes” (Mt 2, 2). Arquelau era o filho mais velho de Herodes com uma mulher samaritana, chamada Maltace.⁶

Após o funeral de Herodes, Antipas revoltou-se contra Arquelau, pois este assumiu o governo da Palestina, ambos foram a Roma apresentar suas versões sobre o

³ VERMES, G., Quem é quem na época de Jesus, p. 31.

⁴ VERMES. G., Quem é quem na época de Jesus, p. 32.

⁵ GOODMAN, M., A classe dirigente da Judéia, p. 133.

⁶ CHAMPLIN, R. N., Bíblia teologia e filosofia, p. 100.

testamento de Herodes ao imperador Augusto⁷. Arquelau foi confirmado no governo da Judéia, como etnarca.⁸ Essa palavra é formada por dois vocábulos gregos “*ethnos*” que significa “nação”, e “*archein*”, que significa “governar”, portanto, etnarca é um governador, poderia governar uma cidade pequena ou uma cidade-estado.

2.1.1

Os Herdeiros de Herodes Magno

Arquelau, (4 a.C. – 6 d.C.):

Foi nomeado etnarca da Judéia, Samaria e Iduméia.⁹ Quando José e Maria partiram do Egito, evitaram a Judéia e se estabeleceram em Nazaré, pois Arquelau governava (Mt 2,19-23). Arquelau foi deposto por Augusto no ano 6 d.C., por causa das numerosas arbitrariedades que cometeu, entre elas a troca indevida de sumos sacerdotes¹⁰. Uma comissão de judeus influentes foi à capital do império falar com Augusto e é atendida, como menciona Josefo que Arquelau era ressentido pelas perturbações civis passadas, e esses acontecimentos fizeram que ele tratasse rudemente, não só os judeus, mas também os samaritanos. Judeus nobres, não podendo mais suportá-lo enviaram alguns embaixadores a Augusto, para prestar queixas. Consequentemente exilou-o para Viena, nas Gálias, e seus bens foram confiscados.¹¹

Tendo em vista o exílio de Arquelau, a Judéia, a Samaria e a Iduméia passam, então, a ser governadas diretamente por prefeitos romanos. O prefeito era um administrador em ligação com o legado que governava a província romana na Síria e dependia dele. A residência do prefeito era em Cesaréia, mas quase sempre ele estava em Jerusalém e lá podia permanecer conforme as circunstâncias ou as necessidades.¹²

Acreditava-se que após o banimento de Arquelau para o exílio, a Judéia tenha sido governada por procuradores, mas uma inscrição encontrada por uma expedição arqueológica italiana, dirigida por Antonio Frova, em Cesaréia Marítima no teatro

⁷ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 811.

⁸ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 1097.

⁹ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 823.

¹⁰ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 826.

¹¹ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 1100.

¹² MATEOS, J.; CAMACHO, F., Jesus e a sociedade do seu tempo, p. 11.

romano diz: “TIBEREVM PONTIVS PILATVS PRAEFECTUS IVDA[EA]E”.¹³ Consta que, até Cláudio, os governadores romanos da Judéia tinham o título de *éparchos* ou *praefectus* que quer dizer prefeito. Após Cláudio, que se tornou Imperador no ano 41, podemos falar de “procuradores”, a partir de Cúspio Fado (44 – 46 D.C.). Entretanto, os dois títulos prefeitos e procuradores, para as províncias imperiais, como era o caso da Judéia, eram equivalentes. Tanto o prefeito como o procurador tinha funções fiscais, militares e judiciais.¹⁴

Herodes Tetrarca Antipas (4 a.C. – 39 d.C):

Herodes Tetrarca ou Antipas, era o filho mais moço de Herodes Magno com Maltace, foi nomeado Tetrarca do grego *téttara*, *téssara*: quatro, e *árcho*: senhorio; portanto, tetrarca que quer dizer senhor de um quarto de território¹⁵. Este título os romanos usavam mesmo quando o território estava dividido em apenas duas ou três partes, no caso Galiléia e Peréia, como se pode ver na citação de Lucas: “No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia, Herodes tetrarca da Galiléia, seu irmão Filipe tetrarca da região da Ituréia e Traconites, e Lisânias tetrarca de Abilene” (Lc 3,1).

As jurisdições da Galileia e da Peréia eram os territórios de Antípas. No ano 17 D.C., Antipas constrói a capital de sua tetrarquia às margens do lago Genezaré e chama-a de Tiberíades, em homenagem ao imperador Tibério¹⁶. Com sua oratória política alcança simpatia de Tibério, levando um governo de amizade com Roma imperial.¹⁷

Antípas casou-se com uma filha do rei nabateu Aretas IV, não demorou muito, separou-se e casou-se com Herodíades, mulher de seu irmão Filipe I. Esta atitude lhe custou uma represália do rei nabateu Aretas IV, que, para vingar a filha, atacou Antipas derrotando-o em 36 d.C.¹⁸

João batista, primo de Jesus, pagou com a vida a denúncia que fez desta união ilegítima, segundo os costumes judaicos, pois o próprio Herodes Tetrarca mandara

¹³ American Journal of Archaeology, p. 390.

¹⁴ SAULNIER, C.; ROLLAND, B., A Palestina no tempo de Jesus, p. 25.

¹⁵ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 823.

¹⁶ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 833.

¹⁷ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 829.

¹⁸ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 838.

prender a João, e encerrá-lo no cárcere, por causa de Herodias, com quem havia casado, embora ela fosse mulher do seu irmão Filipe. Pois João dizia a Herodes: “Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão”. Enviando logo o executor, mandou que lhe trouxessem a cabeça de João. Ele foi, e o decapitou na prisão, conforme registrado pelo evangelista Marcos (Mc 6,17-29). Este episódio, também, foi narrado por Flávio Josefo que Herodes mandara assassinar João Batista por temer a revolta do povo caso os conselhos do Batista fossem seguidos universalmente, tendo em vista que tinha prestígio junto ao povo, denunciava a corrupção e os maus costumes e o pecado da classe dirigente, em suma, mandou prendê-lo e leva-lo para a fortaleza de Maqueronte e executá-lo.¹⁹

Segundo registrado no evangelho de Lucas foi a Herodes Antipas que Pôncio Pilatos mandou Jesus preso:

Herodes, quando viu a Jesus, alegrou-se muito, porque havia muito que desejava vê-lo, por ter ouvido falar dele muitas coisas. E esperava que lhe veria fazer algum sinal. E interrogava-o com muitas palavras, mas ele nada lhe respondia. Estavam presentes os principais sacerdotes e os escribas, acusando-o com grande veemência. Então Herodes, com os seus soldados, tratou-o com desprezo e, escarnecendo dele, vestiu-o de uma roupa resplandecente, e tornou a enviá-lo a Pilatos. No mesmo dia Pilatos e Herodes, entre si, fizeram-se amigos; antes disso andavam em inimizade um com o outro (Lc 23,8-12).

Herodes Antipas ironizou, zombando e se alegrou com aquela situação oportuna por ter visto Jesus naquela situação, não querendo criar inimizade com Pilatos envia o preso. Antipas sofreu uma traição de Herodes Agripa I, seu sobrinho, irmão de Herodíades, que o acusou de preparar um golpe contra os romanos. O imperador Calígula, amigo de Herodes Agripa I, o depõe no ano 39 D.C. e o bani para a Gália, território conhecido hoje como França. Sua tetrarquia passa para Herodes Agripa I.²⁰

Herodes Filipe (4 a.C – 34 d.C):

Herodes Filipe, filho de Herodes Magno com Cleópatra de Jerusalém foi a quinta esposa de Herodes. Foi nomeado por Augusto, tetrarca de Gaulanite,

¹⁹ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 117-119.

²⁰ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p.11.

Traconite, Auranite, Batanéia e Ituréia (Lc 3,1). Seu território ficava localizado a nordeste da Palestina, área pouco povoada, incluindo regiões que se estendiam para o norte e para o leste do mar da Galiléia, na direção da cidade de Damasco. Há nos evangelhos registro de Jesus visitando os territórios de Filipe: “... Jesus e seus discípulos partiram para as aldeias de Cesaréia de Filipe...” (Mc 8,27). Herodes Filipe casou-se com Salomé, filha de Herodes Filipe I e Herodias²¹.

Filipe fez um bom governo, administrou a maior parte do tempo de forma pacífica, foi um dos melhores membros da família de Herodes Magno, reformou Betsaida, ampliando-a e reinaugurou-a com o nome de Betsaida Julias em homenagem a filha de Augusto. Foi essa cidade que escolheu para capital do seu governo. Reedificou Panéias e lhe deu o nome de Cesaréia de Filipe em honra a Augusto. Josefo afirma que Augusto morreu após reinar por cinquenta e sete anos, sendo sucedido por Tibério, filho da imperatriz Lívia, e que Filipe, o tetrarca, construiu uma cidade na Galaunita, e a chamou de Tiberíades em homenagem ao novo imperador.²²

Filipe morreu sem deixar herdeiro, seu território foi anexado à província romana da Síria. Depois de arranjos políticos seus territórios foram outorgados a seu sobrinho, Agripa I.²³

Herodes Agripa I (37 – 44 D.C.):

Filho de Aristóbulo, executado por seu pai, Herodes Magno, em 5 a.C., criado em Roma foi amigo de juventude de Calígula (37 - 41 d.C.) recebeu deste a tetrarquia de Filipe, com o título de rei, com o banimento de seu tio Antipas recebe sua tetrarquia e as terras de Abilene. O imperador Cláudio, amigo de infância,²⁴ anexou ao território de Agripa I a Judéia, Samaria e Iduméia. Agripa I aparece assediando os apóstolos: “Por aquele mesmo tempo o rei Herodes lançou mão de alguns da igreja, para maltratá-los. Mandou matar a espada Tiago, irmão de João. Vendo que isso agradava aos judeus, continuou mandando prender também a Pedro” (At 12,1-3).

²¹ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 845.

²² JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 159.

²³ CHAMPLIN, R. N., Bíblia teologia e filosofia, p. 754.

²⁴ VERMES, G., Quem é quem na época de Jesus, p. 50.

Morre repentinamente no ano 44 D.C., em Cesaréia. Seu único filho foi impedido pelo imperador a suceder o pai²⁵. Duas filhas de Agripa I são citadas por Lucas no livro de Atos: “Passados alguns dias, o rei Agripa e Berenice vieram a Cesaréia, a saudar Festo...” (At 25,13) e Drusila “Alguns dias depois, chegou Félix com Drusila, sua mulher, que era judia, mandou chamar a Paulo, e ouviu-o acerca da fé em Cristo” (At 24,24). Essas mulheres são mencionadas brevemente em Atos por ocasião do julgamento do apóstolo Paulo.

Herodes Agripa II (50 d.C – 70 d.C):

Quando seu pai faleceu em 44 D.C, Agripa II era ainda jovem demais tinha 17 anos e estudava em Roma. O imperador se opôs a entregar o poder real a um jovem de 17 anos, para governar uma área de instabilidade política.²⁶ Anos depois, Herodes Agripa II, recebeu o título de rei da parte do imperador Cláudio, e passou a governar o norte e nordeste da Palestina. Por ser rei vassalo fiel de Roma, seus territórios foram expandidos pelo imperador Nero, na revolução judaica de 66 D.C., Agripa II procurou com empenho, evitar o conflito entre judeus e romanos. Era amigo do general Tito, filho de Vespasiano, com o qual passou o último ano da guerra, presenciando a destruição de Jerusalém pelos romanos²⁷. No Novo Testamento ele é conhecido devido ao seu encontro com o apóstolo Paulo, juntamente com sua irmã Berenice. O procurador Pórcio Festo buscou ajuda de Agripa para solucionar o conflito de Paulo com as autoridades religiosas do judaísmo (At 25,13-26,32).

2.2

A Gestão dos Procuradores Romanos

O procurador é um administrador, que responde diretamente ao imperador, era requisitado entre os romanos da segunda mais elevada classe social e eram remunerados. Na época do imperador Augusto essa posição estava no estado inicial, foi desenvolvendo-se gradativamente conforme as necessidades do poder central, atingindo o ponto culminante da gestão pública no governo de Adriano. No início da

²⁵ VERMES, G., Quem é quem no tempo de Jesus, p. 51.

²⁶ VERMES, G., Quem é quem no tempo de Jesus, p. 53.

²⁷ VERMES, G., Quem é quem no tempo de Jesus, p. 55.

carreira os procuradores exerciam atribuições variadas como gestores de patrimônios do imperador e dos membros de sua família, de chefes de chancelaria.²⁸

O procurador é em todos os sentidos representante do império romano, como todo governador provincial, representa diretamente o imperador, conseqüentemente, assenhoreiam em suas mãos os poderes civis, militares e judiciários. Na Judéia o regime dos procuradores principiou no ano 6 d.C., e vai até o ano 41 d.C., e em toda a Palestina, de 44 a 66 d.C..²⁹

Depois do banimento de Arquelau para Gália, por César Augusto, a Judéia passou a ser governada por procuradores, como afirmou Flavio Josefo “Quando os países dominados por Arquelau foram reduzidos a Província, Augusto deu-lhes o governo a Copônio, cavaleiro romano”.³⁰

Copônio foi o primeiro procurador romano a governar a palestina, enviado pelo imperador Augusto para instituir essa forma de governo, e deliberar os interesses de Roma,³¹ todas as suas decisões administrativas foram resistidas pelos judeus. Tinha plena autoridade administrativa e judicial com direito a impor pena de morte.³²

Por questão de estratégia a residência do procurador ficava localizada em Cesaréia, que era também capital romana na Palestina, porto marítimo na costa da Samaria. Em datas especiais e, sobretudo, durante as festas judaicas mais importantes em que havia necessidade de tomar medidas extraordinárias de segurança, em atenção aos peregrinos que vinham de todas as partes do império, e se reuniam em Jerusalém, o governador subia à cidade e se alojava na torre Antônia, antigo palácio de Herodes Magno. Durante a estadia em Jerusalém, o procurador era acompanhado por contingente de soldados de tropas auxiliares aquarteladas no próprio palácio. Havia contingente de soldados em Cesaréia, cerca de três mil homens e em outras partes da Palestina. Em Jerusalém, encontrava-se cerca de seiscentos homens estacionados na torre Antônia.³³

²⁸ SAULNIER, C.; ROLLAND, B., A Palestina no tempo de Jesus, p. 25.

²⁹ MATEOS, J.; CAMACHO, F., Jesus e a sociedade de seu tempo, p. 10.

³⁰ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 1101.

³¹ JOSEFO, F., Historia dos Hebreus, p. 1129.

³² VERMES, G., Quem é quem na época de Jesus, p. 94.

³³ MATEOS, J.; CAMACHO, F., Jesus e a Sociedade de Seu Tempo, p. 11.

Com essa forma de segurança os procuradores da Judéia exerceram a suprema autoridade judicial somente em casos excepcionais, já que os tribunais judeus administravam a justiça, tanto civil quanto criminal. A competência judicial do governador incluía a imposição da pena de morte; somente os cidadãos romanos podiam recorrer de sua sentença apelando para o imperador.

Roma reconhecia a competência jurídica das autoridades judiciais judaicas; no entanto, quando entravam em jogo os interesses do império, o governador podia reservar qualquer caso para o seu próprio tribunal. Em geral, os crimes políticos estavam sujeitos à sua jurisdição.³⁴

A obrigação mais importante da profissão dos procuradores, além da militar e da judiciária, era administrar a parte financeira. Foi esta função que deu origem ao título de procurador. A falta de experiência dos procuradores enfraquecia a autoridade desses governadores, que não tinham autonomia total para tomar decisões que envolvessem certos assuntos na Judéia. Os governadores da Síria tinham o direito de intervir em determinados assuntos, principalmente aqueles de projeção política e militar.³⁵

Na Judéia, e em outras regiões romanas, havia dois tipos de tributos diretos: um encargo sobre os produtos do campo e o outro sobre o indivíduo que tinha de ser pago por toda pessoa do sexo masculino, acima de quatorze anos, e por toda pessoa do sexo feminino acima de doze anos. Os tributos pagos a Roma eram assuntos tão delicado para a mente judaica que foi justamente o protesto contra esses tributos e outras situações de incompetência e desmandos que geraram a revolta judaica, que culminou com a queda de Jerusalém e a destruição do Templo.³⁶

Duas classes de publicanos existiam uma formada por romanos da ordem equestre (cidadãos que compunham a cavalaria do exército), e outra formada por judeus, aquela era responsável diante do governo romano pelo pagamento das taxas e coordenava o trabalho dos coletores de impostos. A classe formada por judeus trabalhava em cidades e vilas judias. Mateus era um deles: “Passando adiante, Jesus

³⁴ MATEOS, J.; CAMACHO, F., Jesus e a sociedade do seu tempo, p. 11.

³⁵ GOODMAN, M., A classe dirigente da Judéia, p. 22.

³⁶ GOODMAN, M., A classe dirigente da Judéia, p. 22-23.

viu assentado na coletoria um homem chamado Mateus, e lhe disse: Segue-me. Ele se levantou e o seguiu” (Mt 9,9).

Os publicanos eram vistos como ladrões e salteadores, gente considerada pelos judeus da pior espécie, que agia com desonestidade com o povo e o governo, cobravam impostos ilegais e falsificavam relatórios, e se precisassem matar para enriquecer não hesitavam em praticar tal ato. Champlin afirmou que o Talmude classificou os publicanos como ladrões, bandidos e assassinos e que esses homens não se arrependiam pelos seus atos, apesar de serem judeus, eram considerados gentios.³⁷

Como uma classe profissional, os publicanos eram odiados pelos seus compatriotas, pois representava a dominação estrangeira de Roma sobre a Judéia. Taxavam o povo sem retroceder, geralmente cobravam a mais do que era devido. Zaqueu confessa para Jesus penitentemente essa prática abusiva: “Mas Zaqueu levantou-se e disse ao Senhor, olha, eu dou aos pobres metade dos meus bens, e se nalguma coisa defraudei alguém, o restituo quadruplicado” (Lc 19,8). Nos Evangelhos sinóticos eles foram classificados juntamente com os “pecadores”, pois o povo judeu repudiava os publicanos, que se vendiam a avareza e aos dominadores romanos, enriquecendo-se à custa de seus irmãos.

2.2.1

Os Procuradores do Novo Testamento.

Pôncio Pilatos:

Pilatos pertenceu à ordem dos cavaleiros romanos e foi nomeado procurador da Judéia por Tibério, que foi influenciado por Sejano, prefeito da guarda pretoriana romana. Teve grandes dificuldades de manter a paz em face das contínuas agitações criadas pelos judeus. Sempre procurava agradar a seus superiores e fez entrar em Jerusalém bandeiras com a imagem do imperador, provocando grandes agitações por parte dos judeus, que ficaram perplexos e irritados com a violação de suas leis e costumes.³⁸

Por pressão dos judeus religiosos, Pilatos mandou retirar de Jerusalém a bandeira com a esfinge do imperador, e ficou admirado com a devoção que eles

³⁷ CHAMPLIN, R. N., Bíblia teologia e filosofia, p. 505.

³⁸ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 1107.

dedicavam à religião. Fez ainda muitas coisas para ofender os costumes judaicos, desrespeitando-os e reprimindo-os. Mesmo sabendo que os judeus abominavam a reprodução de imagens de qualquer espécie, ele mandou cunhar moedas com símbolos pagãos de animais.³⁹

O quartel oficial do procurador romano na Judéia ficava em Cesaréia, cidade da costa do Mediterrâneo, localizada na estrada que liga Tiro ao Egito, a cerca de cento e treze quilômetros de Jerusalém, onde residia Pilatos em épocas festivas, juntamente com um destacamento militar, com objetivo de preservar a ordem durante as festividades. Os evangelhos deram fama a Pilatos por ele ter achado inocência em Jesus, mas para agradar aos judeus preferiu sacrificá-lo, pois já tivera muitas dificuldades com os judeus por outros motivos. Lucas registra o episódio: “Não acho culpa alguma neste homem... Querendo soltar a Jesus, Pilatos falou outra vez com a multidão. Mas eles clamavam mais ainda: Crucifica-o! Crucifica-o!... Então Pilatos decidiu fazer o que eles pediam” (Lucas 23,1-25).

Passando esse evento, Pilatos foi deposto do cargo por Vitélio, governador da Síria, ordenando-lhe ir a Roma a fim de responder às acusações. Filo Judeu (30 a.C. – 50 d.C.) descreveu Pilatos como brutal, teimoso, corrupto, dado a aceitar subornos e a subornar, homem violento, não digno de confiança, envolvido em assassinatos que nunca foram julgados. A morte de Tibério em 16 de março de 37 d.C., atrapalhou o julgamento de Pilatos, que foi prontamente banido para Vienne, na Gália.

Marcus Antonius Félix

Félix foi escravo de Antônia, mãe do imperador Cláudio, que acabou conseguindo a liberdade, tinha baixa reputação. Foi nomeado para servir como procurador romano em Cesaréia, por influência de seu irmão, Marco Antônio Palas⁴⁰. Substituiu a Ventídio Cumano, que foi banido no ano 53 d.C., sua gestão política durou pouco devido a extrema brutalidade e corrupção que dirigia seu governo⁴¹. Félix era um administrador corrupto, por meio de suborno permitia roubo e violência⁴², perseguiu e eliminou bandos de bandidos e falsos movimentos

³⁹ SPEIDEL, K. A., O Julgamento de Pilatos, p. 91-92.

⁴⁰ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 932.

⁴¹ TÁCITO, Anais, p. 297.

⁴² TÁCITO, Anais, p. 297.

messiânicos, como de um profeta egípcio, com forte poder de persuasão e agitação política⁴³, também se utilizou dos sicários, matadores profissionais, para assassinar a inimigos políticos e religiosos⁴⁴. Sua crueldade é notada segundo Champlin “a Crueldade de Félix, quando procurador da Judéia, tornou-se notória; e não se há de duvidar que isso servisse como um dos estágios no desenvolvimento da rebelião dos judeus, que teve como seu clímax a guerra judaico-romana, a qual se prolongou de 67 a 70 d.C.”.⁴⁵

A vida pessoal de Félix, também era comprometedora, apaixonou-se pela filha do rei Herodes Agripa, que estava casada com Azizo, rei de Edessa, atual Armênia. Contratou um mágico chamado Simão, para persuadir Drusila a abandonar seu marido e unir-se a ele.⁴⁶ Tiveram um filho e colocaram o nome de Agripa para homenagear seu avô. Drusila aparece no livro de Atos (At 24,24), e Agripa pereceu na famosa erupção do vulcão Vesúvio, no ano de 79 d.C., que destruiu e sepultou a cidade de Herculano e Pompéia.⁴⁷

Félix é citado no livro de Atos (At 23,24) em encontro com o apóstolo Paulo, que foi preso em Jerusalém e enviado para Cesaréia. Uma das acusações que Paulo sofreu dos judeus foi à chamada divina para pregar aos gentios. Os acusadores do apóstolo chegam a Cesaréia acompanhados de um advogado de nome Tértulo (At 24,2), conhecedor da lei romana. Tértulo faz observações introdutórias que enche de lisonjas o governador, louvando-o por derrotar o terrorismo e estabelecer a paz, mesmo sabendo que este governo foi marcado por desassossego, e as relações entre judeus e Roma continuaram a deteriorar. Depois da introdução, Tértulo declara as acusações dos judeus contra Paulo, duas acusações chamadas de gerais contra a política romana e uma específica contra o templo (At 24,5-6). O apóstolo fez sua própria defesa, mesmo consciente com a inocência de Paulo, Félix não lhe fez justiça deixando-o aprisionado. O interesse do governador romano em manter Paulo

⁴³ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 1149.

⁴⁴ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 1149.

⁴⁵ CHAMPLIN, R. N., O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo Atos, p. 489.

⁴⁶ GOODMAN, M., A classe dirigente da Judéia, p. 21.

⁴⁷ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 932.

aprisionado era o de obter lucro através do suborno, acreditando que Paulo ou seus amigos ofereceriam dinheiro pela sua liberdade. Assim, passaram dois anos inteiros.⁴⁸

Os judeus questionaram a administração de Félix perante Nero, Então o imperador nomeou Pórcio Festo para ser governador substituto de Félix. Se não fosse a influencia de seu irmão, Pallas, no governo de Roma, ele teria sido executado, mas nada sofreu.⁴⁹ Muito pouco se sabe a respeito de Festo, antes de sua nomeação ao governo da Judéia. Ele aparece no livro de Atos envolvido no caso de Paulo que Félix nada resolveu. Estava convencido da inocência do apóstolo e pronto para soltá-lo da prisão quando Agripa informou que o apóstolo apelou para César (At 26,30-32).

Paulo foi enviado a Roma depois de dois anos de reclusão, para cumprir a lei romana porque apelou por César formalmente, por ser cidadão romano.⁵⁰ A lei romana não proibia o perdão depois que o cidadão apelasse ao imperador, mas absolve-lo e libertá-lo seria uma ofensa a César e a nação judaica.⁵¹

Lucas salienta a arbitrariedade e a corrupção dos poderes na gestão do procurador Félix: “Esperava ao mesmo tempo que Paulo lhe desse dinheiro, para que o soltasse, pelo que também muitas vezes o mandava chamar, e falava com ele” (Lc 24,26).

Quando Festo substituiu Félix no governo, a Judéia estava em um descontrole de violência, assassinatos e intrigas políticas e religiosas, herdando uma região com descontrole total na área de segurança, comércio afetado porque o território estava infestado de assaltantes e terrorismo, não havia oposição das autoridades locais contra esses homens violentos, sicários e toda sorte de homens malignos, havia uma falta de comando.

Pórcio Festo governou a Judéia de forma justa e capaz, diferente do seu antecessor que inflamava os judeus com provocações, pacificou a zona rural que vivia agitada pelos sicários. Governou do ano 60 d.C., a 62 d.C., morreu subitamente no exercício do dever e foi substituído no governo por Lucéio Albino.⁵²

⁴⁸ CHAMPLIN, R. N., Bíblia, teologia e filosofia, p. 510

⁴⁹ JOSEFO, F., Historia dos Hebreus, p. 937.

⁵⁰ DUCOS, M. Roma e o direito. p, 51.

⁵¹ ARRINGTON, F. L.; STRONSTAD, R., Comentário Bíblico Pentecostal N.T., p. 788.

⁵² JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 1151.

2.3 A Situação Social

Podemos distinguir dentro do ponto de vista sociológico, três classes sociais: a classe rica, a classe média e a classe pobre. Alguns estudiosos separam a corte dos ricos, um exemplo dessa separação é a corte de Herodes Magno com seu requinte real.

Jerusalém conheceu um esplendor indescritível, construções luxuosas foram erguidas, a exemplo do próprio templo que foi magnificado. Herodes gastava uma fortuna em segurança pessoal, Josefo relata que uma vez ele mandou 500 homens de sua guarda pessoal para ajudar o imperador Augusto.⁵³

Herodes Magno teve dez mulheres, fora o seu harém, suas mulheres dispunham de numerosos empregados, seus filhos também tinham a sua própria corte de menor proporção e seus criados particulares.⁵⁴

A classe rica dos grandes comerciantes, proprietários de terras e arrendatários de impostos, as famílias sacerdotais, exerciam grande influência na sociedade judaica do século I. Os ricos de Jerusalém bebiam vinho em copos de cristal, enquanto os pobres bebiam em copo de barro. Encontramos alguns representantes dessas classes no Sinédrio. Segundo o evangelho de João, o conselheiro Nicodemos era homem rico, pois aparece no evangelho levando cem libras de mirra e aloés (Jo 7,50-19,39).

Segundo a tradição, Nicodemos era um importante negociante de trigo que perdeu toda a riqueza durante a confusão que precedeu a destruição de Jerusalém. Diz Josefo que esse acontecimento se deu no inverno de 69 a 70 d.C., o povo incendiou os seus celeiros repletos de trigo e cevada.⁵⁵ Um outro nome que fazia parte dessa elite era José de Arimatéia, membro do sinédrio, rico proprietário de imóveis. O evangelho de Mateus retrata José de Arimatéia como um homem rico: “Chegada a tarde, veio um homem rico de Arimatéia, chamado José, que também era discípulo de Jesus” (Mt 27,57), possuía ao norte de Jerusalém, um jardim com um túmulo de família cortado na rocha “...No lugar em que Jesus foi crucificado havia um jardim, e no jardim um sepulcro novo, no qual ainda ninguém havia sido posto” (Jo 19,41).

⁵³ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 705-706.

⁵⁴ VERMES, G., Quem é quem na época de Jesus, p. 135.

⁵⁵ CHAMPLIN, R. N., Bíblia teologia e filosofia, p. 495-496.

A classe média, muito reduzida, existia praticamente só em Jerusalém, sua fonte de renda vinha dos peregrinos (turismo) e do templo. A classe média era formada pelos pequenos comerciantes, donos de hospedarias, donos de oficinas e sacerdotes comuns.⁵⁶ Fala-se pouco dos pobres nas literaturas antigas, quanto mais baixa a classe social, mais raras são as informações precisas, o pequeno proprietário agrícola contenta-se em comer aquilo que planta, e fazer uma troca quando precisa de algum produto.

Sabe-se que os pobres são maioria, e que a esperança em seus governantes é completamente nula, a classe pobre é seduzida facilmente, por falsos messias oportunistas que vivem de enganar o povo comum, sem contar com o preconceito racial, religioso e social. Algumas profissões que foram exercidas pelos mais pobres eram consideradas sujas e indignas. Segundo Saulnier e Rolland a profissão de curtidor deixava o trabalhador com mau cheiro a ponto de perder a dignidade, a tal ponto que a legislação rabínica permitia que a esposa separasse do marido quando quisesse. Os tecelões eram considerados exageradamente mentirosos e não podiam dar testemunhos, assim como as mulheres e os escravos e havia uma lista negra das profissões indignas, restando poucas profissões honestas.⁵⁷ Na concepção judaica, para os escribas só o estudo da Lei é que conta, o resto é nefasto.

2.4 As Instituições Judaicas

2.4.1 O Sinédrio

Flavio Josefo em seus escritos ‘Antiguidades’ foi o primeiro historiador secular a mencionar o corpo conhecido como sinédrio, segundo Josefo, o sinédrio apareceu em 57 a.C., quando Gabinio, o governador romano da Síria, dividiu a Palestina em cinco regiões e em cada uma pôs um tribunal.⁵⁸ Anciãos e sacerdotes compunham o senado judaico, sob a liderança do sumo pontífice, que tinham responsabilidades judiciais e políticas, isto é, em toda a esfera governamental. O governo judaico era dirigido pelo Sinédrio, composto de setenta membros, mais o sumo sacerdote, seu

⁵⁶ SAULNIER, C.; ROLLAND, B., A Palestina no tempo de Jesus, p. 59.

⁵⁷ SAULNIER, C.; ROLLAND, B., A Palestina no Tempo de Jesus, p. 60-61.

⁵⁸ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 636.

presidente.⁵⁹ Antes da dominação romana, o tribunal judaico tinha o direito de condenar a morte e executar o condenado, os romanos proibiram o direito de executar, mas preservou o direito de condenar, a execução competia ao governador romano.

Três grupos compunham o sinédrio; o primeiro era formado pelos sacerdotes, o segundo pelos anciãos ou presbíteros, e o terceiro os homens de letra, os escribas, doutores da religião e das Leis judaicas.⁶⁰ Na Torá o cargo do sumo sacerdote era vitalício, mas no contexto histórico do Novo Testamento já não era vitalício nem hereditário, pois os romanos e os governadores da Judéia depunham e nomeavam o sumo pontífice de acordo com suas conveniências políticas. Através do Sinédrio o sumo sacerdote governava a nação judaica em assuntos religiosos, pois o civil era restrito a Judéia.

O Grande Conselho (Sinédrio) era formado por três grupos. O primeiro grupo da aristocracia sacerdotal, famílias poderosas ocupavam os altos cargos na administração do templo. O maior posto cabia ao sumo sacerdote; o segundo maior posto cabia ao chefe do templo, que era encarregado do culto e chefe da segurança; depois os sacerdotes que eram responsáveis pelos turnos semanais, os guardiões e os tesoureiros do templo.

Os anciãos faziam parte do segundo grupo, presbíteros leigos, escolhidos entre as famílias mais ricas, eram grandes latifundiários, representavam os saduceus. O terceiro grupo pertencia aos letrados, escribas, homens que conheciam a religião e o cânon hebraico, tinham grandes influencia sobre o povo simples e pobre, pertenciam a essa classe também os fariseus, que desfrutavam de enorme prestígio sobre o povo, que admiravam as virtudes aparentes desses homens que demonstravam estarem bem com Deus.⁶¹

Os fariseus desprezavam o povo comum, que chamavam “pecadores”, “descrentes”, e até mesmo de “malditos” porque não cumpriam a Lei. A observância da Lei pelos fariseus os concentrava em si mesmos e em seus esforços por observá-la.

⁵⁹ SALNIER, C.; ROLLAND, B., A Palestina no tempo de Jesus, p. 55.

⁶⁰ MATEOS, J.; CAMACHO, F., Jesus e a sociedade de seu tempo, p. 19.

⁶¹ MATEOS, J.; CAMACHO, F., Jesus e a sociedade de seu tempo, p. 37.

2.4.2 O Templo

A vida social dos judeus girava em torno do templo, o primeiro templo foi planejado pelo rei Davi e construído por Salomão por volta do ano 950 a.C., (2Cr 2,1) e destruído no ano 586 a.C., por Nabucodonosor (2 Cr 36,18-19). O segundo templo foi reconstruído pelo governador Zorobabel no regresso da Babilônia para Jerusalém. O decreto de Ciro (Ed 1,2) possibilitou a reconstrução do templo que foi concluído no ano 516 a.C., menos imponente que o primeiro. Quando Herodes Magno tornou-se rei, convocou uma assembleia nacional e comunicou a reconstrução do Templo de Salomão⁶². Essa decisão de Herodes foi uma jogada política para conquistar o apoio do povo, ele não mediu esforços para restaurar a glória do Templo de Salomão, mas, foi rigoroso em sua observância da lei religiosa situando o lugar Santo dos Santos na área original escolhido por Salomão, essa decisão agradou os judeus religiosos. Josefo descreve a magnificência do segundo templo, edifício magnífico coberto com placas de ouro, e o nascer do sol refletia os olhos como perante os raios do sol. Para os turistas ou estrangeiros que chegavam ao longe avistavam um clarão de uma luz resplandecente devido ao mármore mais branco. Na parte mais alta do Templo havia pontas agudas de ouro para impedir o pouso dos pássaros e de sujar o teto.⁶³

Todas as testemunhas oculares dão testemunho da magnificência do templo, que tinha uma torre de 100 côvados, um prédio de 45 metros de altura, o equivalente a 11 andares, num terreno de 35 acres, equivalente a 142.000 metros quadrados e uma milha de circunferência, ao redor do edifício uma muralha que servia de proteção. O esplendor do templo de Herodes era extraordinário, os portões eram cobertos de ouro e prata, as pontas externas do templo também eram de ouro. A fachada do edifício que media mais de 27 metros quadrado era toda recoberta com placas de ouro, entre muitos utensílios de valor, estava o candelabro de sete braços de ouro maciço, que pesava setenta quilos, e a mesa dos pães da proposição, de ouro pesado⁶⁴.

Herodes construiu fora da área do templo, uma fortaleza e a chamou Antônia, em homenagem ao general romano Marco Antônio. Da torre dava para ter um

⁶² JOHNSON, P., História dos judeus, p. 124.

⁸⁷ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 222-224.

⁶⁴ JOHNSON, P., História dos judeus, p. 124.

controle visual do templo e dos pátios, era usada para vigiar a movimentação do edifício sagrado e possíveis perturbações em Jerusalém⁶⁵. Havia lances de escadas que faziam ligações da torre para o interior do templo. A importância do templo está no fato de que em torno dele está à vida social e religiosa dos judeus, as festas religiosas traziam grande esplendor de culto⁶⁶, especialmente as da Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos. Todos os judeus a partir dos treze anos tinham que participar⁶⁷, aqueles que viviam na diáspora deveriam peregrinar. Em épocas de festividades, os peregrinos traziam rendas para Jerusalém, que tinha sua população multiplicada em até vinte vezes, trazendo grandes lucros para donos de hospedagens, oficinas e profissionais liberais.⁶⁸

Todo judeu maior de vinte anos devia pagar o imposto anual para o templo, essa taxa equivalia a dois dias de trabalho. Os peregrinos vinham de todas as partes do mundo, trazendo suas ofertas com segurança porque os romanos com sua administração forte e vigilante tornaram fáceis e seguras às viagens e comunicações, entre as diferentes partes do mundo. A pirataria do mediterrâneo foi combatida sem piedade, por terra as estradas eram bem patrulhadas que inibiram os assaltos e facilitou à liberdade de trânsito⁶⁹. Os soldados romanos mantinham certa paz nas estradas da Ásia, África e Europa, sendo assim os judeus da diáspora e adeptos do judaísmo podiam transitar livremente com seu dinheiro e presentes para o templo.

Para a manutenção dos sacerdotes pagava-se dez por cento do fruto da terra (Mt 23,23), entretanto não era suficiente, e a maioria precisava encontrar um ofício⁷⁰, o templo recebia muitos donativos, os ricos ofertavam grandes quantias (Mc 12,41). Reis e governantes estrangeiros, desde os imperadores persas aos romanos, ofereciam presentes em grande quantidade de ouro e vasos de ouro, que eram guardados em seu interior⁷¹ outros recursos vinham do comércio instalado no pátio dos gentios, comerciantes de bois, carneiros, pombas, óleo e farinha, havia também os cambistas (Mc 11, 15) que trocavam a moeda estrangeira, considerada impura por trazer a

⁶⁵ JEREMIAS, J., Jerusalém no tempo de Jesus, p. 209, 289.

⁶⁶ JOHNSON, P., História dos Judeus, p. 126.

⁶⁷ JOHNSON, P., História dos Judeus, p. 123.

⁶⁸ JEREMIAS, J., Jerusalém no tempo de Jesus, p. 189.

⁶⁹ SAULNIER, C.; ROLLAND, B., A Palestina no tempo de Jesus, p. 23.

⁷⁰ SAULNIER, C.; ROLLAND, B., A Palestina no tempo de Jesus, p. 57.

⁷¹ JOHNSON, P., História dos Judeus, p. 127.

imagem do imperador, pela moeda cunhada no templo. O templo era a maior instituição financeira da Judéia, em nenhum outro lugar se arrecadava tantas riquezas. Segundo Mateos e Camacho o tesouro do templo funcionava como banco, ali se guardava os tesouros da aristocracia de Jerusalém, principalmente a alta classe de sacerdotes. A alta classe de sacerdotes que detinham o poder político e religioso faziam com que Jerusalém vivesse praticamente do templo, com grandes lucros, principalmente na época das festas e peregrinações.⁷²

O templo era a razão do orgulho de todo judeu, a vida religiosa e social centralizava-se em Jerusalém. Para os judeus a presença de Deus era incontestável, pois o templo, na mentalidade do povo hebreu, é o lugar de habitação de Deus. O templo era uma atração para os estrangeiros, em tempos de festas o numero de visitantes passava amplamente o dos habitantes⁷³. Os judeus orgulhavam-se do seu templo de imensa riqueza e excelente fortaleza. O templo tinha o átrio dos gentios, o átrio das mulheres, o átrio dos homens, o santuário dos sacerdotes, e o Santo dos Santos, lugar que só o sumo sacerdote poderia entrar uma vez por ano⁷⁴. O santuário dos judeus foi destruído na primavera do ano 70 d.C., pelos soldados do general Tito. Segundo Josefo morreram um numero muito grande de pessoas que estavam refugiadas no interior do templo⁷⁵.

2.4.3 A Sinagoga

Sinagoga significa “congregação” e teve sua origem no exílio babilônico, como os judeus não podiam adorar no templo, as sinagogas substituíram-no e tornou-se parte da vida espiritual dos judeus, havia sinagogas em todas as partes do mundo. Servia de escola, lugar de reuniões e concílios religiosos e políticos, lugar de estudar a Torá e adorar a Deus. Os judeus se reuniam regularmente e mantinham laços de amizade e apoio mútuo, as atividades sinagoga só poderiam acontecer se houvesse pelo menos dez homens adultos.

⁷² MATEOS, J.; CAMACHO, F., Jesus e a Sociedade de seu Tempo, p. 22.

⁷³ JEREMIAS, J., Jerusalém no tempo de Jesus, p. 119.

⁷⁴ JEREMIAS, J., Jerusalém no tempo de Jesus, p. 35.

⁷⁵ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 1410-1412.

A sinagoga vem sendo, por séculos, o local que os judeus se reúnem para fazer orações e estudar. Os rolos das Escrituras eram guardados num receptáculo que os judeus o chamam de arca (réplica da Arca Sagrada do templo), ela ficava acima do nível do chão e se localizava na parede leste que dava para o monte do templo. No centro da sinagoga havia uma plataforma elevada no qual se lia a Torá. O leitor da Torá ficava em pé, mas na hora da explicação sentava-se. A plataforma era colocada no meio seguindo uma tradição que demonstra que a Tora deve estar no centro da vida judaica e que ela é o coração do povo judeu.

O roteiro de culto está centralizado na oração e no devocional das Escrituras. O Shemá, profissão de fé de Israel situado em Dt 6,4-9; estava no centro do culto, a unicidade de Deus é professada e oração proclamada pelo oficiante. Diante disso, a congregação expressa intensa expectativa pela instauração da era messiânica. O texto lido é sempre da Torá, deve-se ler no hebraico, às vezes era traduzido para o aramaico, conforme Saulnier e Rolland descreve que muitos judeus não sabiam mais ler em aramaico, havendo necessidade de um membro da comunidade traduzir. Muitas vezes a tradução era literal ou utilizava uma paráfrase fazendo uma ligação com outras passagens das Escrituras.⁷⁶

Depois da leitura da Torá, lia-se uma passagem dos profetas, um letrado fazia a prédica da leitura feita; para terminar, se houvesse sacerdote presente, dava-se a bênção, se não, o presidente da assembleia o substitui. Só poderia fazer reunião na sinagoga se houvesse ao menos um total de dez homens adultos livres, caso contrário a celebração não poderia acontecer.

2.4.4 A Lei

Para os judeus a Lei constituía a suprema expressão da vontade de Deus, por isso em torno dela girava a vida individual e social da nação. A educação era canalizada na família, na escola e na sinagoga para converter todo judeu em seguidor praticante da Lei de Moisés, que veio a existência, a fim de definir como a nação de Israel se relacionaria com Deus. Para Israel nos preceitos da Lei havia a vida, fora dela somente a destruição. Champlin expressou que a Torá estava, na mentalidade do

⁷⁶ SAULNIER, C.; ROLLAND, B., A Palestina no Tempo de Jesus, p. 46.

povo, alicerçada na convicção de que era da vontade de Deus. A finalidade da Lei era corrigir e preparar a vida do povo de Deus, visando à glória final de Israel, entre as nações.⁷⁷

É certo que a Torá isolou Israel dos outros povos pelo sentimento coletivo de orgulho e privilégio (Dt 4,7-9). Por tornar-se o povo da aliança, Israel se considerava propriedade exclusiva de Deus. Através da Torá, se podia conhecer a vontade de Deus e pô-la em prática, as nações gentílicas desconheciam a Torá e, portanto, não podiam de modo algum ser fiéis a Deus. Para os judeus, seguidores da lei mosaica, o relacionamento com Deus se dá em termos de obediência jurídica e não nos de relacionamento pessoal que envolve fidelidade por amor.

A Torá está dividida em três partes. A lei moral, que trata do bem e do mal; as leis cerimoniais, que tratam dos ritos que acompanham a legislação quanto aos preceitos que não envolvem questões morais; e as leis civis, que tratam do governo da nação, questões agrárias e problemas sociais.

Um código de pureza é previsto na lei de Moisés, em virtude do qual, para manter a relação com Deus, era necessário ter uma atitude preventiva em relação àquilo considerado impuro. A possibilidade de contrair impureza se dava através de qualquer situação que fugisse aos costumes considerados normais, como por exemplo: ejaculação involuntária, o período menstrual, contato físico com cadáver de animal ou humano, pessoas afetadas com algum tipo de enfermidade, em especial as da pele. Aqueles que não conheciam a Torá no sentido religioso eram considerados indignos de Deus. A Lei mergulhava as pessoas em um sentimento constante de culpa, de fracasso e indignidade diante de Deus.⁷⁸

A lei do puro e impuro era determinante na discriminação que, dentro da nação de Israel, certas pessoas sofriam, como os fiscais tributários e os leprosos. Essas leis tinham influência dos códigos e costumes egípcios, a prática médica foi em muitos momentos assimilado a essas codificações legais.⁷⁹ Todo judeu piedoso evitava contato com pessoas doentes ou de profissões consideradas duvidosas moralmente. A religião judaica é norteada por regras de moral e ética bem ampla e definidas,

⁷⁷ CHAMPLIN, R.N., Bíblia teologia e filosofia, p. 761.

⁷⁸ MATEOS, J.; CAMACHO, F., Jesus e a comunidade de seu tempo, p. 27.

⁷⁹ JOHSON, P., História dos judeus, p. 48.

transmitidas através da Torá e que abrangem todas as áreas da vida. O indivíduo, em consequência de seu estado impuro, era considerado indigno de Deus, fora da benevolência e graça divina. Ter relacionamentos com os sujeitos considerados impuros pelo judaísmo significava contrair suas impurezas. Em função disso, os judeus impossibilitavam construir qualquer tipo de relação com os gentios, em si impuros; não entravam em suas casas nem se sentavam à mesa com eles, para não contraírem suas imoralidades.⁸⁰

2.4.5

As Principais Festas Judaicas

A Páscoa:

A palavra páscoa vem do hebraico pasah, e significa “coxear, mancar, passar junto a, passar sem deter-se, atravessar, pular, dar saltos”.⁸¹ Essa festa tem origem no Egito em face da tradição registrada na Torá de que o anjo destruidor passou por sobre as casas dos egípcios matando seus primogênitos:

Chamou, pois, Moisés a todos os anciãos de Israel, e lhes disse: Escolhei e tomai vós cordeiros para vossas famílias, e imolai a Páscoa. Então tomai um molho de hissopo, molhai-o no sangue que estiver na bacia, e marcai a verga da porta e as suas ombreiras com o sangue que estiver na bacia. Nenhum de vós saia da porta da sua casa até pela manhã. Quando o Senhor passar para ferir os egípcios, verá o sangue na verga da porta e em ambas as ombreiras, e passará aquela porta, e não deixará o destruidor entrar em vossas casas para vos ferir (Ex 12, 21-23).

A morte dos primogênitos egípcios foi à última praga e tornou-se necessária para persuadir Faraó e atingir todo o Egito, objetivando permitir que Israel saísse do país depois de séculos de opressão e escravidão.⁸² A Páscoa para Israel significa libertação, livramento e independência e tem origem nessa experiência de fé com Deus, “O Egito saberá que Eu Sou Deus” (Ex 7,5).

Por ocasião da festa da Páscoa, milhares de peregrinos se concentravam em Jerusalém, não havia alojamentos para todos na cidade, sendo necessário procurar

⁸⁰ JOHNSON, P., História dos Judeus, p. 47-49.

⁸¹ SCHÖKEL, L., A. Pasah. In: Dicionário Bíblico Hebraico-Português, p. 542.

⁸² GROSS, F., O coração do Faraó, p. 16.

abrigo em aldeias da periferia. Em dias de festa, era difícil encontrar alojamento em Jerusalém, muitos peregrinos procuravam abrigo nos povoados existentes ao redor da cidade, alguns, encontravam abrigo em Betânia. Nesse local Jesus permaneceu por ocasião de sua última estadia em Jerusalém “E, deixando-os, saiu da cidade para Betânia, onde passou a noite” (Mt 21,17). O maior número de peregrinos era, portanto, obrigado a erguer tendas em torno da cidade⁸³. Flavio Josefo confirma que multidões armavam suas tendas nos arredores de Jerusalém.⁸⁴

A Páscoa veio a ser um memorial da libertação dos hebreus da escravidão no Egito, essa festa de acordo com a Torá (Ex 12), era celebrada desde o pôr-do-sol do mês de abibe na primavera. Posteriormente recebeu o nome de Nisã, mudanças adicionais ocorreram com o desenvolvimento histórico da Páscoa, como a festa agrícola dos pães asmos que foi adicionada.

A cerimônia pascoal ocorre nas duas primeiras noites, que se desenvolveu a partir da refeição pascal ensinada em Ex 12 e Dt 16, é aí que a família se reúne. É cantado um texto ritual especial, que conta a história do Êxodo realçada, mesclada com certos salmos, cânticos religiosos e orações; em seguida a refeição tradicional que serve de memorial é consumida.

Shavuot ou Pentecostes:

A palavra hebraica Shavuot significa “semanas” e estará sempre relacionada com o número sete, porque a Festa é celebrada “sete semanas” depois da Páscoa: “...contareis sete semanas completas. Contareis cinquenta dias até o dia seguinte ao sétimo sábado” (Lv 23,15-16). Era conhecida também como festa da colheita (Ex 23,16), posteriormente ficou conhecida também como festa das semanas (Dt 16,10), porque fazia alusão às diversas semanas que se tinham de passar entre a Páscoa e essa observância. Esse período de dias era exatamente 7 semanas (50 dias), essa festa marcava a colheita do trigo, e agia como campanha de santificação de todo o período da colheita da Páscoa ao pentecostes. Para essa festa era requerido à presença obrigatória do judeu do sexo masculino em Jerusalém, a fim de participar das

⁸³ SAULNIER, C.; ROLLAND, B., A Palestina no tempo de Jesus, p. 48.

⁸⁴ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p. 1462.

cerimônias e celebrações, nenhum trabalho manual podia ser feito, exceto aquilo relacionado à festa.

Por ocasião da festa de pentecoste Jerusalém recebia muitos peregrinos atraídos de toda parte do mundo, para as festas judaicas, principalmente a Páscoa e logo em seguida a de Pentecostes, conforme relato do livro de Atos:

Homens piedosos de todas as nações, que estavam em Jerusalém: Partos, Medos e Elamitas e os que habitavam na Mesopotâmia, Judéia e Capadócia, Ponto e Ásia, Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia perto de Cirene, forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes (At 2,5-11).

Pentecostes é uma palavra grega cujo significado é quinquagésimo dia; passou a ser também uma festa cristã, celebrada após a contagem de dias observados à Páscoa. Segundo Araújo, o termo Pentecostes aparecerá exclusivamente em ambiente cristão, conforme registrado no livro de Atos e na primeira carta aos coríntios. Em Atos os apóstolos encontram-se reunidos por ocasião de completar cinquenta dias (At 2,1), e em Coríntio Paulo desejou passar o dia de Pentecostes em Jerusalém (1Co 16,8). Estas são as únicas referências ao termo Pentecostes em toda Bíblia.⁸⁵ Segundo Dt 16.16 a festa de shavout ou pentecoste era considerada dia de júbilo, dia que o povo rendia graças a Deus por abundante benção na colheita.

Tendas ou Tabernáculos:

A Festa dos Tabernáculos, ou Tendas, chamada em hebraico de Sucot, está na lista das três mais importantes festas de Israel, junto com as festividades da páscoa ou pessach e pentecostes ou shavuot, através delas, os israelitas celebram e transmitem sua história. O nome da festa dos tabernáculos tem sua origem nas cabanas ou tendas na qual Israel viveu durante os quarenta anos que peregrinou pelo deserto. Depois da morte da geração que vagueou no deserto, Deus dá uma ordem aos israelitas:

Celebrareis assim uma festa para Iahweh, por ano. É lei perpétua para vossos descendentes. No sétimo mês fareis esta festa. Habitareis durante sete dias em cabanas todos os naturais de Israel habitarão em cabanas, para que vossos descendentes saibam que eu fiz os filhos de Israel habitar em cabanas, quando os fiz sair da terra do Egito. Eu sou Iahweh vosso Deus (Lv 23,41-43).

⁸⁵ ARAUJO, G. L., A festa de Shavout, p. 313.

A festa dos Tabernáculos era comemorada no sétimo mês do calendário judaico, cinco dias após o dia da Expição e duravam sete dias (Ex 23,16-17). Faziam-se tendas toscas, com ramos de palmeiras, folhas e raminhos; e, o povo habitava, durante a semana da festa, nessas tendas. Dessa maneira o povo lembrava o tempo que Israel fora forçado a viver quando Deus os tirou da terra do Egito (Lv 23,33-43).

O Sábado:

O sábado ou dia do descanso era muito importante na cultura de Israel e a falta de sua observância era punida no Antigo Testamento com a morte. Certo homem, que foi achado juntando gravetos, em dia de sábado, foi apedrejado, conforme relatado no livro de Números:

Enquanto os filhos de Israel estavam no deserto, um homem foi surpreendido apanhando lenha no dia de sábado. Aqueles que o surpreenderam recolhendo lenha trouxeram-no a Moisés, a Arão, e a toda a comunidade. Puseram-no sob guarda, pois não estava ainda determinado o que se devia fazer com ele. Iahweh disse a Moisés: Tal homem deve ser morto. Toda a comunidade o apedrejará fora do acampamento. Toda a comunidade o levou para fora do acampamento, e o apedrejou até que morreu, como Iahweh ordenara a Moisés (Nm 15,32-36).

A convocação sabática indicava que esse dia era dedicado a Deus, para adoração e descanso. Com isso o homem cuidava da vida espiritual e ficava impedido da alienação que o trabalho incessante proporcionava, ao mesmo tempo freava a exploração dos mais fracos pelos fortes, escravos e estrangeiros.

Guardarás o dia de sábado para santificá-lo, conforme ordenou Iahweh teu Deus. Trabalharás durante seis dias e farás toda a tua obra; o sétimo dia, porém, é o sábado de Iahweh teu Deus. Não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu escravo, nem tua escrava, nem teu boi, nem teu jumento, nem qualquer os teus animais, nem o estrangeiro que está em tuas portas. Deste modo o teu escravo e a tua escrava poderão repousar como tu. Recorda que foste escravo na terra do Egito, e que Iahweh teu Deus te fez sair de lá com mão forte e braço estendido. É por isso que Iahweh te Deus ordenou guardar o dia d sábado (Dt 5,12-15).

No Novo Testamento a prática do sábado tendeu para uma espécie de absoluta escravidão humana. Para os letrados do tempo de Jesus, a guarda do sábado era o mandamento supremo, quem o observava, fielmente, cumpria toda a Lei. A religiosidade tinha um aspecto superficial, não se preocupava com a mudança interior, do caráter.

Os sacerdotes no templo podiam exercer todas as atividades no sábado

No dia do sábado, oferecereis dois cordeiros de um ano, perfeitos e dois décimos de flor de farinha, em oblação, amassada com azeite, e igualmente a sua libação (Nm 28,9).

Ou não lestes na Lei que com os seus deveres sabáticos os sacerdotes no Templo violam o sábado e ficam sem culpa? (Mt 12,5).

e qualquer pessoa podia fazer algo proibido em prol de sua própria vida em caso de perigo de morte.

2.5

As Ideologias Judaicas

2.5.1

Os Saduceus

É no período dos Macabeus, época de prosperidade política e econômica, que os saduceus aparecem organizados. Eles eram um grupo formado pelos mais ricos, das famílias da alta hierarquia sacerdotal, proprietários de muitas terras, eram pessoas das classes mais elevadas da sociedade judaica.⁸⁶ Eles, por pertencerem à elite sacerdotal não eram numerosos nem populares, seus ideais não alcançavam a população, possuíam uma exegese da Escritura, que seguiam como norma de vida.⁸⁷

No campo político os saduceus eram pacifistas, não tinham razões políticas de polarização ao império romano, tinham muita influência no curso político da Palestina do século II a.C, ao século I d.C.,. A visão que tinham do homem era a visão grega cosmopolita, nesse tema se diferenciavam em muito dos fariseus. Os saduceus por pertencerem à classe dominante, não tinham o espírito messiânico dos fariseus e isso os capacitou para uma influência mais aberta ao helenismo.

Os saduceus acreditavam que somente a Lei, Torá, era inspirada, como consequência não aceitava a ressurreição e nem a vida futura,⁸⁸ nem anjos (At 23,8), também não aceitavam que Deus pudesse intervir com providência no mundo dos homens. Só aceitavam os cultos realizados no Templo porque acreditavam que Deus estava presente somente ali. Os saduceus tinham um papel importante no sinédrio, já

⁸⁶ JEREMIAS, J., Jerusalém no tempo de Jesus, p. 312.

⁸⁷ JEREMIAS, J., Jerusalém no tempo de Jesus, p. 315.

⁸⁸ JEREMIAS, J., Jerusalém no tempo de Jesus, p. 315.

no templo controlavam as riquezas e participavam das atividades relacionadas à segurança. Em face do exposto, estavam associados com a modernidade greco-romana e se distanciava em muito do judaísmo tradicional. Pauli descreve que o conceito de Deus nos saduceus era mais filosófico e metafísico, um Ser distante e de interferência eventual no mundo. A ideia messiânica dos saduceus era quase que inexistente porque não tinha o sentido de salvar o povo, como pregava outros grupos messiânicos. Os saduceus tinham mais influências da cultura helênica e romana, o conceito messiânico de Messias era muito moderado e não estimulava a desobediência civil, o sumo sacerdote era nomeado pela autoridade romana, de acordo com o entendimento de que a religião era administrada pelo Estado. Dentro desse entendimento está coerente a narrativa de que os saduceus entregaram Jesus a Pilatos. Uma vez que foi acusado de provocar revolução, provocando rebelião, o assunto lhes escapava das mãos, situando-se no plano da competência política do procurador romano. No tempo de Jesus as nomeações dos sumos sacerdotes eram indicadas pela família de Anás.⁸⁹ Os saduceus são retratados nos Evangelhos como opositores do ministério de Jesus (Mt 16,1-2). Na ocasião da revolta popular contra os romanos, essa classe de aristocratas desapareceu no tempo em que o general Tito e suas tropas invadiram a Judéia e destruíram o templo no ano 70 d.C.,⁹⁰

2.5.2

Os fariseus

O termo fariseu significa, em hebraico, separado e se refere à rígida observância da lei e das tradições por parte do grupo, era em grande parte, pessoas comuns, vinda do meio do povo.⁹¹ No entanto, tinham aproximação com os escribas de maneira que exercia limitadamente a função de escribas e mestres da lei, os evangelistas Mateus e Marcos não fazia distinção entre essas classes judaicas. Segundo o evangelho de Lucas Jesus distinguia os fariseus dos escribas,⁹² aqueles influenciavam as sinagogas, originada nos tempos do cativeiro babilônico e difundida por toda a região de Israel e extensão do mundo romano, essas sinagogas tinham um perfil de funcionamento com

⁸⁹ PAULI, E., Enciclopédia Simpozio, Cp 2.

⁹⁰ JEREMIAS, J., Jerusalém no tempo de Jesus, p. 316.

⁹¹ JEREMIAS, J., Jerusalém no tempo de Jesus, p. 333.

⁹² JEREMIAS, J., Jerusalém no tempo de Jesus, p. 342-343.

peculiaridades de escola religiosa. Em geral os fariseus eram leigos, membros influentes eram escribas,⁹³ havia entre eles alguns doutores da Lei, levitas e membros do sinédrio. Lucas registra: “Então se levantou, no Sinédrio, certo fariseu, chamado Gamaliel. Era doutor da Lei, respeitado por todo o povo. Ele mandou retirar os homens por um instante” (At 5,34.).

Diferentemente dos saduceus, os fariseus acreditavam na ressurreição dos mortos, no livre arbítrio do homem, na intervenção de Deus na história e na vida do homem, no poder soberano de Deus, na função da Lei como um obstáculo para os pecados dos homens. Admitiam a Torá, os Profetas e também as tradições orais, das quais o Talmud exercia grande influência na vida dos fariseus. Os profetas e as tradições representavam a crença nas doutrinas, que tiveram seu desenvolvimento no cativeiro babilônico e aparecem como grupo organizado no século II a.C.⁹⁴

Os fariseus se opunham a Jesus veementemente: “Saíram os fariseus e começaram a discutir com ele. Para pô-lo a prova, pediam-lhe um sinal vindo do céu” (Mc 8,11), “Alguns fariseus aproximaram-se dele e, para pô-lo a prova, perguntaram-lhe: É lícito o marido repudiar a mulher? (Mc 10,2); conspiravam com os herodianos, grupo político, para matar Jesus (Mc 3,6). Cristo remetia críticas contra a hipocrisia religiosa dos fariseus. Muitos fariseus se converteram ao cristianismo At 15,5), Saulo de Tarso antes de sua conversão era um expoente fariseu,⁹⁵ já como apóstolo diante de um conselho judaico se identificou como fariseu e filho de fariseu (At 23, 6; 26, 5). Depois da destruição do templo, no ano 70 da nossa era, o grupo não foi eliminado, pois estavam espalhados pelo mundo e bem organizados, passaram a dirigir o judaísmo e se opor ao cristianismo.

2.5.3

Os herodianos

Grupo político que apoiava o governo da família de Herodes, o Grande, de origem iduméia, destronou a dinastia asmonéia. Judeus tradicionais e religiosos conservadores se posicionaram contra por considerar Herodes rei ilegítimo, pois, não era judeu, “Um idumeu, de nome Antípatro, muito rico, empreendedor e hábil, era

⁹³ JEREMIAS, J., Jerusalém no tempo de Jesus, p. 342-343..

⁹⁴ JEREMIAS, J., Jerusalém no tempo de Jesus, p. 334.

⁹⁵ JEREMIAS, J., Jerusalém no tempo de Jesus, p. 344.

amicíssimo de Hircano e inimigo de Aristóbulo”.⁹⁶ As alianças políticas eram marcadas por acordos escusos que garantiria até mesmo com que o indivíduo vivesse por mais um tempo. Círculos judaicos apoiavam o regime de Herodes e de sua família, buscavam influencia e proteção, e que, por este motivo, eram chamados herodianos, eram eles, cortesãos, funcionários reais e principais personalidades da Galileia (Mc 6,21). Os herodianos são mencionados em Mateus e Marcos conspirando com os fariseus para matarem Jesus. Os herodianos unidos a alguns fariseus tentavam apanhar Jesus com uma pergunta sobre o pagamento de impostos ao César. Este grupo desapareceu com o efetivo domínio romano na região palestina.

2.5.4

Os essênios

Surgiram no século II A.C., habitaram no deserto de Qumran, até a expulsão pelos romanos no ano 70 d.C.,⁹⁷. Eram celibatários, tinham a religião voltada mais para a escatologia⁹⁸. Foram citados por escritores antigos como o historiador romano Plínio, o Velho (23-79 d.C.); Flavio Josefo (Antiguidades judaicas II, XVIII e Guerras judaicas II,12) e nos escritos rabínicos, Filo de Alexandria (20 a.C. – 50 d.C.)⁹⁹.

A partir de 1947 foram descobertos nas cavernas do deserto de Qumran, no mar morto, 800 pergaminhos escritos entre 250 a.C. e 100 d.C., contendo os mais antigos fragmentos da Bíblia Hebraica.¹⁰⁰ Nestes pergaminhos estão registradas regras de pureza, cultos, doutrinas e atividades dos essênios, eram mais escrupulosos que os fariseus. A observância das leis religiosas era severa, constituíam uma comunidade muito hierarquizada e organizada, para serem puros, tomavam banho diversas vezes ao dia. Não participavam das cerimônias do culto e nem do templo, mas enviavam os donativos.¹⁰¹ Acreditava que o sacerdócio era ilegítimo, impuro, substituindo assim, o

⁹⁶ JOSEFO, F., *Antiguidades*, cp. 14. 2.1.

⁹⁷ JEREMIAS, J., *Jerusalém no tempo de Jesus*, p. 334.

⁹⁸ JOSEFO, F., *Historia dos hebreus*, p. 1013.

⁹⁹ DENOVA, R., "Essênios." *World History Encyclopedia*.

¹⁰⁰ SAULNIER, C.; ROLLAND, B., *A Palestina no tempo de Jesus*, p. 82.

¹⁰¹ MAIER, J., *Entre os dois Testamentos*, p. 289.

holocausto pela santidade de vida, aguardando de Deus a restauração do sacerdócio e do templo.¹⁰²

Os essênios eram conduzidos por normas rígidas, como por exemplo, aquele que for pego nu pelo próximo, sem que tal seja necessário, seria castigado por seis meses. Abaixo citação dos essênios que eram observadas dentro de suas comunidades. Segundo Pauli, a comunidade essênia tinha normas rígidas, como por exemplo, quem fosse apanhado andando nu perante o próximo seria castigado por seis meses, quem andasse com roupa rasgada a ponto de aparecer à nudez, seria punido com trinta dias. Recebia punição também quem maldizer do seu próximo, seria privado, durante um ano da alimentação sagrada. Quem maldissesse também dos chefes, assim como falar mal da comunidade seriam mandados embora e não poderia voltar nunca mais.¹⁰³

Os essênios foram descritos como um grupo fechado que se consideravam como o exército santo de Deus, que um dia combateriam os ímpios na terra, e no tempo de Deus, e no mundo espiritual os anjos combateriam os demônios, em um combate escatológico que daria vitória final de Deus e dos seus santos.¹⁰⁴ Diante dessa crença, os essênios queriam estar sempre prontos se preparando para o momento do agir de Deus, com observância de normas rígidas e tradicionalismo absoluto. Rejeitavam o calendário selêucida e usavam o antigo, por isso, não celebravam a Páscoa na mesma data do judaísmo.¹⁰⁵

¹⁰² MATEOS, J.; CAMACHO, F., Jesus e a sociedade de seu tempo, p. 39.

¹⁰³ PAULI, E., Enciclopédia Simpózio, p. 32.

¹⁰⁴ MAIER, J., Entre os dois Testamentos, p. 295.

¹⁰⁵ SAULNIER, C.; ROLLAND, B., A Palestina no tempo de Jesus, p. 83.

3

O conhecimento de Deus e as mudanças de pensamento

3.1

O conhecimento de Deus no Antigo Testamento

Os escritores do Antigo Testamento não julgaram necessária a apresentação de argumentos comprobatórios para estabelecer a prova da existência de Deus.¹⁰⁶ Este se apresenta nas experiências religiosas dos homens, não há de se ver Deus se revelando nas especulações filosóficas humanas. Os profetas do Antigo Testamento baseavam seus ensinamentos na comunicação direta que Deus tinha com eles. A realidade de Deus é reconhecida quando Ele toma a iniciativa nas comunicações com o homem, como descrito no livro do Êxodo por ocasião do Anjo do Senhor aparecer para Moisés em uma chama de fogo do meio duma sarça. Um fenômeno sobrenatural porque a sarça não se consumia, tendo a voz chamado Moisés pelo nome, se identificou como o Deus dos patriarcas e temeu olhar em direção da sarça (Ex 3,2-6).

Deus pode ser conhecido à medida que se revela a si mesmo, esse conhecimento está restrito ao conhecimento da pessoa de Deus, suficiente para que os homens possam reconhecê-lo como criador do Universo.¹⁰⁷ No livro de Jó 11,7 há uma pergunta que demonstra certa curiosidade da alma humana em conhecer os mistérios divinos: “Poderás descobrir as coisas profundas de Deus?”. Há um entendimento geral no Antigo Testamento sobre a possibilidade de entender e descobrir os mistérios da natureza de Deus, através de seus atos reveladores. Para os autores do A.T, falar de Deus, não era especular sobre sua Eternidade, ou o princípio transcendente, e sim o reconhecimento consciente de que Deus atua inteligentemente, sabiamente com planos e propósitos, é Senhor exigente em obediência aos seus mandamentos, e essa maneira de ser vem de sua própria natureza (Dt 11,2-7).

¹⁰⁶ SMITH, R., Teologia do Antigo Testamento, p. 89.

¹⁰⁷ RICHARDSON, A., Teologia do Novo Testamento, p. 45.

Deus pode ser conhecido porque ele se revela a si mesmo, é uma norma do próprio Deus se comunicar e se fazer entender pela criatura, “Deus se faz norma da nossa compreensão de Deus pelo fato de ele se nos comunicar e ao mesmo tempo nos conceder a possibilidade de entender a sua autocomunicação como sendo a sua.”¹⁰⁸

Há de se crer também que ele se revela para pessoas que almejam conhecê-lo, a abundância de sua graça repousa na humildade da criatura que sabe que não pode conhecer a Deus na glória de sua transcendência. Deus habilita o homem a reconhecê-lo como Criador de todas as coisas, o Senhor do Universo, que atua com inteligência e sabedoria, têm planos e propósitos, exige obediência aos seus mandamentos, sua natureza é revelada nas suas leis, como o santo de Israel, como diz o profeta Isaías: “para que todos vejam e saibam, considere e entenda que a mão do Senhor fez isto, que o santo de Israel fez isto” (Is 41,20).

O modo como Deus se fez conhecido, demonstra o amor de Deus em todos os seus atos da revelação. O conhecer se fez pela autorrevelação, se não fosse por esse caminho o homem jamais seria capaz de adquirir qualquer conhecimento de Deus, na medida em que este se faz conhecido, o homem tem algo de Deus que é transmitido pela revelação, cabe ao homem assimilar e refletir o conhecimento a ele transmitido, aquele que criou todas as coisas, cuida da criação.¹⁰⁹ Nas Escrituras a comunicação entre o ser divino e o homem sempre é iniciada por Deus, como várias vezes falou a Abraão registrado no livro de Gênesis: “... apareceu-lhe o Senhor e lhe disse: Eu sou o Deus Todo-poderoso; anda na minha presença, e sê perfeito” (Gn 17,1).

Há na Bíblia testemunho da possibilidade de se conhecer a existência de Deus através da revelação natural, encontrada na natureza, na consciência humana e no governo providencial do mundo. A revelação geral é atestada no Antigo Testamento nas seguintes passagens do livro de salmos: “Os céus contam a glória de Deus, e o firmamento proclama a obra de suas mãos. O dia entrega a mensagem a outro dia, e a noite a faz conhecer a outra noite” (Sl 19,1-2). No gênesis: “No princípio, Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas” (Gn 1,1-2). Nos salmos: “De Yahweh é

¹⁰⁸ SHNEIDER, T., Manual de dogmática, p. 18.

¹⁰⁹ AGOSTINHO., A doutrina cristã, p. 37.

a terra e o que nela existe, o mundo e seus habitantes; ele próprio fundou-a sobre os mares e firmou-a sobre os rios” (Sl 24,1-2).

Através da natureza, segundo o testemunho das Escrituras sagradas é possível conhecer que alguém superior, inteligente governa todas as coisas, assim como através dos dados da consciência humana e os desígnios de Deus na história. Segundo Ott através da natureza a criatura racional pode conhecer o seu Criador, saber que existe um ser poderoso acima da criatura. Corrobora com esse mesmo pensamento o apóstolo Paulo que afirma que a criatura não tem desculpa, pois a natureza aponta para um poder racional, um conhecimento natural mediado e facilmente acessível. Os incrédulos através de sua consciência conhecem naturalmente, sem revelação sobrenatural, o essencial da lei do Antigo Testamento. Em seus corações está gravada uma lei da qual os forçam a serem conscientes do Supremo Legislador. Através da história, Deus dá testemunho de si mesmo aos povos, e ministra seus benefícios que são incessantes, o apóstolo Paulo referiu esse ato divino discursando no Areópago que é fácil encontrá-lo, pois está muito próximo de cada um de nós.¹¹⁰

Tornou-se costume falar de revelação geral ou natural, e revelação especial ou sobrenatural de acordo com dados bíblicos. Essa distinção é baseada na maneira pela qual é comunicada ao homem. A revelação é natural quando tem sido comunicada por meio da natureza, por meio da criação visível. É chamada sobrenatural sempre que é comunicada ao homem de maneira especial, na comunicação direta de Deus, ou por mensageiros dotados de poderes sobrenaturais.¹¹¹

No Antigo Testamento os escritores não questionam a existência ou não de Deus, esta verdade esta pautada no Pentateuco. Nos livros sapienciais, para eles Deus é de fato real, não é preocupação da Bíblia, capacitar o homem a atingir conhecimento científico de Deus como a causa última de todas as coisas, o conhecimento dos mistérios divinos que envolvem o ser de Deus não é demonstrável a priori racionalmente, mas deve ser aceito pela fé. Em virtude de o homem estar preso em sua incapacidade racional de reconhecer a soberania de Deus sobre todas as coisas, o distanciamento é inevitável. Deus se revela de forma sobrenatural ao homem

¹¹⁰ OTT, L., Manual de teologia dogmática, p. 23.

¹¹¹ SMITH, R. L., Teologia do antigo testamento, p. 89.

na qualidade de pecador, e, pode ser compreendido e assimilado somente pela fé. Na revelação especial a ação sempre parte de Deus, essa aproximação tem por objetivo trazer o homem à comunhão e conhecimento de Deus.¹¹²

A certeza de que Deus pode ser conhecido é revelado na Bíblia porque ele se revela a si mesmo. A palavra hebraica “*yadha*” significa “conhecer pessoalmente” (Gn 12,11); “conhecer por experiência” (Js 23,14); “ganhar conhecimento” (Sl 119,152); “conhecer o caráter de uma pessoa” (2 Sm 3,25); “Conhecer a Deus” (Ex 5,2); outros versículos descrevem também o conhecimento que Deus tem de pessoas como registrado em Oséias: “Eu conheço a Efraim, e Israel não me está oculto; porque agora te tens prostituído, ó Efraim, e se contaminou Israel” (Os 5,3). Assim como no livro de Jó: “Certamente ele conhece os homens vãos; e quando vê a iniquidade, não a terá em consideração?” (Jó 11,11). O conhecimento de Deus traz benefícios para o homem e resulta em adoração e obediência inteligente à sua vontade “A mim clamam: Deus meu, nós, Israel, te conhecemos” (Os 8,2); “Derrama o teu furor sobre as nações que não te conhecem, e sobre os reinos que não invocam o teu nome” (Sl 79,6). Segundo os profetas do Antigo Testamento, o conhecimento de Deus traz discernimento da natureza divina, esse conhecimento é aquele de intimidade e confiança absoluta, de comunhão e dependência, habilitado o homem a reconhecer as verdadeiras manifestações e vontade de Deus. A autorrevelação de Deus prioriza a comunicação de forma pessoal e é tão real e verdadeiro como o relacionamento pessoal com qualquer outra pessoa. Quando Deus se revela de forma especial ao homem, constroem-se experiências impactantes em múltiplas áreas da vida. A experiência de Isaías com Deus transformou a sua vida, e determinou a direção do seu serviço na história do seu povo, relatada pelo profeta que se via como um pecador de lábios impuros, e no meio daquela experiência sobrenatural um dos serafins tocou em sua boca com brasas vivas e a sua iniquidade foi tirada e sentiu seu pecado perdoado (Is 6,1-7). Essa experiência pode ser vista também na vida de Moisés, Arão, Nadabe e Abiú: “E viram o Deus de Israel, e debaixo de seus pés havia como uma obra de pedra de safira, e como o parecer do céu na sua claridade” (Ex 24,10).

¹¹² CRABTREE, A. R., Introdução ao Novo Testamento, p. 43.

A finalidade das Escrituras sagradas é a de revelar Deus e fazê-lo conhecido por suas atividades na história e nas experiências que homens de fé tenham com ele, a fé leva o homem a ter comunhão com Deus e a causa disso é o conhecimento de Deus. No Antigo Testamento o conhecimento mais importante de Deus, é ter comunhão pessoal com ele. O relacionamento pessoal com o Senhor tirou as dúvidas de Jó e resolveram seus problemas de fé e conflitos espirituais, sua aproximação com Deus inspirou-o na confiança, na bondade e na justiça divina. Essa confiança não surgiu de uma explicação racional dos mistérios da providência divina na vida do justo, e sim, de uma comunhão íntima cheia de fé, como relata em sua experiência de fé e comunhão: “Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te veem os meus olhos. Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42,5-6).

A palavra “conhecer” e “não conhecer” o Senhor é frequente no Antigo Testamento como registrado no livro de Isaías: “o boi conhece o seu possuidor, e o jumento a manjedoura do seu dono, mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende” (Is 1,3) O profeta Jeremias fala daqueles que tratam da Lei “Os sacerdotes não perguntaram: Onde está o Senhor? Os que tratavam da lei não me conheceram; os pastores se rebelaram contra mim. Os profetas profetizaram por Baal...” (Jr 2,8). Jeremias ainda fala da loucura dos homens em não conhecer o Senhor: “Deveras o meu povo está louco, já não me conhece. São filhos néscios, e não entendidos. Sábios são para fazerem o mal, mas não sabem fazer o bem” (Jr 4,22). Ainda o profeta Oseias fala que vale mais ter conhecimento de Deus do que sacrificar em holocaustos: “Pois eu quero misericórdia, e não o sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos” (Os 6,6).

O conhecer no Antigo Testamento é diferente do conhecer da vida moderna. Na contemporaneidade conhecer significa compreender pela razão, analisar e buscar relações de causa e efeito. Para os profetas do Antigo Testamento conhecimento significa “comunhão”, intimidade. O conhecimento de Deus é mais do que um simples conhecimento intelectual. Para Vriezen, esse nível de conhecimento é comunhão e fé, é um conhecimento do coração que exige amor incondicional da parte do homem, sua exigência fundamental é que o homem proceda de acordo com a

vontade de Deus e seja humilde nos caminhos da fé, e essa atitude é de rendição total a Deus como Senhor.¹¹³

Conhecer a Deus no Antigo Testamento implica dizer: compromisso, confiança absoluta, obediência. Conhecer é obedecer e comprometer-se. “Não conhecer” significa rebelar-se contra Deus, negar compromisso, negar comunhão. Os israelitas do passado não tiveram essa percepção de Deus, da comunhão pessoal com Ele, viam-no como castigador e repreensor, essa visão construída na religião popular por aqueles que a interpretavam trouxe uma vida religiosa exteriorizada como se vê em alguns livros do Antigo Testamento, morre-se o líder religioso dos israelitas e logo a confiança em Deus, o amor grato a ele, a consideração por ele são perturbados.

Para Moisés a Lei é uma revelação do santo Deus, era considerada Palavra de Deus,¹¹⁴ essa revelação não está no campo da plenitude, mas limitado no campo do revelado, especialmente para trazer à luz a sua vontade, em contraste com o pecado do povo. O âmago da Lei era o decálogo, as declarações divinas relatadas por Moisés. A primeira parte trata do relacionamento entre Deus e o homem.

Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima no céu, nem debaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas, nem as servirás; pois eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem, mas faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam, e guardam os meus mandamentos. Não tomará o nome do Senhor teu Deus em vão, pois o Senhor não terá por inocente ao que tomar o seu nome em vão. Guarda o dia de sábado para o santificar, como te ordenou o Senhor teu Deus. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus. Não farás nenhuma obra nele, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu boi, nem o teu jumento, nem animal algum teu, nem o estrangeiro que está na tua cidade, para que o teu servo e a tua serva descansem como tu. Lembra-te de que foste servo na terra do Egito, e que o Senhor teu Deus te tirou dali com mão forte e braço estendido. Pelo que o Senhor teu Deus te ordenou que guardasses o sábado (Dt 5,6-15).

A segunda parte trata das relações entre os homens

Honra a teu pai e a tua mãe, como o Senhor teu Deus te ordenou, para que se prolonguem os teus dias, e para que te vá bem na terra que o Senhor teu Deus te dá. Não matarás. Não adulterarás. Não furtarás. Não dirás falso testemunho contra o teu

¹¹³ VRIEZEN, TH, C., *Godsdienst van Israel*, p. 154.

¹¹⁴ FOHRER, G., *Estruturas teológicas fundamentais do Antigo Testamento*, p. 18.

próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo. Não desejarás a casa do teu próximo, nem o seu campo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo (Dt 5,16-21).

O pacto entre Deus e o homem foi firmado no decálogo, o homem obedece, tem proteção e prosperidade, na desobediência obscuridade e maldição. Os rabinos acreditavam que a Lei dada aos israelitas deveria separar para sempre o povo escolhido de outros povos pagãos. A Lei deveria ser uma espécie de muro ao redor de Israel para proteger das influências estrangeiras.¹¹⁵ É certo que o povo sempre derrubou, pela desobediência, o muro da separação, deixando seduzir-se pelas práticas idólatras desregradas. Essa desobediência trouxe consequências assustadoras do juízo divino, os israelitas voltavam ao pastoreio divino quando as lutas eram difíceis de suportar. Precisavam reconhecer certa associação com o pecado, humilhar-se diante da Lei de Deus e habituar-se à piedade. Todavia, o legalismo exterior foi colocado em evidência, ensoberbeceram em justiça própria e desenvolveram um espírito de condenação dos gentios, criaram dogmas e um culto com uma adoração que visava à aparência exterior de religião com objetivo de despertar a admiração do outro. O judaísmo bíblico tornou-se superficialmente e impotente para satisfazer espiritualmente o povo. O culto dos sacrifícios e da observância da lei, que nunca era cumprida em sua totalidade, trouxe um cansaço espiritual na população, restringiu-se o judaísmo a festas nacionais e observâncias orgulhosas, sem, no entanto, trazer mudança no caráter pessoal.

3.2

O conhecimento de Deus no Novo Testamento

Cristo está no centro do pensamento teológico do Novo Testamento e podemos perceber já no evangelho de Mateus: “Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11,27). Por esta passagem, Jesus se considera em uma relação de igualdade com Deus Pai, esse relacionamento tem como base a obediência. Segundo Bento XVI, o evangelho de João é decisivo nessa relação perfeita:

Conhecer verdadeiramente Deus pressupõe comunhão com Deus, unidade de ser com Deus. Deste modo, é dito pelo Senhor numa exclamação de oração o mesmo que

¹¹⁵ CRABTREE, A. R., Introdução ao Novo Testamento, p. 54.

escutamos na muito refletida palavra conclusiva do prólogo de S. João: “Ninguém jamais viu a Deus. O único, que é Deus e que repousa no coração de Deus, é que o revelou” (Jo 1,18). Essa palavra fundamental é – isso se mostra agora – explicação daquilo que aparece na oração de Jesus, no seu diálogo filial. Torna-se, assim, ao mesmo tempo evidente o que é “o Filho”, o que isto significa; perfeita comunhão de conhecimento, que á ao mesmo tempo comunhão de ser.¹¹⁶

No passado Israel como filho de Iahweh recusara obedecer, de maneira que agora o Filho deve obediência perfeita pelo qual o verdadeiro conhecimento de Deus será revelado. Segundo Richardson as Escrituras testemunham que só o Filho conhece o Pai, e só ele foi capaz de obedecer ao Pai eficientemente, assim o Pai o escolheu como meio divino escolhido para trazer o conhecimento de Deus ao mundo. Cristo se tornou a luz dos gentios ao mesmo tempo em que Israel se tornara o filho rebelde, o Novo Testamento testemunha que fora de Cristo não há verdadeiro conhecimento de Deus no mundo e essa afirmação é difícil de ser compreendida na contemporaneidade. Não estamos falando sobre dominar conceitos filosóficos sobre a natureza e os atributos de Deus, mas o conhecimento que se adquire por meio de relações pessoais com Ele. Somente por meio de Cristo, o Filho de Deus, a humanidade poderá conhecer Deus no sentido bíblico.¹¹⁷

Segundo essa linha de pensamento nas Escrituras, fora de Cristo não se pode conhecer a Deus, visto que Cristo é a porta de entrada para o conhecimento perfeito de Deus. É necessário que o indivíduo que queira Deus, entre em perfeita comunhão com Jesus, assim como há perfeita união entre Cristo e Deus Pai, todo conhecimento real do pai é coparticipação no conhecimento do Filho, a vontade do Filho é a vontade do Pai, ambas as vontades estão imersas entre si, como reitera Bento XVI:

A vontade do Filho constitui uma unidade com a vontade do Pai. Isso é sem dúvida um motivo contínuo dos Evangelhos em absoluto. No Evangelho de S. João, é com especial energia evidenciado que Jesus está na sua vontade totalmente imerso na vontade do Pai. De modo dramático, é apresentado o ato da união da vontade e da fusão de ambas as vontades na hora do jardim das Oliveiras, em que Jesus se despoja da vontade humana e se interioriza na sua autêntica vontade de Filho e, assim, na unidade de vontade com o Pai.¹¹⁸

¹¹⁶ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, p. 287-288.

¹¹⁷ RICHARDSON, Alan., Introdução à Teologia do Novo Testamento, p. 46.

¹¹⁸ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, p. 288.

O conhecimento de Deus começa com o ato de fé em Cristo, em uma confiança inabalável à sua palavra, aqueles que não ouvem, não podem conhecer suas palavras, como enfatiza o quarto evangelho: “Por que não entendeis a minha linguagem? Por não poderdes ouvir a minha palavra” (Jo 8,43). Crer e receber Jesus não depende de ouvi-lo e vê-lo, muitos que viram não creram: “Mas há alguns de vós que não creem. Porque bem sabia Jesus, desde o princípio, quem eram os que não criam” (Jo 6,64).

O Evangelho de João não tem introdução como os sinóticos da vida de Jesus. João coloca o leitor na presença do Eterno e mostra-o em seguida entre os homens: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus... Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens” (Jo 1,2-4). João identifica o Verbo com Cristo, o Verbo estava com Deus, o Verbo é Deus. Esta passagem do quarto evangelho traz uma revelação única de Jesus Cristo como Deus Criador, Deus bendito eternamente na perpetuidade de sua preexistência. João começa com a origem divina e eterna do Filho de Deus, ele satisfaz as necessidades mais profundas de todo homem que ele queira ou não. Este evangelho revela que Cristo é o único que pode falar de Deus com autoridade, porque ele estava com Deus na eternidade; a vida não criada, no sentido que tem vida própria, autoexistente, divina e eterna, sua presença bendita habitou entre os homens e trouxe uma revelação de Deus jamais vista. Não há o que se duvidar de que no evangelho de João a divindade de Jesus aparece claramente.¹¹⁹

Este é o novo caminho de fé para o homem, não são mais as obras da lei, ou os privilégios nacionais, ou sistemas religiosos, castas sacerdotais, mas é a fé de todos os que recebem o Cristo de Deus, no que Ele é, no que Ele tem, no que diz. Aqueles que creem no seu nome fazem parte do novo povo de Deus conforme registrado pelo apóstolo João: “mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, isto é, aos que creem em seu nome” (Jo 1,12). Crer assim não é conquista humana, é dom de Deus, confiança pessoal e entrega a Cristo, crer para João é ter conhecimento de que Cristo procede do Pai, ouvir e obedecer leva ao conhecimento, não é possível conhecer sem crer. Pedro creu e confessou: “Nós temos

¹¹⁹ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, p. 193.

crido e conhecido que tu és o Santo de Deus” (Jo 6,69), isso só foi possível porque o Pai se revelou primeiro.

Segundo Richardson conhecer para o apóstolo João significa ter uma relação pessoal, uma experiência pessoal com alguém, fato diferente do simples conhecimento por descrição. No evangelho de João encontramos um exemplo deste tipo de conhecimento na relação de Cristo com o Pai diante da sua perfeita obediência e identidade de vontade com Ele, obedecer ao mandamento divino é conhecê-lo. Este é o critério para todos que buscam comunhão e conhecimento de Deus: conhecer Cristo é conhecer o Pai, por efeito da união hipostática de Cristo com o Pai, é adentrar em uma profunda relação possível, descrita por Jesus no evangelho de João, relação de permanência, ou de estar em Deus.¹²⁰

Cristo é a única porta de acesso para que o homem tenha conhecimento de Deus, isto é, comunhão que vem de uma vida íntima de devoção, sem mitologias e preceitos religiosos, mas, somente pela aceitação de Cristo pela fé, dá-se uma relação com a divindade de forma permanente, isto significa que os seguidores de Cristo já participam da era vindoura no presente. Quem vê Jesus, vê a Deus, como salientou o evangelista: “Quem me vê a mim vê também o Pai” (Jo 14,9); é o pensamento mais sublime de João, é na própria pessoa de Cristo que se vê realmente a face e a glória de Deus. Como afirmou Langston que ninguém pode afirmar que o conhecimento que temos de Deus, é resultado do raciocínio do homem. O conhecimento que temos dele é semelhante às percepções que um filho tem de sua mãe. Não é uma questão de raciocínio, nem de ética ou moral. O conhecimento que temos de Deus é relacional e tem como fundamento a comunhão.¹²¹

Com a capacidade de interagir com o divino, os discípulos viam a verdade e a glória que estavam em Cristo: “o Verbo se fez carne e habitou entre nós. Vimos a sua glória, a glória como do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14). O conhecimento mais profundo de Cristo é alcançado quando o homem crer que ele viera de Deus, esse entendimento não se alcança com a especulação, e, sim, com a fé relacional, bem como todo conhecimento de Deus.

¹²⁰ RICHARDSON, Alan., Introdução à Teologia do Novo Testamento, p. 47-48.

¹²¹ LANGSTON. A. B., Teologia Bíblica do Novo Testamento, p. 133.

O Novo Testamento traz a ideia da paternidade de Deus, no Antigo Testamento ela não é muito importante, embora não seja desconhecida, (Dt 32,6; Sl 103,13; Is 63,16; Mt 3,17), o povo de Israel não tinha costume chamar Deus de Pai. Jesus revela outra face de Deus como Pai, não de todos os homens, mas, somente daqueles que aceitam a obediência de filhos por meio da fé e do arrependimento. Para que o homem se torne filho de Deus é preciso que tenha filiação singular como a de Cristo, e isso se dá por meio de aceitação de Cristo pela fé, nunca por causa de dotes morais ou esforços próprios.

O ensino de Jesus sobre Deus como Pai procede de sua própria filiação. Estava acostumado a chamar Deus de Pai, como um filho trata seu pai terreno: “Aba, Pai, todas as coisas te são possíveis. Afasta de mim este cálice. Não seja, porém, o que eu quero...” (Mc 14,36). Agora o homem de fé tem um Deus Pai, não mais um juiz severo, pronto a castigar aquele que tropeça na Lei, Deus, que se preocupa com seus filhos no mínimo detalhe como exemplificado pelas palavras de Jesus no evangelho de Mateus (Mt 5,25-32).

A invocação aramaica *abba*, era tão importante para os discípulos que o original foi mantido, inclusive na igreja apostólica, essa palavra trás uma mensagem da bondade de Deus¹²²: “Pois não recebestes o espírito de escravidão para outra vez, estrades em temor, mas recebeste o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai” (Ro 8,15); “Porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações e Espírito de seu Filho, que clama: Abba, Pai” (Gl 4,6); essa invocação era especial e nova introduzida por Jesus, como fala Goppelt que era uma invocação particular, usada por Jesus expressa uma ligação íntima e única para com Deus, e Jesus assente esta relação para com Deus também aos seus discípulos.¹²³

Podemos perceber que Jesus enfatizou em seu ensino que comunhão com Deus é entrega única, íntima, absolutamente confiante e que a partir desse ensinamento, os discípulos deveriam entender que conhecer a Deus é mais do que usar a lógica é mais do que pensar por sistemas filosóficos, conhecer a Deus é ter comunhão íntima com ele.

¹²² SCHNEIDER, T., Manual de dogmática I, p. 245.

¹²³ GOPPELT, L., Teologia do Novo Testamento, p. 215-216.

Os evangelhos apresentam Jesus com autorização ilimitada e conhecimento exclusivo de Deus: “Todas as coisas me foram entregues por meu Pai: e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11,27). O quarto evangelho dá um relato da vida terrena de Cristo como a encarnação da glória de Deus, embora esta glória se revele apenas aos discípulos e não ao mundo: “Jesus principiou assim os seus sinais em Caná da Galiléia, e manifestou a sua glória; e os seus discípulos creram nele” (Jo 2,11). Cristo é a presença tabernaculante da glória de Deus: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14). O Novo Testamento considera o Senhor encarnado como a revelação da glória nos últimos dias profetizado nos profetas: “As nações caminharão à tua luz, e os reis ao resplendor que te nasceu... Nunca mais te servirá o sol para luz do dia, nem com o seu resplendor a lua te iluminará, pois o Senhor será a tua luz perpétua, e o teu Deus a tua glória” (Is 60,3. 19). “A glória desta última casa será maior do que a da primeira, diz o Senhor dos Exércitos, e neste lugar darei a paz, diz o Senhor dos Exércitos” (Ag 2,9). A ideia de autoridade exclusiva de Cristo se repete em toda teologia do Novo Testamento. Goppelt afirma que Somente o Pai conhece o Filho, e o escolheu e lhe deu autoridade, de maneira que a sua missão somente é conhecida por ele. “somente o Filho conhece o Pai”, há uma confiança mútua entre o Pai e o Filho. Por isso somente ele pode revelar Deus para os outros, porque veio de Deus, esteve com Deus e para Ele retornará. O Filho recebeu o poder de mediar a auto revelação de Deus e a comunhão com ele, assim como está prometido, segundo as Escrituras, para o tempo da graça.¹²⁴

Cristo tem competência e autorização para falar de Deus, como nenhum outro homem é o único que pode falar de Deus com autoridade, outros mestres de religião falam de Deus porque ouviram falar, mas, Cristo fala porque ele é Deus e estava com Deus.

Os pais da igreja ensinavam baseado na ideia de Deus no Antigo Testamento, um conceito bíblico da natureza de Deus. Ele era concebido como todo poderoso que criou o cosmo e revelou sua vontade, justiça e graça aos homens. A fé no único Deus

¹²⁴ GOPPELT, L., Teologia do Novo Testamento, p. 217.

é enfatizada. A doutrina da trindade não aparece ainda plenamente desenvolvida, mas no batismo a forma trinitária era empregada, a fé na trindade estava naturalmente implícita. Testificam uma fé comum em Deus como Senhor de todas as coisas e Criador absoluto e Jesus como agente ativo na criação, até, haver aparecido em forma humana.¹²⁵

3.3

O Conhecimento de Deus no período da Patrística

3.3.1

A partir da escola de Alexandria

Em Alexandria se vê um ambiente propício para a divulgação da verdade cristã, Plutarco, Amônio, Plotino, Clemente de Alexandria e Orígenes formam essa intelectualidade. Essa escola veio a ser um centro de confluências das antigas correntes estóicas, peripatéticas e principalmente platônicas. Foi fundada por Amônio Sacas (177-243), e organizada definitivamente por Plotino (205-270), o mais ilustre discípulo de Amônio. A escola torna-se hostil ao cristianismo com Porfírio e Juliano o apóstata.

Na filosofia helênica a contemplação natural é colocada no centro, a inteligência inicia a luz superior que é maior que a religião. Os alegóricos de Alexandria buscavam na Bíblia judaica um sentido espiritual que ia além da letra. Para eles a contemplação de Deus está acessível já no presente e essa deve ser a busca do cristão; o verdadeiro conhecimento é uma contemplação perpétua, superior a simples fé. Alexandria teve um teólogo de renome, Tito Flávio Clemente, conhecido como Clemente de Alexandria, de família gentia, nasceu em Atenas por volta do ano 150 da nossa era, discípulo de Panteno, que trabalhou a ideia da pedagogia de Deus.¹²⁶ Somente pela educação o homem caído da graça seria capaz de unir-se ao divino, esse conhecimento é adquirido através da disciplina e castigo, admoestação e instrução. Esse treinamento é a finalidade da vida, e é acessível através do Logos, que

¹²⁵ SCHNEIDER, T., Manual de dogmática, p. 292-296.

¹²⁶ HÄGGLUND, B., História da teologia, p. 49.

se revelou de maneira definitiva aos homens, cuja função é exortar, educar moralmente e instruir dogmaticamente. O Verbo era na pessoa de Moisés, o pedagogo das gentes antigas, e ele era firme em fazê-los guardar a Lei;¹²⁷ mas Cristo é o verdadeiro pedagogo, seus ensinamentos conduzem o homem à salvação. A verdadeira pedagogia consiste em venerar a Deus, ser piedoso é caminhar na sua pedagogia, às vezes Deus faz uso do castigo com o propósito de salvar o pecador. Segundo Clemente, o pedagogo é o Verbo de Deus que ajuda os cristãos a caminharem na verdade.

O Verbo é chamado, com razão, de Pedagogo, pois Ele nos conduz – nós, que somos seus filhos – à salvação. É evidente que é d'Ele mesmo que Ele fala, quando fala pela boca de Oséias: «Eu, porém, sou o mestre de todos eles». A religião é uma instituição que ensina o culto ao divino e que nos conduz à verdade. É uma regra e um método de vida que nos faz chegar ao Céu.¹²⁸

Clemente acreditava que o Logos atuou também anteriormente entre os judeus na proclamação da Lei, e entre os gregos, foi a filosofia que preparou, igualmente, o caminho para a vinda de Cristo. Ele entendia que a filosofia grega, foi uma ferramenta pedagógica de Deus semelhante à Lei dos judeus e ambas prepararam os homens para a encarnação do Logos, que se revelou aos homens mesmo antes do nascimento de Cristo. Em Clemente filosofia e cristianismo não são opostos, propunha a defender e aprofundar a fé com o auxílio da filosofia, ele dispõe a serviço da fé os tesouros encerrados nos diversos sistemas filosóficos, ele demonstra que fé mais conhecimento faz o cristão, o fundamento da filosofia é a fé e torna-se uma fortaleza de defesa.¹²⁹

Clemente foi sucedido por Orígenes, que nasceu em uma família cristã, seu pai Leonídeo foi martirizado em 202 d.C., estudou com Amônio Sacas e foi discípulo de Clemente. Dirigiu a escola catequética de Alexandria, a quem deve por sua nomeação ao bispo Demétrio, onde trabalhou por vinte e oito anos. Demétrio banuiu Orígenes de Alexandria acusando-o de heresia por aplicar métodos filosóficos e filológicos a problemas de teologia. Partiu para Cesaréia, onde fundou uma escola e prosseguiu

¹²⁷ CLEMENTE, A., O pedagogo, p. 56.

¹²⁸ CLEMENTE, A., O pedagogo, p. 53.

¹²⁹ HÄGGLUND, B., História da teologia, p. 52.

divulgando a fé cristã. Tornou-se o mais destacado exegeta bíblico da igreja primitiva, multidões vinham ouvir suas preleções.¹³⁰

Orígenes refere-se a Deus em termos absolutos, como o ser incognoscível, misterioso e enigmático, impoluto, imperecível que não precisa de nada, causador de todas as coisas e que se revela através do Logos.¹³¹ Rejeita a distinção gnóstica entre o Deus bom e o Criador do mundo, Deus é um só; o mesmo no Antigo Testamento e no Novo Testamento.

Conforme Orígenes relata que Jesus era sabedor que o Deus de Abraão é aquele de quem está escrito na Lei, e que é o mesmo que aquele que diz: “Eu sou Deus e não há outro Deus além de mim”, reconhecendo como seu Pai aquele que ignora outro Deus acima dele; como diziam os gnósticos. O Filho reconhece o Pai como o Deus que criou todas as coisas e que o Deus do Antigo Testamento é o mesmo dos Evangelhos.¹³²

Nos seus ensinamentos ele afirma que a alma de Cristo era preexistente como todas as almas, diferenciando somente que nessa preexistência ela estava unida ao Logos. A alma cheia do Logos tomou corpo e este foi divinizado pelo Logos, nesta doutrina era difícil manter a integridade das duas naturezas de Cristo, a divina e a humana. Orígenes ensinava que a salvação dos crentes dependia dos sofrimentos e morte de Jesus. Essa explicação ele dá na teoria do resgate pago a satanás; Cristo oferece-se a satanás pelo homem, e o resgate é aceito por satanás que não percebe a enganação pelo fato dele não poder subjugar a Cristo, que não pode pecar. Assim a morte de Cristo é apresentada como vicária, como uma oferta pelo pecado e expiação necessária. A remissão do Logos é para todos, homens, anjos e espíritos caídos, e estende-se além desta vida do homem na terra, estenderia até mesmo após a morte. Segundo Berkhof, Orígenes pensava que a obra redidora de Deus não cessaria enquanto não restaurasse todas as coisas ao estado primitivo da beleza, inclusive o próprio satanás e os demônios estavam inclusos nessa restauração. O próprio

¹³⁰ HÄGGLUND, B., História da teologia, p. 52.

¹³¹ BERKHOF, L., A história das doutrinas cristãs, p. 66.

¹³² ORIGENES., Tratado sobre os princípios, p. 71.

Clemente afirmava que haveria oportunidade de arrependimento no Hades e todas as provações cessariam no dia do juízo.¹³³

Segundo Orígenes a grande maioria das pessoas precisaria passar por um processo de purificação após a morte, no final todos se tornarão inteiramente submissos a Cristo. O Concílio de Constantinopla II no ano 553 d.C., condenou quatro ensinamentos de Orígenes: 1) a preexistência das almas; 2) que a natureza humana de Cristo, e não apenas a natureza divina, existiu antes da encarnação; 3) que, na ressurreição, nossos corpos serão transformados em corpos absolutamente etéreos; 4) que todos os homens, e mesmo os anjos caídos, serão, no fim, salvos. Uma das cláusulas de condenação na íntegra foi republicada por Prieur:

Se alguém diz ou sustenta que as almas humanas preexistiram na condição de inteligência e de santos poderes; que, tendo-se enojado da contemplação divina, tendo-se corrompido e, através disso, tendo-se arrefecido no amor a Deus, elas foram, por essa razão, chamadas de almas e, para seu castigo, mergulhadas em corpos, que ele seja anatematizado.¹³⁴

Apesar de ter sido condenado pela Igreja, Orígenes é reconhecido como um dos pais, excelente escritor cristão influenciado pelas doutrinas filosóficas de Platão, admitia certa subordinação de Filho ao Pai, ao mesmo tempo, ressalta a identidade de natureza, essência entre o Pai e o Filho, a posição de Cristo no Universo corresponde à do pensamento no sistema neoplatônico, um mediador entre Deus e o mundo das criaturas. Orígenes foi preso e torturado na gestão do imperador Décio, morreu em Tiro, na Fenícia.¹³⁵

Outro pensador crítico que marcou a história do cristianismo foi Tertuliano, que nasceu em Cartago por volta do ano 160 e se dedicou à retórica e ao direito. Em Roma ganhou fama como jurista, após a sua conversão voltou a Cartago, onde se concentrou nos estudos e produção de literatura em defesa do cristianismo. As contribuições de Tertuliano se encontram em seus escritos polêmicos, em grande parte sua teologia está condicionada aos conflitos com os gnósticos, que encheram o cristianismo de conhecimento profano, que falam de Deus sem conhecê-lo.

Segundo Tertuliano as doutrinas gnósticas são consideradas como fruto da vaidade dos homens e dos demônios, levando a mente para o nível da confusão da

¹³³ BERKHOF, L., A história das doutrinas cristãs, p. 69.

¹³⁴ PRIEUR, J., O mistério do eterno retorno, p. 127.

¹³⁵ CAIRNS, E. E., O cristianismo através dos séculos, p. 74.

sabedoria divina. A filosofia mundana é uma interpretação imprudente da natureza divina, criando heresias, entre elas estão os éons e formas infinitas, a trindade do homem com Valentino e o deus de Marcião. Filósofos como Epicuro, Platão, Zenão e Heráclito, também são mencionados nesse contexto. A questão do mal, origem do homem e de Deus são temas debatidos tanto por hereges como por filósofos, com refutações similares. Tertuliano menciona Aristóteles como o criador de uma dialética inconstante, sem uma conclusão clara. O texto ressalta o conflito entre a sabedoria divina e a sabedoria mundana, e como isso influencia a compreensão de temas fundamentais para a humanidade. Consequentemente, as intermináveis fábulas, genealogias e perguntas infrutíferas são comparadas a um câncer.¹³⁶

Tertuliano fez uma referência ao apóstolo Paulo na carta ao Colossenses capítulo dois, verso oito, advertindo para que haja afastamento, especialmente da filosofia que seduz com uma falsa sabedoria. O cristão precisa ser cauteloso para não ser enganado pela sabedoria humana e tradições dos homens, afirmando que a verdade deve vir da providência do Espírito Santo. Essa instrução é contrastada com a sabedoria de Atenas e Jerusalém, academia e igreja, hereges e cristãos. A fonte da instrução do cristão deve ser a simplicidade de coração e a busca pelo Senhor. Para os cristãos, não há necessidade de investigar além do que já acredita em Cristo Jesus e no evangelho, pois a fé já é suficiente.¹³⁷

Tertuliano rejeitava a filosofia em parte pelos conflitos que mantinha com os filósofos pagãos, se alguém deseja algo além da fé, revela realmente que não tem fé, desaprovava totalmente a cultura pagã. Antes de se entregar ao montanismo, Tertuliano estava convencido de que a única verdade era aquela propagada pela tradição apostólica que está conservada na igreja, defendeu a Unicidade de Deus Criador e redentor do Antigo e Novo Testamento. Quando escreveu um tratado contra Práxeas, herege monarquianista expressou a verdadeira unidade de natureza e substância em Deus juntamente com a verdadeira trindade de pessoas, o ataque de Tertuliano ao modalismo o levou a ser considerado como o primeiro pensador trinitário, usou pela primeira vez a palavra latina trinitas¹³⁸ introduziu o termo de

¹³⁶ TERTULIANO. Liber de Praescriptione Haereticorum, VII, 1.

¹³⁷ TERTULIANO. Liber de Praescriptione Haereticorum, VII, 1.

¹³⁸ TILLICH, P., Historia do pensamento cristão, p. 61.

pessoa e substância tentando conceituar o conhecimento de Deus como uma substância que consiste em três pessoas distintas.¹³⁹

3.3.2

Teoria gnóstica

Gnosticismo é uma designação aplicada a diversas escolas distintas de pensamentos que surgiram nos primeiros séculos do cristianismo. Pode-se perceber pelos escritos apostólicos e dos pais que o gnosticismo estava presente no limiar da igreja já no século I. Carecemos de fontes seguras a respeito da origem do gnosticismo, no que compete a história, a origem e evolução do pensamento e conceitos. Há uma possível fonte na teoria das ideias e da reminiscência de Platão desenvolvida em diálogos com Mênon. Segundo o entendimento de Platão existem dois mundos, um sensível e um das ideias. Existimos no mundo sensível e material, por isso, tudo que existe nele está sujeito à formação e corrupção. Tudo que é criado no mundo material se corrompe ao longo do tempo. O mundo das ideias é um mundo superior, acessado pela razão, não acessível pelos sentidos. O mundo das ideias é o mundo perfeito, eterno e imutável, poucos são os eleitos que conseguem alcançá-lo. Na mesma linha de pensamento, os gnósticos pensavam ser a matéria má e inútil. A matéria não pode receber intervenção do espírito, a teoria das ideias deu origem a teoria da reminiscência que teoriza a imortalidade da alma humana prisioneira do corpo. Essa alma possui todo o conhecimento pleno da realidade, segundo Platão, pois sendo a alma imortal, com muitas experiências de nascimento, vivenciada o mundo material e o mundo das ideias, aprendendo muitas coisas, a respeito das virtudes e as demais, ser possível ela recordar aquelas coisas que experimentou.¹⁴⁰

A realidade em si mesma não é o mundo material, mas o mundo imaterial e abstrato, onde se encontram não apenas as almas como também, as Formas puras de todas as coisas, imutáveis e eternas. As almas, sendo eternas, já conhecem todas as Formas, pois tiveram contato direto com elas nesse mundo das ideias.

Pouco material histórico sobre o gnosticismo chegou até a contemporaneidade, a maioria foi conhecido por meio dos seus críticos. Alguma parte da literatura gnóstica foi preservada por ocasião da descoberta da biblioteca de Nag Hammadhi,

¹³⁹ TERTULIANO., *Contra Práxeas*, p. 5.

¹⁴⁰ PLATÃO., *Mênon*, p. 51.

em 1945. Essas descobertas foram de suma importância, pois seu conteúdo é acima de tudo gnóstico, impulsionando pesquisas sobre eles na segunda metade do século XX. Tais manuscritos totalizavam 52 textos, em 13 códices de papiro, escritos em copta. Dentre as obras encontradas, estavam, diversos tratados gnósticos, três obras pertencentes ao Corpus Hermeticum e uma tradução parcial da República de Platão. Várias dessas obras são conhecidas como literatura gnóstica como: Evangelho de Tomé, da Verdade, Pistis Sofia.¹⁴¹

Irineu acreditava ser Simão, o mago, o criador das heresias,¹⁴² indicando-o como responsável por todas elas e pelas posteriores. A história de Simão começa em Atos 8, no tempo em que Filipe anunciava o Evangelho em Samaria, ele encontrou um homem chamado Simão, que praticava suas obscuras artes mágicas (At 8,9). Esse mágico impressionava a muitos e arrebanhava grande multidão. Quando Filipe anunciou acerca do Reino de Deus e do nome de Jesus, os seguidores de Simão creram na mensagem do evangelho de Jesus e foram batizados, abandonando as ideias mágicas. Lucas, o autor de Atos, observa: “O próprio Simão abraçou a fé; e, tendo sido batizado, acompanhava a Filipe de perto, observando extasiado os sinais e grandes milagres praticados” (At 8,13).

Simão cobiçou o poder sobrenatural dos apóstolos de conceder o Espírito Santo pela imposição das mãos aos crentes em Samaria. Repleto de cobiça ofereceu dinheiro para ter o mesmo poder, recebendo do apóstolo Pedro, uma severa admoestação. Simão julgou que a palavra do apóstolo Pedro tinha peso profético e suplicou para rogar ao Senhor em seu nome, tendo em vista escapar dos efeitos da condenação que Pedro lançou sobre ele (At 8,24).

Irineu denunciou Simão e suas práticas heréticas, tais como suas falsas propagações do falso conhecimento, fingiu abraçar a fé, pensando que os apóstolos faziam uso da magia, que eram sábios de uma magia superior e ofereceu dinheiro aos apóstolos a fim de ter ele também o poder de dar o Espírito Santo a quem quisesse, seu objetivo era ganhar influência e bastante dinheiro.¹⁴³

¹⁴¹ HÄGGLUND, B., História da Teologia, p. 27.

¹⁴² IRINEU., Contra as Heresias, p. 62.

¹⁴³ IRINEU., Contra as heresias, p. 61.

Simão se aprofundou nas artes mágicas para alcançar o nível sobrenatural dos apóstolos passando a rivalizar contra eles. Alcançou muitas honras dos seus seguidores a ponto de o verem como um deus, chegando a dizer que se manifestou como Filho, Pai e Espírito Santo em três momentos.¹⁴⁴

3.3.3

Irineu de Lyon e o combate às heresias

3.3.3.1

Vida e Obra

Irineu de Lyon foi um expoente teólogo do século II, que nasceu na Ásia Menor (atual Turquia), na parte oriental do Império Romano, foi alcançado pela pregação do bispo Policarpo,¹⁴⁵ discípulo do apóstolo João, era considerado um homem de paz.¹⁴⁶ As obras de Irineu são importantes pelo fato da vasta citação que faz dos pais e devido a sua defesa da fé apostólica contra os gnósticos. Foi eleito pelo povo bispo de Lyon, assumindo o bispado de São Potino, que morrera por maus-tratos na prisão aos 90 anos de idade.

Eusébio de Cesaréia cita Irineu como um grande defensor da fé apostólica e que lutava pela verdade de Cristo, assim como havendo muitos escritores eclesiásticos que lutavam pela verdade e defendiam com vigor a doutrina dos apóstolos, e que era entendimento comum.¹⁴⁷

Irineu escreveu várias obras em oposição aos gnósticos que desfiguravam a doutrina da Igreja, demonstrou preocupação de como defender a verdade apostólica e expor as fragilidades doutrinárias dos hereges.¹⁴⁸ Foi autor de muitos livros e epístolas, contudo sobreviveram dois livros completos e escritos em gregos, traduzidos para o latim. Sua obra principal tem o título – Contra as heresias: Detecção e refutação da falsa gnose. Essa obra é um ataque frontal contra o gnosticismo. Outra obra completa que sobreviveu intitulada – Prova da pregação apostólica. Essas são as duas únicas obras completas de Irineu que foram conservadas.¹⁴⁹

¹⁴⁴ IRINEU., *Contra as heresias*, p. 62.

¹⁴⁵ EUSÉBIO., *História eclesiástica*, p. 133.

¹⁴⁶ EUSÉBIO., *História eclesiástica*, p. 195.

¹⁴⁷ EUSÉBIO., *História eclesiástica*, p. 125.

¹⁴⁸ EUSÉBIO., *História eclesiástica*, p. 188.

¹⁴⁹ CHAMPLIN. R. N., *Bíblia, teologia e filosofia*, p. 367.

O livro, *Contra os hereges*, tem duas divisões, na primeira estão os dois primeiros livros, esta identificada a heresia gnóstica através de grupos propagadores dessa doutrina estranha aos princípios cristãos. Estão identificados essas ordens comuns, os valentinianos, Simão Mago, Menandro, Satornil, Basíledes, Carpócrates, Cerinto, os Cebionitas, os Nicolaitas, Cerdão, Marcião, Taciano e os Encratitas.¹⁵⁰ Na segunda divisão da obra, Irineu refuta as principais heresias como a dos Valentinianos, a partir de argumentos fundamentados nas Escrituras acerca de Deus e de Jesus Cristo, como também sobre a ressurreição da carne, negada pelos gnósticos. Irineu faz uma descrição clara, simples e persuasiva acerca da doutrina da Igreja.

O segundo livro de Irineu, “Prova da pregação apostólica”, organiza um estudo apologético em dois momentos: no primeiro, estuda o conteúdo basilar da fé cristã, na senda histórica das revelações de Deus ao homem, desde Adão até Cristo. No segundo ponto, Irineu apresenta provas em benefício da Revelação Cristã, a partir das profecias do Antigo Testamento.

3.3.3.2

O conhecimento de Deus em Irineu

Desde o final do século I o apóstolo João combateu um gnosticismo embrionário, suas cartas objetivavam alertar o povo de Deus e orientar na doutrina de Cristo. O início da caminhada na fé cristã era muito difícil e não tinha a estrutura que conhecemos em séculos posteriores, os novos convertidos não deixavam suas tradições, pelo contrário acrescentavam a sua nova fé.

Segundo Irineu, Cristo é a Gnose verdadeira, conhecimento herdado de uma consciência transformada na fonte apostólica de João que só o Cristo tem autoridade para falar de Deus porque veio de Deus: “Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (Jo 1,2-3). Em Gn 1,1 encontra-se a ação criativa de Deus, todavia o apóstolo João aponta Cristo como O Verbo criador que existiu antes da criação. Cristo é o Logos de Deus cuja pré-existência eterna transcende o tempo. Coexistente com Deus, intercomunicativo, no sentido de estar face a face com Deus. O Logos é identificado com Deus de maneira que, identifica-se no escrito joanino, que Ele é coparticipante da essência e natureza

¹⁵⁰ IRINEU., *Contra heresia*, p. 17.

divinas, visto que possui tal relação, categoricamente o texto apostólico revela no sentido absoluto que sua existência transcende o tempo, não podendo estar nos predicamentos dos seres criados.

O Verbo de Deus é o instrumento absoluto da criação, como salienta João “tudo foi feito por meio dele”. Todas as coisas visíveis e invisíveis foram feitas por intermédio dele, e não houve participação de agentes intermediários, mesmo que os gnósticos ensinem ao contrário. No credo Niceno, Deus é chamado de criador de todo visível e invisível, os poderes criativos e essenciais, de ser o que Ele é, emanam de si mesmo.¹⁵¹ As Escrituras excluem a possibilidade de qualquer encadeamento criativo fora de Cristo. Ele é autor da criação e sustentador de todas as coisas, tudo se harmoniza e se integra através do princípio de vida procedente dele.

A ideia da preexistência de Cristo está nas cartas de Paulo, nas expressões de um “envio” do Filho ao mundo e diretamente nessa articulação o entendimento da preexistência já está na teologia paulina: “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei” (Gl 4, 4). “De fato – coisa impossível à Lei, porque enfraquecida pela carne – Deus, enviando o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado e em vista do pecado, condenou o pecado na carne” (Ro 8,3). A tese de Paulo é que Deus enviou o Filho para enfrentar o pecado no mesmo ambiente e condição em que Adão fora derrotado. A plenitude do tempo foi à época apontada por Deus para enviar o Filho, o verbo enviar, manifesta a ideia da glória preexistente do Filho que fora enviado pelo Pai. A Igreja de Colossos recebeu uma carta de Paulo onde está registrada a preexistência do Filho: “Porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste” (Cl 1,16-17). Em Paulo Cristo é o fundamento da criação, todas as coisas criadas visíveis e invisíveis devem-lhe sua existência. Todas as hierarquias existenciais são subordinadas a Cristo, todas as coisas foram criadas para Ele, tudo emanou dEle, e tudo convergirá para Ele, o Universo tem seu começo e término em Cristo.

¹⁵¹ TILLICH, P., Teologia Sistemática, p. 214.

Irineu buscava fundamento nas Escrituras para combater os gnósticos que eram muitos em seu século, destaca a importância de manter-se fiel à doutrina dos apóstolos e transmitida pelos discípulos verdadeiros. Enfatizou a necessidade de uma interpretação bíblica que esteja retilínea com a verdade apostólica, e que refuta as interpretações errôneas que distorcem o evangelho de Cristo. Para isso fez um pequeno resumo explicando sobre o destino dos quatro evangelhos, descrevendo que Mateus escreveu para os judeus, em hebraico, quando Pedro e Paulo estavam em Roma e aí fundavam a Igreja. Depois da morte deles, também Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, escreveu o que Pedro anunciava. O médico Lucas, que foi companheiro de Paulo, escreveu o Evangelho pregado por ele. João, o discípulo que Jesus amava aquele que recostara a cabeça ao peito dele, também publicou o seu Evangelho, quando residia em Éfeso, na Ásia. A mensagem deles era que há um só Deus, Criador do céu e da terra anunciado pela Lei e pelos profetas, e um só Cristo, Filho de Deus. E segundo Irineu os descrentes dessa mensagem desprezam os que tiveram parte com o Senhor, despreza ao mesmo tempo o próprio Senhor, como também despreza o Pai; e ele mesmo condena-se, ao resistir e opor-se à própria salvação.¹⁵²

No pensamento de Irineu, as Escrituras têm seu lugar central, Antigo e Novo Testamento formava uma homogeneidade coesa e processavam-se como princípio e fundamento para a fé em Cristo. As tipologias do Antigo Testamento apontam e se cumpriram, em Jesus Cristo. Tipologia investiga os tipos, símbolos bíblicos, presentes no Antigo Testamento e pode ser entendido como eventos, coisas, ou pessoas que apontam para o Novo Testamento. Tipo é uma relação que representa a realidade existente, que aponta para algo que aconteceu ou acontecerá na realidade. No Gênesis podemos encontrar os tipos cristológicos que apontam diretamente para a obra redentora de Cristo. O Tipo encontrado nos primeiros versículos do livro do Gênesis expõe a ação de Deus em resgatar a comunhão do homem, vestindo-o através de um sacrifício, após Adão ter tentado se cobrir por seus próprios esforços: “Então abriram-se os olhos dos dois, e perceberam que estavam nus; entrelaçaram folhas de figueira, e se cingiram.” (Gn 3,21). “E Iahweh Deus fez para o homem e sua mulher

¹⁵² IRINEU., *Contra as Heresias*, p. 146.

túnicas de peles, e os vestiu.”¹⁵³ Esse animal que foi sacrificado para revestir o casal no Éden com vestimentas de pele, é o tipo perfeito do Cristo, que foi sacrificado pelo pecado de todos os homens que creem nele. No Novo Testamento temos um exemplo evidente de tipologia bíblica registrada no evangelho de João: “Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que seja levantado o Filho do homem, a fim de que todo aquele que crer tenha nele vida eterna” (Jo 3,14-15). Deus prenunciou sua obra redentora no Antigo Testamento e cumpriu no Novo Testamento, o Antigo Testamento contém vislumbres, prenunciações de elementos que seriam revelados no Novo Testamento.¹⁵⁴

Irineu apresenta o sistema teológico a respeito dos Éons que vivem no Pleroma, No sistema gnóstico o Pleroma é o lugar de onde viemos como espíritos e para onde todas as coisas devem voltar. Lugar onde os deuses nascem e são conscientes da sua divindade e começam a ter noção da grande obra do Inarrável, o Infinito.¹⁵⁵ O dualismo era um dos pilares do pensamento gnóstico, teorizavam a existência do bem do mal, entre o mundo material e espiritual. A matéria estava associada ao mal e o espírito ao bem. À vista disso, Deus não poderia ter criado o mundo material.

O dualismo gnóstico diferia o Deus Soberano de uma divindade ínfera, chamada por eles de demiurgo e que criou o mundo material. O Deus supremo era inalcançável por ser a última realidade espiritual. A matéria por ser inferior e destinada a degradação, não poderia vir de um Deus bom e supremo, por isso o mundo material foi criado por um ser de essência espiritual inferior, no qual exista o mal, como afirmou Irineu, que o demiurgo fez o mundo e do mesmo material fez também o homem e soprou nele o espírito racional. Imagem e semelhança o fizeram, imagem quer dizer corpóreo, próximo, e semelhança quer dizer espírito de vida, razão.¹⁵⁶

Este criador, o demiurgo, foi na literatura gnóstica o Deus do Antigo Testamento que criou todas as coisas a partir dos quatro elementos com a colaboração

¹⁵⁴ VIRKLER, H., A. Hermenêutica, p. 142.

¹⁵⁵ IRINEU., Contra as heresias, p. 25.

¹⁵⁶ IRINEU., Contra as heresias, p. 33.

da chamada mãe, que era um princípio feminino saído do Pleroma. O demiurgo criador não teve ciência da intervenção da mãe.¹⁵⁷

Valentim relatou que 30 Éons tinham nascido da divindade no processo que levou a criação do cosmo “imaginar novamente acima dela o Pleroma que abrangeria ora os 30 Éons ora multidões inumeráveis deles.”¹⁵⁸ O supremo Deus, perfeito e antes de todas as coisas, conhecido também como, Protoprincípio, criou o primeiro Éon conhecido como abismo, deste nasceu o silêncio e a ideia, e destes dois geraram o espírito e a verdade. Da verdade nasceu a razão e a vida, e destas, homem e igreja. Destes pares de éons funda-se a plenitude de Deus, chamada pelos valentinianos de Pleroma. O que faz destes oito éons especiais é que unidos formam a ogdóade gnóstica, a região perfeita supra celestial, estes últimos geraram 12 Éons.¹⁵⁹

Os Éons, agindo harmonicamente, configuravam o mundo espiritual, conhecido como Pleroma, que contém os protótipos do mundo material. Os Éons da paixão e ansiedade atacaram o último dos Éons e como resultado o mundo da matéria veio a existir assim como o demiurgo criador da matéria que procede do Éon caído.¹⁶⁰

Para o gnosticismo Cristo e o Espírito Santo foram criados por um Éon elevado e a missão de Cristo seria a de resgatar ao Pleroma o Éon caído e livrar as almas dos homens de sua prisão e trazê-las a sua originalidade, o mundo dos espíritos.¹⁶¹

Irineu afirmou a doutrina de Deus como uno e criador, toma como missão combater o conhecimento difundido pelos gnósticos de uma hierarquia de éons que descendiam de um Deus Soberano e Excelso, e o demiurgo o criador do mundo, considerado mal, ao contrário do Deus supremo. No pensamento gnóstico, o demiurgo criou a humanidade e os arcontes, seres que foram criados juntamente com o mundo material.

Segundo Irineu Deus exerceu seu ato de criar através da Sua Palavra e do seu Espírito.¹⁶² O escritor da carta aos Hebreus relata: “Foi pela fé que compreendemos que os mundos foram organizados por uma palavra de Deus. Por isso é que o mundo

¹⁵⁷ IRINEU., *Contra as heresias*, p. 55.

¹⁵⁸ IRINEU., *Contra as heresias*, p. 43.

¹⁵⁹ IRINEU., *Contra as heresias*, p. 25.

¹⁶⁰ IRINEU., *Contra as heresias*, p. 25-26.

¹⁶¹ IRINEU., *Contra as heresias*, p. 27-28.

¹⁶² IRINEU., *Contra as heresias*, p. 247.

visível não tem a sua origem em coisas manifestas” (Hb 11,3). Há um entendimento que essa expressão da carta aos hebreus signifique que o universo veio a existir por ordem divina e não foi montado a partir de matéria ou energia preexistente.

O mundo criado é distinto de Deus e nem é a forma de existência dele, o Criador do mundo é autoexistente, autossuficiente, infinito e eterno, tem vida própria, logo o mundo material é dependente, existe no tempo e tem limitação existencial. O profeta Isaías atesta a existência distinta de Deus do mundo: “Assim diz Deus, Iahweh, que criou os céus e os estendeu, e fez a imensidão da terra e tudo o que dela brota que deu o alento aos que a povoam e o sopro da vida aos que se movem sobre ela” (Is 42,5).

Deus se fez conhecido através do Verbo, e esse ato é uma expressão do seu amor. Segundo Irineu, a grandeza de Deus não pode ser medida pela mente humana, o amor divino alcançou o homem. O próprio Deus criou o homem e soprou nele o espírito de vida, esse ato criador não poderia vir da criatura, a criação do homem é criação complexa, envolveu poder infinito e sabedoria divina.¹⁶³

A verdade de Deus está ao alcance do cristão pela fé, mas não uma fé morta ou cega, mas baseada em provas intelectuais, que encontramos primeiramente nas Escrituras, como Palavra inspirada cuja autoria vem do próprio Deus, secundariamente encontramos na natureza uma revelação de Deus.¹⁶⁴ O escritor da carta aos hebreus expressa contundentemente que “aqueles que se aproximam de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam.” Ele criou todas as coisas e as sustém com seu poder, todas as criaturas visíveis e invisíveis estão debaixo da sua vontade e governo. Irineu faz questão de buscar base para suas refutações nas Escrituras porque são elas que testificam Deus em quase todas as páginas. Encontramos Deus presente em atos e palavras, e essa revelação de Deus institui e fundamenta a base da fé cristã. A mais sublime revelação de Deus é encontrada em Jesus Cristo, o agente da criação veio ao mundo dos homens em carne.¹⁶⁵ Um ato grandioso, a presença física de Deus na Terra, uma manifestação gloriosa para a mente humana, um ato excelso acompanhado de sinais e prodígios,

¹⁶³ IRINEU., *Contra as heresias*, p. 246.

¹⁶⁴ IRINEU., *Contra as heresias*, p. 247.

¹⁶⁵ LADD, G. E., *Teologia do Novo Testamento*, p. 361.

milagres extraordinários que mostravam a presença divina junto aos homens. João registra em seu evangelho que o próprio Deus, na pessoa de Jesus, entrou na história humana em carne, e não como um fantasma, como alegava os gnósticos, “o Verbo se fez carne” (Jo 1,14).

Aqueles que são de Deus não se deixam enganar por falsas doutrinas porque discernem o que é de Deus. Irineu faz uma refutação contra Marcião,¹⁶⁶ que sustentou uma doutrina, que o Deus do Antigo Testamento era diferente daquele revelado no Novo Testamento. Esse Deus antigo era vingativo e mau, um Juiz severo e incomplacente, que decretou severas normas impraticáveis para Moisés, em sua totalidade que vai desde a circuncisão às prescrições alimentares, de modo que aos olhos de Deus a condenação da humanidade era irremediável. Essa descrição de Deus não podia corresponder ao Deus exposto no Novo Testamento revelado como Pai bom e misericordioso, que age para salvar a humanidade. A partir de então, desenvolveu uma doutrina dualista que sustentava a existência de duas divindades, uma má, existente no Antigo Testamento, e outra boa, revelada no Novo Testamento.¹⁶⁷

Marcião rejeitou a antiga aliança e criou um cânon formado pelo evangelho revisado de Lucas e pelas cartas de Paulo, a chave para rejeitar o Antigo Testamento foi achada na carta que Paulo escreveu aos Gálatas,¹⁶⁸ que fala da polarização dos judaizantes a Paulo (Gl 2,25-5,1-6). Segundo Irineu, na retificação do evangelho de Lucas tirou os capítulos que ligavam Jesus às profecias no Antigo Testamento.¹⁶⁹ Na pregação dos marcionista, o evangelho do amor e do serviço em prol do outro se encontrava no cristianismo verdadeiro, no qual Jesus revelou um Deus de amor e de compaixão. A rejeição ao Antigo Testamento é absoluta nesse pensamento, a alegação para isso é por sua resistência e falta de alinhamento profético com o salvador vindouro, que ele observava ser Jesus. Do Novo Testamento, após revisão,

¹⁶⁶ IRINEU., *Contra as heresias*, p. 269-279.

¹⁶⁷ CAIRNS, E. E., *O cristianismo através dos séculos*, p. 79-80.

¹⁶⁸ BERKHOF, L., *História das doutrinas cristãs*, p. 49-50.

¹⁶⁹ IRINEU., *Contra as heresias*, p. 67-68.

aceitou 10 cartas de Paulo, e uma versão retificada do evangelho de Lucas. Em seus ensinamentos Jesus Cristo era demiurgo cujo corpo e crucificação foram aparentes.¹⁷⁰

Segundo Irineu o discípulo verdadeiro saberá julgar as doutrinas de Marcião e dos valentinianos, ambos tinham fé em um sistema gnóstico que transitava no dualismo, o bem e o mal estava entrelaçado num combate incessante.¹⁷¹ O sistema teológico do gnosticismo Cristo teria sido um ser espiritual (Éon) que assumiu um corpo aparente em Jesus de Nazaré. Ele havia sido encarregado de transmitir a verdadeira gnose aos homens, ensinando-lhes o modo de se separar da matéria e de retornar ao mundo da Luz de Deus. Nesse sistema a salvação não é consequência da fé, das boas ações e da graça, mas do conhecimento que ilumina e aquece o espírito racional, não estar participante dessa busca iluminadora é pactuar com a ignorância e o pecado. Apesar de o homem habitar na matéria, há na sua alma uma faísca da luz divina, uma fagulha do espírito divino, a libertação do homem está associada a sua desmaterialização.¹⁷² Irineu identificou nesses argumentos uma série de irracionalidades teológicas. A pressuposição de duas divindades rivais, o criador do mundo corruptível e associado à maldade da criatura, autor de uma Lei cruel e o salvador incorruptível e cheio de Luz, indignou os defensores da fé. A soberba gnóstica que se arrogava de ter uma suposta chave para desvendar os mistérios do universo e da Criação. Esse pensamento dualista, que era invocado com testemunho bíblico, prosperou nas comunidades de tradição paulina, principalmente aquelas conscientes da desobrigação para com a Lei do Antigo Testamento.¹⁷³

Os discípulos de Cristo têm condições de discernir e julgar os ebionitas, Irineu faz diversas perguntas para contra-argumentar os ebionitas. “Como podem os homens se salvarem se Deus não é quem operou a sua salvação na terra? Como o homem irá a Deus, se Deus não veio ao homem?”¹⁷⁴ No ebionismo Jesus é um homem simples, desimportante a quem Deus escolheu para anunciar sua vontade. Não nasceu de uma mulher, e foi em seu batismo que recebeu do alto o poder que o habilitou a cumprir sua missão. Esta missão não constituía em salvar a humanidade, pois sendo homem,

¹⁷⁰ BERKHOF, L., História das doutrinas cristãs, p. 50.

¹⁷¹ IRINEU., Contra as heresias, p. 260-270.

¹⁷² CORETH, E., Deus no pensamento filosófico, p. 106.

¹⁷³ MOINGT, J., O homem que vinha de Deus, p. 86.

¹⁷⁴ IRINEU., Contra as heresias, p. 270.

não tinha essa capacidade, seu propósito era chamar a humanidade à obediência da Lei, que foi dada pelo princípio masculino, encontramos nessa doutrina um dualismo nos princípios divinos, um mau e manifestado e outro bom e invisível.¹⁷⁵ Efetivamente, a Lei era a essência da espiritualidade ebionita e, apesar deles não oferecerem sacrifícios sangrentos, com sacrifício de animais, realçavam a circuncisão e a observância do Sábado.

Uma resposta ao docetismo, um grupo herético que promovia um pensamento sobre o corpo físico de Jesus. A palavra docetismo significa parecer; Cristo só parecia ter um corpo humano, era apenas uma ilusão, parecendo ser humano, mas não tendo corpo algum. Nessa mesma doutrina ensinavam que Jesus tinha um corpo celestial de algum tipo, mas não um corpo real e natural de carne, via a matéria física como inerentemente má e a substância espiritual como inerentemente boa. Eles não aceitavam o Evangelho de João e suas cartas. Negavam a humanidade de Cristo, mas afirmavam a divindade. O docetismo já estava presente no final da época do NT, como é evidente pela exortação de João, o apóstolo, sobre aqueles que negam: “que Jesus Cristo veio em carne” (1Jo 4,2- 2Jo 7).

Segundo Irineu “A verdadeira gnose é a doutrina dos apóstolos, a verdadeira propagação da Igreja em todo o mundo.”¹⁷⁶ A doutrina apostólica é mencionada no livro de Atos, onde se lê que os primeiros cristãos: "perseveravam na doutrina dos apóstolos" (At 2,42-47). A doutrina dos apóstolos era os ensinamentos de Cristo. Eles foram chamados por Cristo e dele receberam o ensino acerca de sua Pessoa e obra, como o Verbo enviado e acerca dos seus mandamentos. Após sua ressurreição, Cristo lhes deu a missão de pregar as novidades do Reino de Deus a toda à criatura e fazer discípulos de todas as nações (Mc 16,15-17), ensinando-os a guardar todas as coisas que tinha ordenado (Mt 28,20). Pedro pregou o Cristo crucificado, ressuscitado e exaltado no dia de Pentecostes e muitos creram. Aqueles que creram se tornaram discípulos de Jesus e continuaram sendo instruídos pelos apóstolos de Cristo.

A fé na ressurreição de Cristo é a doutrina fundamental da fé cristã, a pedra angular da igreja.¹⁷⁷ Os apóstolos testemunhavam fazendo uma referência primordial

¹⁷⁵ MOINGT, J., O homem que vinha de Deus, p. 87.

¹⁷⁶ IRINEU., Contra as heresias, p. 271.

¹⁷⁷ CERFAUX, L., Cristo na teologia de Paulo, p. 63.

a ressurreição (At 4, 2), e em seguida apostolavam sobre a vida de Cristo e seus ensinamentos. Paulo se converteu porque Cristo ressuscitado se revelou a ele, esse fenômeno, o apóstolo vai equiparar a outros testemunhos da ressurreição.¹⁷⁸ Ele mesmo soma sua voz a dos outros apóstolos no testemunho da obra de Cristo (1 Co 15, 3-8), a autoridade apostólica de Paulo não provinha dele, mas do próprio Jesus.¹⁷⁹

3.3.3.3

O conhecimento de Deus em Santo Agostinho

Em outro momento da influente presença do cristianismo no campo do conhecimento, surge Santo Agostinho, um dos maiores pensadores da igreja na época patrística, um dos homens mais inteligentes e mais profundos de que se gloria o gênero humano, filósofo e teólogo, doutor da igreja. Produziu fecunda literatura que influenciou profundamente o pensamento teológico e filosófico de sua época, sua orientação é acentuadamente platônica, entre outras obras que estudou, se interessou pelas filosofias de Cícero e Sêneca, foi influenciado fortemente pelos neoplatônicos. Em Milão se envolveu nos pensamentos de Plotino e Porfírio que mais tarde o ajudaria a sair do ascetismo filosófico. Mas foi seu pai, Patrício, que fez muito sacrifício para dar a Agostinho educação, seus estudos superiores foram completados em Cartago. Por um tempo foi seguidor do maniqueísmo, que muito lhe favoreceu profissionalmente inclusive lhe conseguindo a cátedra municipal de retórica de Milão,¹⁸⁰ o certo a ser dito é que essa religião sincretista gnóstica foi fundada por Manes ou Maniqueu século III na Pérsia.¹⁸¹

O maniqueísmo seduziu Agostinho com seu gnosticismo filosófico dualista, ensinando que a salvação dependia do conhecimento, de uma gnose superior, que apontava para a verdade espiritual,¹⁸² e que a vida do homem na terra é dolorosa e radicalmente perversa. Essa gnose religiosa era baseada no dualismo, segundo a qual o universo é criação de dois princípios que se combatem; o bem, ou Deus (luz), e o mal, ou o diabo (trevas). Luz e trevas no sistema maniqueísta não são figuras de discurso, são representações concretas do bem e do mal. Luz e trevas estão em

¹⁷⁸ CERFAUX, L., Cristo na teologia de Paulo, p. 64.

¹⁷⁹ LADD, G. E., Teologia do Novo Testamento, p. 532.

¹⁸⁰ AGOSTINHO., Confissões, p. 13.

¹⁸¹ GONZALEZ, J. L., A Era dos altos ideais, p. 163.

¹⁸² AGOSTINHO., Confissões, p. 60.

conflitos sem perspectivas de um final, é responsabilidade de cada ser humano entregar-se a esse eterno combate para eliminar em si mesmo e nos outros a presença do mal, por conseguinte poderá alcançar o bem, que é o reino de Deus. Ensinava que a alma é participante da natureza de Deus, desceu ao mundo maligno da matéria e deve ser salva pelo espírito e pelo conhecimento.¹⁸³

Maniqueu acreditava ser o último profeta, e que sua missão era unir grandes religiões, como budismo, zoroastrismo e cristianismo, objetivava fundar uma religião universal que integrasse todas as revelações anteriores. Agostinho abandonou o maniqueísmo ao desiludir-se com seu líder, Fausto, que lhe mostrou deficiência quando foi arguido.¹⁸⁴

Segundo Agostinho Deus criou a matéria prima do nada e essa é a base necessária para entender o mundo, Deus criou tudo segundo sua palavra eterna. A existência do mal, um dos problemas que mais fez sofrer antes da conversão, agora, não oferece mais dificuldades. O mal não procede de Deus diretamente, nem indiretamente, pois o mal é uma deficiência da criatura, que procede de sua vontade, portanto, não necessita de uma origem.¹⁸⁵ Deus é perfeito e bom, conseqüentemente, Ele traz em si categorias de perfeição e bondade. À vista disso, tomar como verdade que Deus criou o homem com imperfeições, é contrariar o princípio de perfeição e bondade no ser de Deus, ademais, o conceito de justiça tem origem divina, agraciando recompensa aos bons e punição aos maus, cada um recebe de acordo com sua prática.¹⁸⁶

Qual foi a resposta de Agostinho para a origem do mal? Em seu pensamento o mal não pode vir de Deus, tendo em vista que ele é absolutamente perfeito, localizando sua origem fora do ser de Deus, “Certamente, pois o mal não poderia ser cometido sem ter algum autor. Mas caso me pergunte quem seja o autor, não o poderia dizer. Com efeito, não existe um só e único autor, pois cada pessoa ao cometê-lo é o autor de sua má ação.”¹⁸⁷ Cada pessoa é responsável pelas suas ações, sendo elas boas ou más, de acordo com suas vontades. Os seres humanos recebem

¹⁸³ TILLICH, P., História do pensamento cristão, p.117.

¹⁸⁴ ELWELL, W., Enciclopédia histórica teológica da igreja cristã, p. 471.

¹⁸⁵ HÄGGLUND, B., História da teologia, p. 111.

¹⁸⁶ AGOSTINHO., O Livre Arbítrio, p.17.

¹⁸⁷ AGOSTINHO., O Livre Arbítrio, p.17.

suas recompensas, de acordo com suas ações boas ou malignas, tendo responsabilidades de acordo com suas deliberações voluntárias.¹⁸⁸

Deus ensina interiormente a verdade, por esta iluminação natural da alma, o homem passa a ter conhecimento e temor, o progresso do conhecimento tem origem na iluminação divina e isso deve a uma ação imediata de Deus na produção das ideias. A felicidade do homem vem de Deus e do impacto que Ele causa no seu ser, a esperança da humanidade está em Deus. Ele é Ser Supremo, está acima de todas as causas temporais e espaciais. “Sois Grande, Senhor, e infinitamente digno de ser louvado. É grande o vosso poder e incomensurável a vossa sabedoria...”¹⁸⁹

Princípio de todas as coisas, de toda beleza, todas as ideias, essências, poderes, estão na mente eterna de Deus, todas as coisas existem e voltam para ele por meio das ideias. Agostinho rejeita qualquer ideia da matéria pré-existente, para ele não existe matéria alguma antes da criação, o mundo foi criado porque Deus expressou sua vontade em criar todas as coisas pelo seu poder, pela sua Onipotência, para sua glória. A criação não é capaz de transformar leis, estruturas da realidade, numa forma independente. Deus sustenta todas as coisas pelo seu poder, o mundo não pode tornar-se independente do seu Criador e isso não faz parte do plano de Deus. Todos estão sujeitos e dependentes do poder sustentador do Criador. Infinito, eterno, inefável, a inteligência humana não pode compreendê-lo como realmente é, nem a linguagem humana o pode exprimir, em sua mente divina está todas as razões eternas, as ideias imutáveis de toda realidade contingente, Onipotência criou da inexistência, com sua palavra criou todas as coisas.¹⁹⁰ Deus ao criar não usou matéria pré-existente, criou do nada,¹⁹¹ no latim *ex nihilo*, isso não pode ser entendido como criação partindo de uma substância informe, um nada substancial. Segundo Agostinho, Deus absolutamente bom criou o mundo que é necessariamente bom, não há em Deus alguma natureza má. Ainda que a criação seja naturalmente boa, não compartilha da mesma natureza do Criador.¹⁹²

¹⁸⁸ AGOSTINHO., O Livre Arbítrio, p. 17-20.

¹⁸⁹ AGOSTINHO., Confissões, p. 17.

¹⁹⁰ AGOSTINHO., Confissões, p. 155.

¹⁹¹ AGOSTINHO., Confissões, p. 170.

¹⁹² AGOSTINHO., Confissões, p. 170.

Santo Agostinho se expressava genuinamente com alma quebrantada, amor profundo e admiração por aquele que é puro amor e pura Onipotência, fruto de uma conversão honesta. Descreve com riqueza linguística o que sente por aquele que lhe amou primeiro, coração que quer Deus, tem sede de conhecê-lo como expressa “fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti. Dá-me, Senhor, saber e compreender qual seja o primeiro: invocar-te ou louvar-te; conhecer-te ou invocar-te”.¹⁹³ Consegue expressar sua conversão no belo poema: “tarde te amei”¹⁹⁴ assim como relata a descoberta da verdade, após a leitura dos neoplatônicos, que o fez comparar com as Escrituras e refletir “Instigado por esses escritos a retornar a mim mesmo, entrei no íntimo do meu coração sob tua guia, e o consegui.”¹⁹⁵ Para Agostinho estar em Deus é viver plenamente,¹⁹⁶ sem Deus o homem é miséria e debilidade, encontra-se a viver sua condição humana de limitações, tornando-se peso para si mesmo e ameaça para o próximo.¹⁹⁷

¹⁹³ AGOSTINHO., Confissões, p. 17.

¹⁹⁴ AGOSTINHO., Confissões, p. 139.

¹⁹⁵ AGOSTINHO., Confissões, p. 90.

¹⁹⁶ AGOSTINHO., Confissões, p. 139.

¹⁹⁷ AGOSTINHO., Confissões, p.15.

4

O conhecimento de Deus e sua influência na modernidade

Não é finalidade desta pesquisa falar sobre a história do ecumenismo, ou sobre sua teologia, dificuldades e caminhos a percorrer, tendo em vista que, há muitas obras explorando essas temáticas. Nosso trabalho busca se a ter no aspecto que aponta a presença de Deus na unidade do povo de Deus, onde o Espírito Santo é o autor do movimento ecumênico, cumprindo a oração de Jesus ao pai, no evangelho de João: “Não rogo somente por eles, mas pelos que, por meio de sua palavra, crerão em mim; a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade” (Jo17,20-21). A unidade dos cristãos é a vontade de Deus, estava no centro do pensamento de Jesus fazendo-o intercessor pela unidade da Igreja, revelando que o céu é a fonte unificadora. Por esse motivo, as palavras de Jesus entraram no coração do Pai não em forma de oração. O Senhor orou não só pelos Seus discípulos daqueles dias, mas por todos de todo sempre (Jo 17,20). A unidade dos cristãos é desejo da trindade, Jesus orou para que todos sejam “um” entre nós, para que possamos ser um em o Pai e o Filho e essa unidade para a Igreja é ilustrada na perfeita unidade gerada do Pai no Filho e deste no Pai. A unidade da Igreja é um mistério desafiante e desejável.

4.1

O surgimento do movimento ecumênico

O termo ecumenismo vem sendo trabalhado em muitos momentos da história. No campo eclesial surgiu no século IV, fazendo uma referência ao Concílio de Nicéia em 325 d.C., que foi denominado Concílio Ecumênico. A igreja católica adotou o termo para referirem-se a uma autoridade normativa de contexto universal,¹⁹⁸ aplicando o termo ecumênico aos credos antigos da Igreja, confessados

¹⁹⁸ COSTA OLIVEIRA, R. A., Esforços no diálogo ecumênico inter-religioso e intereclesial, p. 144.

pelos cristãos, Credo dos apóstolos, Credo Niceno-Constantinopolitano e o Credo Atanasiano.

No século XIX, Willian Carey desponta como um importante pastor batista, conhecido como pai das missões modernas, que sugeriu em 1806 uma reunião englobando todos os cristãos no cabo da Boa Esperança, África do Sul, fazendo com que germinasse esse movimento lento e demorado como importante no processo de conscientização.¹⁹⁹ Já em 1846 foi criada a Aliança Evangélica, uma organização britânica fundada por 52 denominações evangélicas em Londres, marcando o primeiro passo na formação de um corpo ecumênico.²⁰⁰

Muitas conferências foram feitas no século XIX, entre as denominações protestantes, visando o interesse comum, como a conferência de Lambeth ocorrida em 1867, que reuniu os bispos anglicanos objetivando a comunhão pela oração, adoração e o debate sobre questões da Igreja e do mundo.²⁰¹ Os temas debatidos são alusivos a questões morais, doutrinárias e administrativas da Igreja e a cada dez anos, desde 1867, os bispos anglicanos se reúnem. O nome da conferência está relacionado ao Lambeth Palace, em Londres, residência oficial do Arcebispo da Cantuária.

Os movimentos leigos contribuíram em muito para a conscientização pela unidade da igreja, criando organizações como “união de jovens”, “de mulheres”, “movimentos estudantis” e “sindicatos denominacionais” com a finalidade de dar testemunho do Evangelho em espaços públicos.²⁰² Se organizavam para os estudos bíblicos, para oração, estudos sobre a trajetória da igreja e sobre a piedade cristã. Esses estudos buscavam o fortalecimento da fé e da identidade cristã em um mundo dominado pela corrida econômica e pela descrença na doutrina cristã.²⁰³

Esse movimento leigo teve como resultado as renovações que surgiram como fenômenos espirituais no século XX. As diversas renovações nas comunidades cristãs como a renovação das cerimônias litúrgicas, renovação bíblica, renovação dos estudos da patrística e da catequese, que foram verdadeiros estímulos para os movimentos de estudo teológico e social dos cristãos, fazendo com que os estudantes

¹⁹⁹ SANTA ANA, J. H., Ecumenismo e libertação, p. 221.

²⁰⁰ CAIRNS, E., O Cristianismo através dos séculos, p. 440.

²⁰¹ CAIRNS, E., O Cristianismo através dos séculos, p. 440

²⁰² SANTA ANA, J. H., Ecumenismo e libertação, p. 225.

²⁰³ SANTA ANA, J. H., Ecumenismo e libertação, p. 225.

de diversas denominações unidos pela fé influenciassem as igrejas do final do século XIX para que passassem de uma reflexão fundamentada na teologia liberal para um aprofundamento na Palavra de Deus.²⁰⁴ A compreensão da renovação teológica que aproximaram católicos e protestantes no século XX, passa por esses movimentos populares, e é necessário compreendê-los, os estudos bíblicos, os movimentos de renovação litúrgica, os retiros espirituais de piedade, levaram protestantes e católicos a reencontrar as raízes comuns da fé.²⁰⁵

A revolução industrial e a vida na cidade onde a população católica e protestante convivia e dividia o mesmo ambiente de trabalho, uma peculiaridade da vida urbana, garantindo o pluralismo das ideias e assegurando o aprendizado entre católicos e protestantes convivendo uns com os outros. Ocasionalmente uma crescente conscientização entre esses grupos de maneira que puderam criar organizações interdenominacionais, essas diversas denominações se uniram em conferências missionárias, congressos, retiros compartilhando experiências comunitárias e permitindo encurtar as diferenças.²⁰⁶

Em 1910 um novo impulso para aproximar os cristãos, cumprindo a oração de Cristo, foi dado através da Conferência Missionária Mundial em Edimburgo que instituiu uma junta permanente, resultando em 1921, no Conselho Missionário Internacional.²⁰⁷ Essa conferência ficou famosa porque deu início ao movimento ecumênico moderno, foi um começo importante mesmo faltando representatividade e diversidade denominacional. Não houve participante africano negro, poucos asiáticos compareceram e nenhum latino-americano foi convidado.

Um movimento em busca pela unidade estava em trânsito na Europa, nos EUA, Canadá e na Austrália. Muitas organizações regionais e nacionais surgiram objetivando a cooperação missionária, o compartilhamento de estratégias e levantamento de recursos. Em 1928 foi realizada, em Jerusalém, a primeira Assembleia do Conselho Missionário Internacional, os assuntos discutidos foram de natureza da igreja, e o tipo de mensagem evangelística a se pregar, a reunião foi

²⁰⁴ SANTA ANA, J. H., *Ecumenismo e libertação*, p. 226.

²⁰⁵ SANTA ANA, J. H., *Ecumenismo e libertação*, p. 226.

²⁰⁶ SANTA ANA, J. H., *Ecumenismo e libertação*, p. 227.

²⁰⁷ GONZÁLEZ, J. L., *A Era Inconclusa*, p. 107.

aberta e se discutiu outros assuntos teológicos. Após 10 anos, em 1938, aconteceu a segunda Assembleia do Conselho Missionário Internacional, em Madras, na Índia, e houve participação das igrejas indígenas.²⁰⁸ A segunda guerra mundial interrompeu os trabalhos temporariamente do Conselho, de maneira que quando foi formada a terceira Assembleia do Conselho em 1947, no Canadá, efetuou-se um trabalho de restabelecimento dos vínculos rompidos pela guerra, assim como a reconstrução da obra missionária que o conflito mundial arruinara.²⁰⁹ Em 1948 criou-se o Conselho Mundial de Igrejas e desde então tem realizado encontros mundiais de Fé e Ordem, Missão Mundial, Evangelismo e outros temas concernentes a Igreja. Todavia, seus principais eventos são as assembleias gerais, dos quais desde sua origem tem acontecido até a atualidade. A primeira Assembleia foi em Amsterdã, Holanda em 1948, mais de 350 delegados, representando 147 igrejas de 44 países. O tema desenvolvido foi: As desordens humanas e os desígnios de Deus. Esta reunião completou a tarefa de criação de um conselho ecumênico internacional. A partir desse encontro surgiu uma aliança ecumênica que tem como base a fé em Cristo e que se evidencia no comprometimento de trabalhar efetivamente pelo Reino de Deus.²¹⁰ A segunda Assembleia foi em Evanston, Illinois nos EUA em 1954,²¹¹ apresentando o tema: Cristo esperança do mundo. Nesse encontro reuniu 163 igrejas membro e discutiu-se que objetivo do evangelismo é levar pessoas a um encontro pessoal com Jesus Cristo como Salvador e Senhor, assim como, sua inclusão a vida da igreja e a transformação da sociedade para submetê-la a vontade de Deus.²¹²

A terceira Assembleia foi Nova Deli, Índia em 1961, o tema apresentado foi: Jesus Cristo luz do mundo. A Assembleia reuniu 197 igrejas-membro e foi a primeira vez que o CMI se reuniu fora do ocidente. As igrejas ortodoxas orientais se uniram nesse Concílio e o numero de associados aumentaram. Esse encontro foi estratégico porque a Índia se apresenta de fato como um país milenar com culturas religiosas mais antigas do que o cristianismo. Segundo a tradição foi Tomé, discípulo de Jesus, que evangelizou esse país. A Assembleia concluiu que a unidade se da quando os

²⁰⁸ CAIRNS, E. E., O Cristianismo através dos séculos, p. 440.

²⁰⁹ GONZÁLEZ, J. L., A Era inconclusa, p. 109.

²¹⁰ SANTA ANA, J. H., Ecumenismo e libertação, p. 238-239.

²¹¹ CAIRNS, E. E., O Cristianismo através dos séculos, p. 441.

²¹² GONZALES, J. L., A Era inconclusa, p. 113.

cristãos estão reunidos pela mesma fé, ligados pelo sacramento da eucaristia e pelo batismo.²¹³

A quarta Assembleia foi em Uppsala, Suécia em 1968, com o tema: Eu faço novas todas às coisas. Compareceram 235 igrejas membro, seis grupos de estudos se reuniram para discutir e corrigir documentos relacionados aos diferentes tópicos. Procurou também correlacionar os temas da Assembleia com os movimentos sociais dos povos do mundo, lutando por justiça e liberdade, como também, combatendo o racismo.²¹⁴

A quinta Assembleia foi realizada em Nairóbi, capital do Quênia em 1975. O tema discutido foi Jesus Cristo liberta e une. Essa assembleia conseguiu reunir 285 igrejas-membro. Em Nairóbi foi dada ênfase no social e nas relações horizontais entre igrejas é integrada também com o espiritual e dimensão do alto, no sentido de que a unidade cristã está ligada à fidelidade a Deus e à justiça de seu Reino. A assembleia refletiu a ideia da igreja levando o evangelho ao mundo, incluindo a reconciliação com Deus e responsabilidade social, o evangelho envolve a confissão de Jesus Cristo por palavras e atos.²¹⁵

O sexto encontro foi em Vancouver no Canadá em 1983 discutindo a temática: Jesus Cristo a Vida do Mundo. Compareceram 301 igrejas membros, os delegados persistiram na relação indissolúvel entre paz e a justiça, havia uma preocupação real com os regimes ditatoriais e a corrida armamentista²¹⁶ e toda injustiça que há no mundo, alimentada por toda iniquidade.²¹⁷ Segundo a Assembleia a corrida armamentista desperdiça recursos vitais e ameaça a vida humana. Políticas militares são perigosas e representam uma crise global. A vida é um presente de Deus, que deve ser protegido contra militarismos desrespeitosos. A paz se baseia na justiça. O culto de abertura da Assembleia celebra a vida como dom divino, apesar das forças da morte. Comprometemo-nos a viver com alegria e riscos, confiantes na ressurreição de Cristo.²¹⁸

²¹³ SANTA ANA, J. H., *Ecumenismo e libertação*, p. 242-243.

²¹⁴ SANTA ANA, J. H., *Ecumenismo e libertação*, p. 244-245.

²¹⁵ SANTA ANA, J. H., *Ecumenismo e Libertação*, p. 247.

²¹⁶ RIBEIRO, M. B., *Andarilhagens pelo mundo – Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas*, p. 97.

²¹⁷ GONZALEZ, J. L., *A Era inconclusa*, p. 115.

²¹⁸ SANTA ANA, J. H., *Ecumenismo e libertação*, p. 248.

A sétima Assembleia foi em Canberra, Austrália, em 1991, com o tema: Venha, Espírito Santo – Renove Toda a Criação. O Concílio foi dividido em quatro sessões: 1. Espírito fonte de vida, guarda a tua criação; 2. Espírito de verdade, liberta-nos; 3. Espírito de unidade reconcilia o teu povo; 4. Espírito Santo transforma-nos e santifica-nos! Com a presença de 327 igrejas e 826 delegados.²¹⁹ Foi a primeira vez que o Concílio invocou como tema o Espírito Santo. Durante a Assembleia, similarmente foram abordados temas relacionados à ecologia, programa de combate ao racismo e questões teológicas. O documento BEM foi destacado por suas definições sobre o reconhecimento mútuo da administração dos sacramentos. Os ortodoxos expressaram preocupações com possíveis distorções dos ideais ecumênicos do início dos fundadores do CMI e pediram maior destaque para a Comissão de Fé e Ordem.²²⁰

A oitava Assembleia foi em Harare, Zimbabwe em 1998 com o tema: Volte-se para Deus, Regozije-se na Esperança. Congregaram 332 igrejas membro e 996 delegados.²²¹ Konrad Raiser, Secretário-geral do CMI, expressou preocupação com a participação dos ortodoxos na organização. A Assembleia elegeu uma Comissão Especial para lidar com esse tema, destacando o compromisso do CMI com as igrejas-membros em relação à eclesiologia. A Comissão também definiu a necessidade de clareza nas definições de culto em comum "confessional" e "interconfessional" e decidiu que as decisões no CMI serão feitas por consenso, não mais por votos da maioria. A Assembleia celebrou o cinquentenário do CMI e da Declaração Universal dos Direitos Humanos, discutindo a erosão do poder e dos deveres do Estado na garantia dos direitos fundamentais da vida humana devido à mundialização da economia. Houve condenação à utilização de crianças em guerras, com a solicitação às Igrejas-membro para exigirem moratória de recrutamento de crianças em conflitos armados e ratificação da Carta Africana dos Direitos e Bem-estar das Crianças.²²²

²¹⁹ SOLER, A. M., *El Peregrinaje ecuménico del Vaticano II a nuestros dias*, p. 161.

²²⁰ RIBEIRO, M. B., *Andarilhagens pelo mundo – Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas*, p. 98.

²²¹ SOLER, A. M., *El Peregrinaje ecuménico del Vaticano II a nuestros dias*, p. 173.

²²² RIBEIRO, M. B., *Andarilhagens pelo mundo – Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas*, p. 99

A nona Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas aconteceu em Porto Alegre, RS, em fevereiro de 2006, sob o tema: Deus, em tua graça, transforma o mundo. A Assembleia realizou um tempo de encontro, oração, celebração e deliberação para milhares de cristãos de todo o mundo. O convite para a realização da Assembleia no Brasil foi feito pelas igrejas membros do CMI e do CONIC. O evento aconteceu no CEPUC, Centro de Eventos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, a maior cidade do sul do Brasil. Mais de 700 delegados e consultores representando mais de 340 igrejas-membros participaram, em um programa que incluiu oração, estudo bíblico, plenárias temáticas e trabalho de comitês.

O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) é atualmente o principal organismo de representação do movimento ecumênico, reunindo mais de 300 igrejas em mais de 110 países, com mais de 560 milhões de cristãos. O CMI inclui a maioria das igrejas ortodoxas e um número significativo de igrejas protestantes, como anglicanos, batistas, luteranos, metodistas, pentecostais e reformados. No passado, o CMI era composto principalmente por igrejas europeias e americanas, mas atualmente está mais presente na África, Ásia, América Latina, Caribe, Oriente Médio e ilhas do Pacífico. O Conselho Mundial de Igrejas é uma estrutura que promove a unidade entre as igrejas, incentivando ações conjuntas, reflexão, oração e trabalho em prol da justiça, direitos humanos e integridade da criação. As igrejas membros são chamadas a proclamar a unidade visível, combater a violência e preconceitos, e renovar constantemente sua missão e serviço.²²³

Convém lembrar que outro movimento importante na criação do Conselho Mundial de Igreja remonta ao ano de 1910, quando nasceu o Movimento “Fé e Ordem”. Sua finalidade era discutir com as igrejas cristãs questões de fé, cerimônias litúrgicas, arranjos e metodologias jurídicas, realçando as questões controversas que provocam ou mantêm cisões. Fé e Ordem tomaram forma de Comissão para preparar os temas e material didático e de propaganda para o Conselho Mundial de Igreja, no

²²³ RIBEIRO, M. B., *Andarilhagens pelo mundo – Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas*, p. 101.

entanto sempre procurando permanecer fiel ao seu propósito inicial de tratar assuntos de fé, liturgia e organização eclesial que sejam controversos.²²⁴

A fusão de denominações começou desde o final do século XVIII, por volta de 1800, início do século XIX, buscando um consenso pela unidade organizacional entre os protestantes.²²⁵ O termo ecumênico foi usado entre denominações em 1936, na conferência da Comissão sobre Fé e Ordem, e significa universal aplicado às igrejas cristãs resultam em unidade dos cristãos na fé. Essa unidade de igrejas tem como finalidade ser uma realidade espiritual, a despeito da organização humana.²²⁶ O CMI é a maior expressão moderna de ecumenismo e celebra uma comunhão de igrejas que confessam Jesus Cristo como Deus e Salvador, segundo as Sagradas Escrituras. Tendo como finalidade a unidade dos cristãos que buscam responder juntas à sua vocação comum.²²⁷

Vale ressaltar que em 1932, Willem Visser't Hooft se tornou secretário-geral da WSCF (World Student Christian Federation).²²⁸ Comprometido com entidades ecumênicas, foi confrontado pela circunstância difícil das consequências sociais da crise econômica de 1929, que afetavam todo seguimento da sociedade civil; em virtude do nazismo ter crescido como força política na Alemanha. Em 1938, na Holanda, protestantes e membros da Igreja Ortodoxa se encontraram e representantes dos movimentos Fé e Ordem, e Vida e Trabalho criaram uma constituição temporária para o Conselho Mundial de Igrejas ecumênico. Willem Visser't Hooft foi nomeado secretário-geral. Em seguida no início da Segunda Guerra Mundial surgiu uma emergência de encontrar abrigo e ajuda para todos aqueles que tiveram que fugir da Alemanha, muitos teólogos e professores universitários tiveram que abandonar seu país por questão de segurança. Por essa época se pensava o que fazer após a Guerra, como fazer missões em meio à destruição que ocasionou o conflito mundial.²²⁹

Karl Barth tinha grande influência sobre Vissert Hooft ambos tinham uma fé inabalável em Jesus Cristo, algo que todos os cristãos confessavam em comum, como

²²⁴ MALSCHITZKY, H., Fé e Ordem: um instrumento a caminho da unidade, p. 21.

²²⁵ CAIRNS, E. E., O Cristianismo através dos séculos, p. 436.

²²⁶ SHELLEY, B. L., História do cristianismo, p. 492.

²²⁷ SHELLEY, B. L., História do cristianismo, p. 491.

²²⁸ SHELLEY, B. L., História do cristianismo, p. 495.

²²⁹ SHELLEY, B. L., História do cristianismo, p. 495-496.

Barth explicitava em sua teologia que o único e verdadeiro Deus nos é revelado plenamente em Cristo Jesus, da mesma forma que a verdadeira humanidade também nos é revelada em Cristo Jesus.²³⁰

Karl Barth faleceu em 10 de dezembro de 1968, e no dia 14 de dezembro de 1968, realizou-se uma cerimônia em sua memória, na Catedral de Basel. Em suas memórias, Visser't Hooft, secretário do Conselho Mundial de Igrejas, manifestou gratidão do CMI ao ministério pastoral e ecumênico que Barth dedicou às igrejas, em todo o mundo, e concluiu que os textos de Barth influenciariam gerações de teólogos.²³¹

Visser't Hooft criou depois da Segunda Guerra Mundial um Instituto Ecumênico na Suíça para o treinamento de líderes visando formar uma nova liderança compromissada com a unidade da igreja. John Davison Rockefeller Jr., filantropo e financista, ecumenista convicto, doou um milhão de dólares para a fundação do Instituto Ecumênico de Boissy na Suíça.²³² O Papa João Paulo II teve um encontro com professores e alunos do Instituto ecumênico, em fevereiro de 1983 e discursou expressando gratidão pela inclusão de uma visita a Roma como parte do curso, para que os estudantes pudessem ter contato com a Igreja Católica antes de concluir seus estudos. Destacou a importância da unidade entre os cristãos e o papel da visita como uma oportunidade para compartilhar dons espirituais e encorajamento mútuo. Segundo o Pontífice a década dos anos 1970, foi marcada por esforços contínuos na atividade ecumênica, resultando em frutos positivos em termos de oração, trabalho conjunto e diálogo. Destacou a importância da oração, penitência e santidade de vida como contribuições pessoais para a restauração da unidade cristã, enfatizando a ação do Espírito Santo nesse processo.²³³

O Papa Francisco participou de um encontro ecumênico no Centro Ecumênico - Visser't Hooft Hall, do Conselho Mundial de Igrejas. O Pontífice esteve no país, em junho de 2018, por ocasião do 70º aniversário da criação do Conselho Ecumênico das Igrejas. Em seu discurso, o Pontífice destacou que o número setenta, na bíblia,

²³⁰ BARTH, K., A Revelação de Deus como sublimação da religião, p. 13.

²³¹ VISSER'T HOOFT, W. A., Memoirs, p. 353.

²³² SHELLEY, B. L., História do cristianismo, p. 496.

²³³ JOÃO PAULO II, Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/february/documents/hf_jp-ii_spe_19830218_istituto-bossey.html

simboliza a vida completa e a bênção divina, evocou passagens do Evangelho, como a do perdão de setenta vezes sete. Este número não implica um limite quantitativo, mas uma medida qualitativa de caridade desmesurada. O Papa afirmou que estamos juntos como irmãos, graças àqueles que nos antecederam, escolhendo o perdão e a unidade, permitindo-nos superar suspeitas e medos. Fazendo de nós beneficiários da fé, caridade e esperança daqueles que inverteram o sentido da história, estabelecendo um caminho de comunhão e reconciliação. O número setenta também lembra os discípulos que Jesus enviou em missão, representando todas as nações conhecidas. Fazendo nos lembrar de que a missão tem como alvo todos os povos, e cada discípulo deve tornar-se um missionário. O Conselho Ecumênico das Igrejas surgiu como resposta à necessidade de unidade para que os cristãos possam evangelizar juntos. Esta chamada à unidade é fundamental para que o mundo possa acreditar. A missão ecumênica nos leva a permanecer unidos para alcançar a meta do Senhor.²³⁴

Expressou sua gratidão, o Papa Francisco, aos irmãos pelo esforço dedicado à unidade, no entanto, compartilhou uma preocupação de que o ecumenismo e a missão não estão tão interligados como antes. O mandato missionário, que vai além da ajuda humanitária, é essencial para a identidade cristã. A divulgação do Evangelho é parte de ser cristão, embora a forma como se realiza essa missão possa variar. Segundo Francisco, devemos resistir à tentação de impor nossa fé usando métodos seculares, pois a Igreja cresce pela atração. Essa atração não está em estratégias ou programas, mas sim na experiência pessoal de Cristo ressuscitado e na comunhão com Ele. Este conhecimento da glória de Deus em Cristo é o tesouro que se deve compartilhar com o mundo, sem limitá-lo a um humanismo superficial ou escondê-lo por medo dos desafios.²³⁵

O papa relatou que foi seu desejo participar pessoalmente nas comemorações do aniversário do Conselho para reafirmar o compromisso da Igreja Católica com a causa ecumênica. Destacou o lema do evento, "Caminhar - Rezar - Trabalhar juntos", e refletiu sobre cada um desses aspectos. Caminhar é descrito como um movimento de entrada em direção a Jesus, e um movimento de saída em direção às periferias

²³⁴ FRANCISCO, Papa., Discurso, Encontro Ecumênico, 21 de junho 2018.

²³⁵ FRANCISCO, Papa., Discurso, Encontro Ecumênico, 21 de junho 2018.

existenciais para compartilhar a graça do Evangelho. Ainda questionou se estão caminhando verdadeiramente juntos ou apenas em palavras, e enfatiza a importância de apresentar os irmãos ao Senhor. Na oração destacou a importância de rezar uns pelos outros e manter a comunhão ecumênica, enfatiza que a oração é o oxigênio do ecumenismo e sem ela, a comunhão não avança. Por fim, o narrador destaca a importância do trabalho conjunto, especialmente através da Comissão Fé e Constituição, na busca por uma visão comum da Igreja e na reflexão sobre questões éticas e morais. Convém ressaltar que o Papa elogiou a colaboração em várias formas de sinergia, incluindo a formação ecumênica proporcionada pelo Instituto Ecumênico de Bossey e a adesão ao Dia de Oração pela Salvaguarda da Criação como sinais de harmonia ecumênica.²³⁶

A Igreja Católica não faz parte do Conselho Mundial de Igrejas, mas mantém laços estreitos e através do grupo de trabalho do Conselho se reúne anualmente. Os católicos romanos participam com direitos a voto da Comissão de Missão Mundial e Evangelização do CMI. Com o apoio financeiro do Vaticano, um professor católico romano faz parte do corpo docente do Instituto Ecumênico Bossey. Participam através dos seus delegados como membro de sua Comissão de Fé e Ordem e outras comissões, e cooperam com o Conselho em muitas organizações. A Comissão de Fé e Ordem é um órgão no qual os delegados participam ativamente. Ainda que não tenha poder para tomar decisões normativas, é um espaço crucial para discutir diferenças entre as igrejas.²³⁷

4.2

Concílio Vaticano II e Ecumenismo

Entre os anos de 1961 e 1965 foi realizado o Concílio Vaticano II, que trouxe na pauta para discussão o ecumenismo, possibilitando diversos cenários futuros. Nesse encontro foi aprovado o Decreto *Unitatis Redintegratio*, um importante instrumento normativo para o diálogo ecumênico, que entrou em vigor imediatamente. O Concílio Vaticano II foi considerado o maior de todos os concílios pelo número de padres que reuniu de todas as partes do planeta,²³⁸ reuniu todos os

²³⁶ FRANCISCO, Papa., Discurso, Encontro Ecumênico, 21 de junho 2018.

²³⁷ MALSCHITZKY, H., Fé e Ordem. Um instrumento a caminho da verdade, p. 21.

²³⁸ JOSAPHAT, C., Vaticano II: A Igreja aposta no amor universal, p. 26.

bispos do mundo, quando da impossibilidade da presença, uma representação dos bispos, em comunhão com o Pontífice pode fazer acontecer à assembleia para esclarecer questões de fé e nortear a vida prática da Igreja. Consagrado como um dos maiores acontecimentos da Igreja no Século XX, e uma das maiores obras ministeriais do pontificado de Angelo Giuseppe Roncalli, o Papa João XXIII, que trouxe grandes renovações para a Igreja Católica, e influenciando outras igrejas denominacionais, atendendo as necessidades pastorais, assim como as exigências contemporâneas, exaltando a caridade e atingindo toda a humanidade com amor fraterno.²³⁹

O Concílio Vaticano II foi responsável em abrir um canal dialogal entre a Igreja católica e as demais igrejas cristãs interessadas no movimento ecumênico, em curso desde o século XIX. Buscou-se a iniciativa pela unidade entre as igrejas cristãs e a conceber este processo em questões de cooperar, visando um “único rebanho”.²⁴⁰ A unidade dos cristãos é o que se estabeleceu na promoção da restauração entre as comunhões cristãs, a separação advinda de pensamentos diversos, não representa a vontade de Cristo, que é o Senhor da Igreja, se todos são discípulos de Cristo, deve-se prezar pelo bom testemunho da comunhão, e essa é a vontade manifesta de Cristo.²⁴¹

O anúncio do Concílio Vaticano II se deu em 25 de janeiro de 1959,²⁴² na Basílica de São Paulo, no encerramento da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. A convocação oficial aconteceu em 25 de dezembro de 1961, com a publicação da Constituição Apostólica *Humanae Salutis*. A abertura do Concílio se deu no dia 11 de outubro de 1962, na Basílica de São Pedro, em Roma. Durante o discurso oficial de abertura, João XXIII expressou sua intenção ao convocar o Concílio Vaticano II.

O que mais importa ao Concílio Ecumênico é o seguinte: que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz. Essa doutrina abarca o homem inteiro, composto de alma e corpo, e a nós, peregrinos nesta terra, manda-nos tender para a pátria celeste. Isto mostra como é preciso ordenar a nossa vida mortal, de maneira que cumpramos os nossos deveres de cidadãos da terra e do céu, e consigamos deste modo o fim estabelecido por Deus. Quer dizer que todos os homens, tanto

²³⁹ JOSAPHAT, C., Vaticano II: A Igreja aposta no amor universal, p. 26.

²⁴⁰ ALMEIDA, A. J., João XXIII, o papa do concílio, p. 365.

²⁴¹ HORTAL, J., E haverá um só rebanho, p. 136.

²⁴² JOÃO XXIII., Constituições apostólicas. *Humanae Salutis*, 13.

considerados individualmente como reunidos em sociedade, têm o dever de tender sem descanso, durante toda a vida, para a consecução dos bens celestiais, e de usarem só para este fim os bens terrenos sem que seu uso prejudique a eterna felicidade.²⁴³

O Vaticano II surge ganhando os corações comunitários como um carisma comunitário, João XXIII foi um apóstolo de todos, em seu coração abraçava todos os povos, fossem eles católicos, ortodoxos ou muçulmanos. Assumiu o papado aos 77 anos, trazendo uma visão progressista e inclusiva, buscou revitalizar a Igreja e suas relações com outras comunidades cristãs e a sociedade moderna. Sob sua liderança, o Concílio provocou mudanças significativas na Igreja Católica, tornando-a mais aberta e adaptável aos desafios contemporâneos. João XXIII defendia uma Igreja mais empática e inclusiva, refletida nas decisões e documentos do Concílio.²⁴⁴

Muitos pensavam que o pontificado de João XXIII seria de transição, por causa de sua idade avançada, contudo o que aconteceu foi que menos de três meses depois de sua eleição, anunciou a convocação de um novo Concílio causando surpresa a toda Igreja, convocando o povo católico para rezar para que se cumprisse a vontade de Deus nesse evento.²⁴⁵ O Concílio se tornou o ponto central do seu ministério apostólico, sua orientação era para que nesse encontro buscasse a compreensão profunda da fé e a formação responsável da consciência.²⁴⁶

A restauração da unidade dos cristãos foi uma das principais preocupações do pontificado de João XXIII e do Concílio Vaticano II. Medidas concretas foram tomadas para promover o ecumenismo, como a criação do Secretariado para a União dos Cristãos que foi liderado pelo Cardeal Augustin Bea. O convite a observadores ortodoxos, anglicanos e protestantes para o Concílio e outras tradições cristãs, e a exclusão de expressões antissemitas na liturgia, consulta a universidades e instituições de estudo foram providenciados.²⁴⁷ Durante o Concílio, 23 observadores protestantes foram escolhidos, pelo Cardeal Augustin Bea, e estiveram presentes, incluindo anglicanos, luteranos, metodistas, presbiterianos, reformados e outros.

²⁴³ JOÃO XXIII Papa., Discurso abertura solene do SS. Concílio Vaticano II.

²⁴⁴ JOSAPHAT, C., Vaticano II: A Igreja aposta no amor universal, p. 30.

²⁴⁵ JOSAPHAT, C., Vaticano II: A Igreja aposta no amor universal, p. 33.

²⁴⁶ PAULY, W., Historia da teologia cristã, p. 248.

²⁴⁷ JOSAPHAT, C., Vaticano II: A Igreja aposta no amor universal, p. 33.

Destaca-se o teólogo Oscar Cullmann, reconhecido e homenageado pelos papas João XXIII e Paulo VI pela sua contribuição ao Concílio.²⁴⁸

4.2.1

O decreto do Ecumenismo Unitatis Redintegratio

O Decreto sobre o Ecumenismo, Unitatis Redintegratio (UR), Restauração da Unidade, foi promulgado no dia 21 de novembro de 1964 pelo Papa Paulo VI. Enalteceu o ecumenismo como uma realidade que necessitava de um impulso da Igreja. Na primeira parte do decreto enfatizou restaurar a unidade dos cristãos: “Promover a restauração da unidade entre todos os cristãos é um dos principais propósitos do sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II. Pois Cristo Senhor fundou uma só e única Igreja”.²⁴⁹ Todos os trabalhos do Concílio e seus documentos foram preparados em conformidade com o desejo de Cristo: “a fim de que todos sejam um” (Jo 17,21).

A unidade e unicidade da Igreja estão fundamentadas no princípio e modelo da Trindade, onde o Pai envia o Filho para redimir e unificar a humanidade. O Filho, por sua vez, institui a Eucaristia como sinal da unidade da igreja, além de promover o amor mútuo e a vinda do Espírito Santo como princípio da unidade eclesial. O Espírito Santo atua na distribuição das graças e ministérios, especialmente na função de ensinar, governar e santificar atribuída ao Colégio dos Doze e seus sucessores, liderados por Pedro.²⁵⁰

O relacionamento dos irmãos separados com a Igreja Católica é descrita como uma comunhão, embora não perfeita. Mesmo com diferenças, eles são considerados incorporados a Cristo e devem ser honrados como cristãos e reconhecidos como irmãos no Senhor, suas igrejas e comunidades, apesar das deficiências, são meios de salvação.²⁵¹ No entanto, o Concílio Vaticano II interpõe que a plenitude dos meios de salvação só pode ser alcançada através da Igreja Católica de Cristo. Não obstante que, segundo o decreto, “Porque só pela Igreja católica de Cristo, que é o meio geral de salvação, pode ser atingida toda a plenitude dos meios salutares. Cremos também que

²⁴⁸ MELO, J. R. B., Uma questão de santidade: o engajamento político-social na vida e na teologia de Karl Barth, p. 99.

²⁴⁹ VATICANO II., UR, 1.

²⁵⁰ COMPÊNDIO DO VATICANO II., UR, p. 310.

²⁵¹ COMPÊNDIO DO VATICANO II., UR, p. 313.

o Senhor confiou todos os bens da nova Aliança ao único colégio apostólico, a cuja testa está Pedro, com o fim de constituir na terra um só corpo de Cristo”.²⁵² Segundo a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* há graus diferentes de comunhão: “a igreja de Cristo subsiste na Igreja católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em união com ele, embora, fora da sua comunidade, se encontrem muitos elementos de santificação e de verdade, os quais, por serem dons pertencentes à Igreja de Cristo, impelem para a unidade católica”.²⁵³ Segundo esse pensamento a Igreja de Cristo está na Igreja Católica, Contudo não se limita a ela, a realidade da igreja não é revelada de maneira exclusiva e pode ser encontrada também fora da Igreja Católica, há possibilidade de redescobrir elementos e níveis de comunhão identicamente fora da Igreja católica.²⁵⁴

Segundo decreto UR, o movimento ecumênico fundamenta-se em atividades e iniciativas que visam favorecer a unidade dos cristãos. Isso inclui esforços para eliminar palavras, juízos e ações que dificultam as relações com irmãos separados, diálogo entre peritos competentes das diversas Igrejas e colaboração em obrigações que a consciência cristã exige.²⁵⁵ A fidelidade à vontade de Cristo sobre a Igreja e o trabalho de renovação e reforma, também são abordados. É importante que os católicos trabalhem com paciência e sob a vigilância da liderança para promover a equidade, a verdade, a concórdia e a colaboração. À medida que os cristãos evoluam na maturidade espiritual e superem os obstáculos que impedem a comunhão eclesial, todos os cristãos podem se unir na celebração da Eucaristia e na unidade da Igreja. A unidade concedida por Cristo à sua Igreja desde o início deve crescer continuamente.

Os fiéis católicos devem se preocupar com os irmãos separados, rezar por eles, comunicar-se e examinar questões que necessitam de renovação na própria Igreja católica. É fundamental que os católicos busquem a perfeição cristã e contribuam para que a Igreja se purifique e se renove, demonstrando autêntica catolicidade e

²⁵² VATICANO II., UR, 3.

²⁵³ VATICANO II., LG, 8.

²⁵⁴ MONDONI, D., E os cristãos se dividiram das reformas ao Vaticano II, p. 189.

²⁵⁵ COMPÊNDIO DO VATICANO II., UR, p. 314.

apostolicidade.²⁵⁶ Há uma verdadeira exortação aos fiéis católicos a participarem ativamente desse trabalho ecumênico, preocupando-se com os irmãos separados. Encorajando a reflexão sobre a renovação dentro da própria Igreja Católica, para que possam testemunhar de maneira mais fiel os ensinamentos de Cristo. Destacando a importância da unidade nas questões essenciais, da liberdade nas práticas espirituais e rituais, da caridade em tudo e reconhece que as ações realizadas pelos irmãos separados também contribuem para a edificação dos católicos.²⁵⁷

O segundo capítulo do decreto UR aborda a prática do ecumenismo, apresentando sete aspectos para tornar o ecumenismo uma realidade na vida da Igreja. Esses aspectos incluem a renovação da Igreja em fidelidade à sua vocação, a conversão do coração com pedido de perdão e oferta de perdão,²⁵⁸ a oração comum como alma do movimento ecumênico,²⁵⁹ o conhecimento mútuo dos irmãos em diversas áreas, é importante estudar a mente dos irmãos separados, com verdade e boa vontade. Os católicos devem adquirir conhecimento da doutrina, história, vida espiritual, liturgia, psicologia religiosa e cultura dos irmãos separados. Reuniões entre ambas as partes para discutir questões teológicas são úteis, desde que as partes ajam em igualdade e os participantes sejam especialistas. Esse diálogo também ajuda a entender melhor a situação da Igreja católica e a expor de forma mais adequada à fé aos irmãos separados.²⁶⁰ A importância da teologia e de outras disciplinas, como a história, serem ensinadas de forma ecumênica, visando à verdade. A formação dos futuros pastores e sacerdotes devem ser baseados em uma teologia elaborada, sem focar em polêmicas, especialmente nas questões relacionadas às relações entre os irmãos separados e a Igreja Católica. A formação dos sacerdotes é crucial para a instrução e formação espiritual dos fiéis e religiosos. Católicos engajados em missões devem compreender os desafios e benefícios do ecumenismo.²⁶¹

O modo e método da formulação da doutrina católica não devem ser obstáculos para o diálogo com os irmãos separados. É essencial que a doutrina seja clara e tenha

²⁵⁶ COMPÊNDIO DO VATICANO II., UR, p. 315.

²⁵⁷ COMPÊNDIO DO VATICANO II., UR, p. 316.

²⁵⁸ VATICANO II., UR, 2,7.

²⁵⁹ VATICANO II., UR, 2,8

²⁶⁰ VATICANO II., UR, 2,9.

²⁶¹ VATICANO II., UR, 2,10.

uma exposição compreensível. O falso pacifismo, que compromete a pureza da doutrina católica, não deve prevalecer. A fé católica deve ser explicada de maneira mais profunda e correta, para que também os irmãos separados possam compreender. No diálogo ecumênico, os teólogos católicos devem ser fiéis à doutrina da Igreja, agindo com amor, caridade e humildade ao investigar os mistérios divinos junto aos irmãos. É importante incentivando assim um conhecimento mais profundo e uma exposição mais clara das riquezas de Cristo.²⁶²

Todos os cristãos são chamados a professar a fé em Deus uno e trino, no Filho de Deus encarnado, nosso Redentor e Salvador, diante de todo o mundo. A cooperação entre os cristãos expressa as relações pelas quais já estão unidos entre si e apresenta o rosto de Cristo Servo de forma mais clara. Essa cooperação, já presente em muitas nações, deve ser aperfeiçoada, especialmente em regiões em evolução social ou técnica. Ela contribui para valorizar a dignidade da pessoa humana, promover a paz, aplicar o Evangelho na vida social, incentivar o espírito cristão nas ciências e nas artes e combater os males da época, como a fome, a pobreza e a falta de habitações. Essa cooperação também pode ajudar os cristãos a se entenderem e se estimarem mutuamente, abrindo caminho para a unidade entre eles.²⁶³ Esses aspectos visam promover o diálogo, o respeito e a comunhão entre os diferentes ramos do cristianismo.

O terceiro capítulo aborda as igrejas e comunidades separadas da Igreja Católica, dividindo em igrejas orientais e igrejas e comunidades separadas no Ocidente. Cada uma possui diferenças em origem, lugar, tempo, natureza e gravidade das questões de fé e estrutura eclesial. As igrejas orientais são analisadas em sua mentalidade, história, tradição litúrgica, espiritual, disciplina e teologia. Já as igrejas e comunidades separadas no Ocidente são incentivadas a dialogar, apesar das discrepâncias, baseando-se na confissão de Cristo, estudo da Sagrada Escritura, vida sacramental e vida com Cristo.²⁶⁴

O documento conclui que é importante exercer a ação ecumênica com moderação e evitar qualquer zelo superficial que possa prejudicar a unidade.

²⁶² VATICANO II., UR, 2,11.

²⁶³ VATICANO II., UR, 2,12.

²⁶⁴ VATICANO II., UR, 3,14-18.

Ressaltando a importância de não colocar obstáculos ao trabalho do Espírito Santo na busca pela reconciliação de todos os cristãos em uma única Igreja de Cristo. Reconhecendo que esse propósito vai além das capacidades humanas, colocando a esperança na oração de Cristo pela Igreja, no amor do Pai e na virtude do Espírito Santo. O decreto *Unitates Redintegratio* representa uma mudança fundamental na postura da Igreja Católica em relação ao movimento ecumênico, refletindo a abertura e prática ecumênica do Concílio Vaticano II.²⁶⁵

O Decreto apontou as discordâncias entre as Igrejas e comunidades eclesiais separadas no Ocidente, incluindo interpretações diferentes da verdade revelada e questões históricas, psicológicas, sociológicas e culturais. O diálogo ecumênico depende daquilo que é essencial, confessar Jesus Cristo, estudar a Sagrada Escritura, participar dos sacramentos do Batismo e da Ceia do Senhor, e viver uma vida centrada em Cristo de forma litúrgica e moral. Uma advertência foi dada contra a busca de uma falsa unidade comprometendo os princípios católicos, e destaca a importância de manter a fidelidade à verdade transmitida pelos apóstolos. Da mesma forma, reconhece que a reconciliação de todos os cristãos na unidade da Igreja de Cristo vai além das capacidades humanas, confiando no poder de Deus para alcançar esse objetivo.

4.3 Unidade da igreja como vontade do Pai

Jesus orou antes da crucificação: “Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,21). O capítulo 17 do evangelho de João narra a oração de Jesus que pede pelos seus discípulos, pois o tempo de sua partida havia chegado. O grande clamor de Jesus é pela unidade dos seus discípulos, sua Igreja sempre crescente. Por três vezes, ele pede ao Pai que eles sejam um. A oração de Jesus é para que haja unidade no meio do seu povo e afirma que, quando formos um, avançaremos em unidade, e o mundo vai crer que o Pai o enviou e crerão no amor de Deus. Essa oração mostra o interesse do céu pela unidade, Deus é a fonte unificadora, e as palavras de Jesus entraram no coração do Pai não em forma de discurso, mas de

²⁶⁵ VATICANO II., UR, 3,19-24.

oração. O Senhor Jesus orou pelos seus discípulos e por todos dos séculos futuro (Jo 17,21). A divisão que encontramos entre inúmeras denominações é um entrave ao evangelismo global e escândalo para os que não são cristãos. Cada denominação alega ter a verdadeira tradição, a verdadeira mensagem de Jesus deixada aos discípulos.

A unicidade do povo de Deus é algo insondável ao coração do homem, por isso Jesus fez a oração. A oração para que todos sejam “um” entre nós, para que possamos ser um em o Pai e o Filho e essa unidade para nós é ilustrada na perfeita unidade constituída do Pai no Filho e deste no Pai. A unidade da Igreja é um mistério desafiante e desejável. A glória de Cristo repousa na sua unidade com o Pai, a unidade da Igreja é o testemunho de que vivemos, pela graça, pela verdade, pelo amor de Deus. Cristo nos deu esse glorioso estado de glória de sermos um com Ele e o Pai.

O credo niceno-constantinopolitano, confessado pela maioria das igrejas cristãs têm uma confissão de fé: Creemos na Igreja uma, santa, católica e apostólica.²⁶⁶ A Igreja é uma porque o Deus único é a sua fonte existencial e o seu fundador estabeleceu a união de todos os que o aceitaram como Senhor como um só povo de Deus. A formulação dessa afirmativa procede de santo Epifânio assinalando que a unidade é algo inerente à Igreja e que os cristãos dos primeiros séculos já se preocupavam com essa temática.²⁶⁷

A unidade que Jesus ordena à igreja tem sua origem na Trindade ao falar da “unidade entre Ele e o Pai”, Jesus apresenta a união entre as três pessoas da Trindade. O Espírito como dom do Pai e do Filho expõe a unidade da Trindade.²⁶⁸ O Espírito é o que une a cabeça e o corpo em uma só unidade, a unidade existente entre os cristãos é semelhante à unidade entre o Pai e o Filho. Essa unidade, no sentido em que Jesus a emprega, só é possível mediante operação fundamental do Espírito Santo. A constituição dogmática *Lumen Gentium* declara que a cabeça do corpo da Igreja é Cristo, que é a imagem do Deus invisível e em quem todas as coisas foram criadas. Ele é o princípio e o primogénito de entre os mortos, tendo o primado em todas as coisas. Cristo domina em todas as coisas celestes e terrestres, preenchendo todo o

²⁶⁶ BETTENSON, H., Documentos da Igreja, p. 63.

²⁶⁷ HORTAL, J., E haverá um só rebanho, p. 135.

²⁶⁸ LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro, p. 329.

corpo com as riquezas da Sua glória. Os membros da Igreja devem conformar-se com Cristo, sendo transformados à Sua imagem e participando nos mistérios da Sua vida. Mesmo sofrendo tribulações e perseguições, os membros unem-se a Cristo no sofrimento para serem glorificados com Ele. Cristo distribui continuamente os dons dos diferentes ministérios na Igreja, permitindo que os membros se sirvam mutuamente em ordem à salvação. Através do Espírito de Cristo, que unifica e move o corpo da Igreja, os membros são renovados constantemente para crescerem em direção à cabeça que é Cristo.²⁶⁹

Essa unidade é substancialmente espiritual, em razão de ser realizada pelo Espírito Santo no ato da regeneração, revelando-se por meio de receber a pessoa e obra de Jesus Cristo. Paulo afirma que não haverá unidade de fato se não houver uma conversão genuína, a nova vida em Cristo. A unidade começa na Trindade por obra do Espírito em amor, começando na conversão e efetivada até a finalização da história, por obra divina.

O Espírito que no seio da Trindade leva à plenitude o Deus amor consuma também a obra salvadora que, realizada por Cristo de uma vez para sempre por iniciativa do Pai, é efetivada constantemente nos homens, até o momento final da história, pelo Espírito Santo.²⁷⁰

Em Cristo o que é velho já passou como Paulo enunciou: “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2Co 5,17). Ainda que este enunciado tenha conotação escatológica, Cristo traz uma nova criação, um novo homem, que aguarda a consumação de todas as coisas. Cristo liberta o homem do presente século mau, de toda iniquidade, de toda separação, aqueles que estão em Cristo, que vivem corretamente, pois se despiram de sua velha natureza, e se revestiu do novo homem criado à semelhança de Deus, por isso a unidade é possível no homem revestido de Cristo (Ef 4,22-24).

Paulo escreveu aos Gálatas: “Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,26-28). Esse pensamento à época era

²⁶⁹ VATICANO II, LG, 7

²⁷⁰ LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro, p. 341.

considerado radical no campo cultural, e foi impulsionado na escrita do apóstolo que demonstra como os irmãos e irmãs em Cristo devem relacionar-se uns com os outros, à luz dos ensinamentos de Jesus. Ressaltando que Cristo é o fundamento da crença e prática cristã, e não a lei, no parentesco ou na nacionalidade judaica – uma ideia que era totalmente ofensiva para a sua cultura e trouxe muitos conflitos. Ainda que outros líderes da igreja primitiva como Tiago, Pedro e João tenham acolhido seus pensamentos, outros não o fizeram. Além do mais, a mudança de pensamento e comportamento não aconteceu de uma só vez, mesmo entre aqueles que concordaram com a revelação de Paulo. Em momento conveniente, Paulo confrontou Pedro por se recusar a comer com os gentios por medo de ofender os judeus (Gl 2,11-13).

Segundo Paulo a unidade da Igreja está centralizada em Cristo que regenera e une todas as pessoas, judeus e gentios, escravos e livres, homens e mulheres: “Nós, que somos judeus de nascimento e não gentios pecadores, sabemos que uma pessoa não é justificada pela observância da lei, mas pela fé em Jesus Cristo” (Gl 2,15-16). Nos escritos paulinos à unidade dentro do corpo de Cristo estendeu-se para além das normas sociais, culturais e religiosas estabelecidas na sua época. A repreensão de Paulo a Pedro por ceder às regras sociais em relação aos gentios é um exemplo claro de como o apóstolo defendia a igualdade entre todos. Ele trabalhou ao lado de mulheres, como Priscila, Febe e Lídia, reconhecendo o papel fundamental delas em seu ministério. A visão final de Paulo era de que todos, independentemente de gênero, origem ou status social, são um em Cristo. Ele acreditava que Jesus veio para redimir toda a humanidade, e que todos são igualmente salvos por sua morte e ressurreição. Esta visão de unidade é algo que os seguidores de Cristo devem viver em qualquer época.

Paulo exemplarmente ensina a todos os cristãos de todas as épocas que há um conhecimento de Deus para compartilhar, no sentido que, para se chegar a unidade é necessário crer que essa direção vem do Espírito Santo, como o próprio apóstolo testemunha (1Co 2,13), afirmando que há um só Corpo, que compreende os que se entregam verdadeiramente a Cristo, que vivem segundo o seu propósito, e o tem como cabeça. É o corpo místico de Cristo, que é composto pelos salvos. Paulo escreveu aos irmãos em Éfeso: “Há um só corpo, e um só Espírito, assim como é uma

só a esperança da vocação a que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé e um só batismo; há um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos” (Ef 4,4-6). Um só Espírito é uma referência ao Espírito Santo, que conecta os homens a Cristo como seu Senhor e conecta ao corpo, a Igreja. O Espírito batiza o cristão no corpo de Cristo e o regenera dentro do corpo místico de Cristo e esse corpo é único (1Co 12,13-14). O Espírito regenera a todos os que creem (Jo 3,3-5) transformando os membros segundo a imagem do Filho de Deus (2Co 3,18), Cristo é Senhor absoluto, não podendo haver outro, os salvos têm um só Senhor. No que se refere à igreja, há somente um Senhor, todos os que creem nele se submeteram ao senhorio do único Deus, Senhor sobre todas as coisas. Nele há salvação e libertação, nele há consolo e nele está a verdade. Neste Senhor se fundamenta a esperança de um mundo novo, de justiça e paz.

Segundo Paulo o batismo aponta para a realidade espiritual da união com Cristo. O batismo é espiritual porque identifica a pessoa com Cristo na sua morte e ressurreição (Ro 6,3-7), que concede unidade mística com Ele e uns com os outros. O batismo em Cristo denota união com Ele em sua morte e sepultamento, revelando morte para o pecado, a crucificação da velha natureza e a ressurreição destruição do “corpo do pecado” (Ro 6,2-4). Contudo esse acontecimento é escatológico também porque morrer e ressuscitar com Cristo é participar da glória futura de vida e de justiça. O domínio de Cristo já está presente através da salvação, a humanidade pode escolher o caminho de pecado e morte ou pode decidir por Cristo e voltar-se para seu domínio de vida, justiça e fé.²⁷¹

Há um só batismo, que nos faz ingressar na vida da comunidade de fé. No batismo Deus nos acolhe como seus filhos, e cabe ao crente viver diariamente como pessoa batizada. O batismo nos compromete a seguir a Cristo, a pessoa que pode confessar: “Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo” e assim o crê, também viverá de acordo com o que crê, e sua vida vai espelhar e mostrar a fé nas suas ações diariamente. Essa confissão de fé é um dos fundamentos da unidade da igreja.

Paulo afirma que há uma só esperança, uma referência à salvação, à volta do Senhor para levar sua igreja. O cristão aguarda essa promessa com grande esperança,

²⁷¹ LADD, G. E., Teologia do Novo Testamento, p. 658.

pois foi selado com o Espírito Santo, que garante que essa promessa é verdadeira, pois não engano no ser de Deus (Tt 1,2). Essa esperança não é vã, mas é a expectativa de algo que o crente possui pela fé. Essa fé no Senhor Jesus pela qual o homem é salvo, recebendo a justificação. Uma atitude de confiança em Cristo, válida para todos, judeus ou gentios, uma única maneira de salvação. Aqueles que possuem essa fé têm em si o vínculo da unidade, em razão de confiarem no mesmo Senhor, entregue suas vidas ao seu pastoreio. A unidade é uma realidade que existe como resultante da fé em Cristo e da aceitação dessa doutrina de Deus que providenciou em seu Filho o modo de salvação e a comunica ao ser humano através da operação do Espírito Santo.

Aqueles que têm o Espírito de Cristo deve procurar a unidade sem bloqueios, como Paulo exortou aos efésios para andar de acordo com o chamado, com humildade e mansidão, suportando uns aos outros com amor, procurando a unidade do Espírito. Esses ensinamentos continuam válidos para os cristãos das diversas expressões de fé.²⁷² Há um encorajamento do apóstolo aos convertidos de Éfeso a viverem uma vida santificada, suportando uns aos outros, em amor e humildade, para que não percam o dom da unidade que Deus lhes concedeu. Gentios e judeus foram escolhidos por Deus para herdarem a salvação, pessoas de origens diferentes em tudo, compartilhando a promessa garantida por Cristo a todos os membros da Igreja. A Igreja não está limitada pela cultura ou pela geografia, ela é universal e engloba todos os povos e nações de todas as Eras. A Igreja é o novo povo de Deus, essa designação aparece com regularidade em todo o Novo Testamento, significando um relacionamento especial com Deus.²⁷³

O encorajamento de Paulo é para que os efésios vivessem uma vida digna do chamado que receberam como corpo de Cristo, pessoas unidas umas às outras por meio da obra salvadora de Jesus. Viver dessa forma exige abnegação e amor e não é fácil negar a si mesmo. Cada cristão espalhado pelo mundo pode encontrar no texto de Paulo a razão para a unidade cristã. A unidade cristã é do Espírito, é gerada por ele (Ef 4,3), e não somos chamados a criá-la, ou produzi-la por encontros ou Estatutos e

²⁷² HORTAL, J., E haverá um só rebanho, p. 146.

²⁷³ LADD, G. E., Teologia do Novo Testamento, p. 722.

legislações. Ele é o autor da unidade e a provê, nossa missão é mantê-la. Paulo afirma que a nossa unidade está na Trindade (Ef 4,4-6). Na Trindade há um Pai, Um senhor, não há variação, nem divisão ou cisma no Deus trino. Os três são um e trabalham harmonicamente, de maneira que concebem uma unicidade verdadeira, genuína, naqueles que creem no nome de Jesus.

4.4 Desafios futuros

Desde o Concílio Vaticano II o movimento ecumênico avançou e se desenvolveu consideravelmente, os séculos de desconfianças e embates ficaram no passado. O Concílio Vaticano II representou uma aproximação à teologia protestante, especialmente em relação à eclesiologia. Antes do concílio, a eclesiologia na tradição católico-romana era mais relacionada a uma visão triunfalista, fundamentalmente em perspectiva jurídica e institucional, como também hierárquica. O Vaticano II redefiniu a Igreja como um ministério de Deus, dando prioridade ao povo de Deus sobre a hierarquia.²⁷⁴

A proliferação de novas comunidades e movimentos eclesiásticos são um dos maiores desafios ao ecumenismo, o movimento neopentecostal tem crescido globalmente e não tem essa cultura a favor da unidade cristã.²⁷⁵ O neopentecostalismo surgiu na década de 1970 e cresceram nas décadas seguintes, suas características principais incluem a teologia da prosperidade, pragmatismo, envolvimento na política, emprego de gestão empresarial, intensa guerra espiritual contra o diabo e rejeição aos costumes das igrejas pentecostais clássicas. Os fiéis dessa vertente têm liberdade para usar roupas da moda, cosméticos, frequentar praias, cinemas, praticar esportes, assistir mídia digital e televisiva e vídeos de aplicativos variados, ouvir músicas diversificadas. Algumas dessas práticas foram incorporadas por igrejas pentecostais anteriores. Essas igrejas veem o movimento ecumênico como algo perigoso e ameaçador a sua visão de mundo e preferem se associar ao movimento político como estratégia existencial. As causas para a entrada na política pelos evangélicos desse seguimento incluem a necessidade de defesa das fronteiras, a busca por status e autoridade, a redução de tensões internas e o acesso a recursos financeiros

²⁷⁴ ALTMANN, W., Lutero e libertação, p.14

²⁷⁵ SOLER, A. M., El Peregrinaje Ecuménico del Vaticano II a nuestros dias, p. 241.

para estruturação. A facilidade de acesso à mídia também contribui para essa inserção política, uma vez que a mídia e a política se reforçam mutuamente no meio evangélico. Além disso, a conjuntura social favorável, como a redemocratização, a diversificação dos partidos e a crise econômica na década dos anos 80, facilitaram a ascensão dos evangélicos na política.²⁷⁶

Diante das rápidas mudanças no cenário religioso moderno, o movimento ecumênico enfrenta diversos desafios para manter sua proposta original. O surgimento constante de novos movimentos religiosos torna difícil a análise global das religiões, em um mundo líquido e em transição onde antigas certezas não se sustentam mais. A incerteza e a confusão indicam profundas transformações sociais e culturais em curso.

O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) tem buscado compreender a situação mundial e suas implicações para o testemunho das igrejas, adequando-se aos novos desafios e oferecendo assistência ao movimento ecumênico. Em um ambiente de valores e princípios distorcidos, é essencial para o movimento ecumênico entender como conviver e manter seus objetivos para fazer a diferença na sociedade. Neste ambiente de sociedade líquida e efemeridades das coisas, fragmentação cultural, étnica e religiosa, o CMI busca executar sua missão de forma sensível e atenta aos sinais dos tempos.

O Concílio Vaticano II foi fundamental para as questões ecumênicas, principalmente com o decreto sobre o ecumenismo "Unitatis Redintegratio". A Igreja Católica decidiu iniciar o diálogo ecumênico, reconhecendo a importância da busca pela unidade entre as diferentes denominações cristãs. O diálogo deve ser conduzido com igualdade e respeito, sempre em busca da verdade da fé cristã. O ecumenismo espiritual, baseado na troca de dons espirituais, é essencial para o movimento ecumênico. A constituição da Igreja, conforme expressa na *Lumen Gentium*, destaca que a Igreja de Jesus Cristo está realizada na Igreja Católica, mas reconhece elementos de santificação e verdade em outras denominações. O desafio futuro é ampliar as relações entre as igrejas separadas, promovendo a comunhão entre os cristãos. Sabemos que o amor de Deus é para a Igreja e o mundo, que são

²⁷⁶ OLIVEIRA, G. J., *Religião Neopentecostal*, p. 9.

dependentes do Senhor, é na Igreja que o Espírito Santo ministra à paz, a reconciliação, a justificação, a nova vida, e comunica a nova vida ao mundo. O Espírito Santo capacita a Igreja em ser um testemunho vivo da unidade herdada em Cristo.²⁷⁷

Todos nós que aceitamos a Cristo como Salvador, formamos um único corpo, independente da pluralidade, Paulo afirma que formamos um único corpo. A unidade não acontece em um instante mágico, precisamos trabalhar para alcançá-la. Na cultura humana muitas vezes as diferenças levam a dissensão, mas isso não deve acontecer na Igreja de Cristo. Não podemos nos concentrar naquilo que nos divide, e sim lembrarmos daquilo que nos une: um corpo, um Espírito, um Senhor, uma fé, um batismo, um Deus. Precisamos aprender a gostar e amar o diferente, fazermos com que os diferentes dons e pontos de vista possam ajudar a Igreja na realização da obra de Deus. Precisamos aprender a apreciar a maneira como nós membros do corpo de Cristo somos capazes de nos completar uns aos outros (1Co 12,12-13).

Construir a unidade da Igreja é uma das missões mais importante do Espírito Santo. Ele guia a Igreja à unidade, contudo é necessário se deixar guiar por Ele e manter a paz. Todos os crentes em Cristo pertencem a um único corpo, unidos sob uma única cabeça, o próprio Senhor Jesus (1Co 12,12-27). Cada membro desse corpo possui uma habilidade concedida por Deus que lhe permite fortalecer a Igreja. Não importa se a habilidade é pequena ou grande, mas é especial para ser usada na obra de Deus. A unidade em Cristo não cerceia nossa individualidade, o Espírito Santo ministrou a cada cristão dons especiais para edificar a Igreja.²⁷⁸

A Igreja tem uma responsabilidade muito grande, fazer discípulos (Mt 28,18-20), essa atividade envolve pregar o evangelho, ensinar, curar, edificar cada cristão, doação financeira, administrar e outras tarefas. Há uma diversidade de membros para cumprir todas as tarefas, juntos podemos obedecer mais plenamente a Deus do que sozinhos. Trabalhando conjuntamente a Igreja pode revelar a plenitude de Cristo.

²⁷⁷ WOLFF, E., A unidade da Igreja, p. 243.

²⁷⁸ MARSHALL, I. H., Teologia do Novo Testamento, p. 335.

4.5

Repercussões pastorais do conhecimento de Deus na promoção do Ecumenismo

Paulo faz um enunciado teológico ao escrever a carta aos Colossenses depois da saudação inicial. O texto afirma que o Filho é a imagem do Deus invisível e tem primazia em todas as ordens da criação. Cristo é o princípio primeiro e causa de tudo que advém, todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele, Cristo é antes de todas as coisas. Paulo atribui a Cristo a originação de todas as coisas, e foram criadas para seus propósitos (Hb 1,2). O Mundo criado, a glória da terra, dos universos, das estrelas, não pode ser comparada à da nova criação de Cristo (Ro 8,18). Eterno Deus que existia antes de toda a criação, para Paulo além de Cristo ser o Criador ele é aquele que morreu em favor da salvação do homem (Fp 2,6-18), e ressuscitou dos mortos. Portanto é o primogênito dentre os mortos (Cl 1,18), o primeiro a passar pelo poder da verdadeira ressurreição, e esse fato é garantia de que a Igreja, um dia ressuscitará. Graças a sua autoridade suprema de Criador e supervisão, todas as coisas subsistem e mantêm-se unidas pelo seu poder, e para entender esse mistério e grandeza só pelo Espírito Santo.

Paulo proclama a autoridade de Cristo sobre toda a Igreja, Ele é a cabeça do corpo, que é a Igreja. Cristo zela pela sua Igreja, ela é o seu corpo. O Criador soberano do Universo, como Cabeça da Igreja, é quem lidera e supervisiona por isso Ele tem zelo pela sua Igreja (1co 15,12-28). Cristo reina sobre todas as coisas, o mundo invisível e o visível, seu governo abrange esse mundo dominado pelo poder do pecado que se opõe aos esforços espirituais da Igreja, seu corpo. Deus revestiu Cristo de autoridade para que ele pudesse dominar todos os poderes, domínios, forças e movimentos do mundo, e assim garantir um suporte, uma base segura para seu povo no mundo, e proteger das ações do reino das trevas. Assim o povo de Deus não pode ser derrotado pelo opositor.

Essa é a base comum que une as igrejas num propósito maior, a unidade da fé em Jesus ressuscitado, os apóstolos se entendiam como defensores e testemunhas desse fato. O homem é salvo pela fé em Jesus, já declarada pelo Concílio de Trento, a fé é o início da salvação do homem fundamento e raiz da justificação, sem a qual não

é possível agradar a Deus.²⁷⁹ Tudo que fazemos em prol do reino de Cristo é para a glória de Deus, em Cristo nos movemos, agimos e somos. A unidade na fé em Cristo tem relação com a apostolicidade da Igreja, quem permanece na fé, subsiste na doutrina dos apóstolos, herança da Igreja de Cristo. A unidade na fé não é assunto esgotado, há muitos sistemas teológicos englobando o ocidente e o oriente, enriquecendo a variedade e pluralidade dentro da mesma fé.

O Espírito Santo é o autor do ecumenismo, a busca da unidade e cooperação dos cristãos é uma graça que vem de Deus, é um dom, uma vocação, um compromisso com Deus. O Espírito Santo entrou na humanidade através de Jesus e fez de sua carne um instrumento de salvação. O apóstolo João expressou: “o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito” (Jo 3,6), a carne não é necessariamente má, mas não é capaz de atingir a realidade de Deus e o conhecimento de Deus, essa possibilidade só é possível pela intervenção do Espírito Santo no homem. O Espírito veio para habitar nos discípulos de Jesus, uma nova aliança envolve uma obra no interior do homem, rios de água viva fluem no interior daqueles que são habitados pelo Espírito Santo (Jo 7,38-39).

O Espírito dota a Igreja com dons sobrenaturais para cumprirem funções em prol do reino de Deus, e o ecumenismo é um dom do Espírito para ser posto a serviço da unidade da Igreja. A unidade não é um processo fácil de realizar de uma só vez, se desenvolve por etapas e com objetivos.²⁸⁰ Sem o dom do Espírito, não há mobilidade espiritual, considerando isso, não existe Igreja sem Espírito. “Onde está a Igreja, aí também está o Espírito de Deus; onde está o Espírito de Deus, aí está a Igreja e toda a graça”, ensina Irineu.²⁸¹

²⁷⁹ HORTAL, J. S. J., E Haverá um só rebanho, p. 150.

²⁸⁰ WOLFF, E. a unidade da Igreja. p, 235.

²⁸¹ IRINEU. Adversus Haeresus, p, 204.

5 Considerações finais

Diante do exposto nessa pesquisa, pode-se observar o debate realizado entre os diversos pensadores, envolvendo teólogos e filósofos. Sabe-se que há um desafio muito grande para os educadores teológicos, em um mundo de pluralismo religioso. Tem-se notado um esvaziamento do estudo da doutrina de Deus revelada pelas Escrituras. Essa pesquisa não tem a pretensão de esgotar o assunto, pois ela é dinâmica e está aberta a atualizações. Ao longo dessa exposição que agora terminou, ficou claro que o conhecimento de Deus é mais do que construções de sistemas elaborados pela teologia e filosofia.

Foi exposto que o viver dentro das normas da lei mosaica dava certa segurança psicológica, de que o indivíduo tivesse comunhão com Deus, estaria seguro espiritualmente. Com isso, a religião ficou limitada a seguir regras, levando a pessoa a viver uma vida de piedade aparente. Esse comportamento de vida espiritual superficial levou o Senhor Jesus ao conflito com os líderes e doutores da lei mosaica, mostrada nos evangelhos. Jesus propõe criar uma sociedade e anuncia “convertei-vos”, isto é, sem mudança profunda de atitude não há possibilidade alguma do homem começar de novo. É necessário que rompa com a injustiça e que manifeste seu descontentamento com a situação existente, tanto individual como social e o desejo de mudar.

Todo homem que sente o desejo de mudar do superficial para o profundo, segue o convite de Jesus, e vai para um compromisso pessoal, como o que Cristo assumiu no batismo, dedicação, doação, amor à humanidade, comprometido de criar uma sociedade diferente, ele realmente trouxe um novo conceito de Deus. Desde o Antigo Testamento os profetas já tinham conhecimento de como se aproximar de Deus, fé e obediência eram as principais exigências para esse fim. No Novo Testamento, Jesus aprimora esse saber dos profetas, conhecer a Deus é dinâmico, nunca se finaliza, é

por toda existência, sem fim, e isso se dá quando o homem entra em comunhão com Deus.

Este é o novo caminho de fé para o homem, não são mais as obras da lei, ou os privilégios nacionais, ou sistemas religiosos, castas sacerdotais, mas é a fé de todos os que recebem o Cristo de Deus, no que Ele é, no que Ele tem, no que diz. Aqueles que creem no seu nome fazem parte do novo povo de Deus conforme registrado pelo apóstolo João: “mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, isto é, aos que creem em seu nome” (Jo 1,12). Crer assim não é conquista humana, é dom de Deus, confiança pessoal e entrega a Cristo, crer para João é ter conhecimento de que Cristo procede do Pai, ouvir e obedecer leva ao conhecimento, não é possível conhecer sem crer. Pedro creu e confessou: “Nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus” (Jo 6,69), isso só foi possível porque o Pai se revelou primeiro.

Conhecer para o apóstolo João significa ter uma relação pessoal, uma experiência pessoal com alguém, fato diferente do simples conhecimento por narração ou definição. No evangelho de João encontramos um exemplo deste tipo de conhecimento na relação de Cristo com o Pai diante da sua perfeita obediência e identidade de vontade com Ele (Jo 4,34-5, 30; 6,38-14,31), obedecer ao mandamento divino é conhecê-lo. Este é o critério para todos que buscam comunhão e conhecimento de Deus, conhecer Cristo é conhecer o Pai, por efeito da união hipostática de Cristo com o Pai, é adentrar em uma profunda relação possível, descrita por Jesus no evangelho de João, relação de permanência, ou de estar em Deus.²⁸²

Cristo é a única porta de acesso para que o homem tenha conhecimento de Deus, comunhão que vem de uma vida íntima de devoção, sem mitologias e preceitos religiosos, mas, somente pela aceitação de Cristo pela fé, dá-se uma relação com a divindade de forma permanente, isto significa que os seguidores de Cristo já participam no presente da era vindoura (Jo 14,19-21). Quem vê Jesus, vê a Deus, como salientou o evangelista: “Quem me vê a mim vê também o Pai” (Jo 14,9); é o pensamento mais sublime de João, é na própria pessoa de Cristo que se vê realmente

²⁸² RICHARDSON, Alan. Introdução à Teologia do Novo Testamento, p. 47-48.

a face e a glória de Deus. Ninguém pode afirmar que o conhecimento que temos de Deus, é resultado do raciocínio do homem. O conhecimento que temos dele é semelhante às percepções que um filho tem de sua mãe. Não é uma questão de raciocínio, nem de ética ou moral. O conhecimento que temos de Deus é relacional e tem como fundamento a comunhão.

Com a capacidade de interagir com o divino, os discípulos viam a verdade e a glória que estavam em Cristo como afirma João: “o Verbo se fez carne e habitou entre nós. Vimos a sua glória, a glória como do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14). O conhecimento mais profundo de Cristo é alcançado quando o homem crer que ele viera de Deus, esse entendimento não se alcança com a especulação, e, sim, com a fé relacional, bem como todo conhecimento de Deus.

O Novo Testamento inova trazendo luz a ideia da paternidade de Deus, no Antigo Testamento ela não é muito importante, embora não seja desconhecida. Sabemos que o povo de Israel não tinha costume chamar Deus de Pai. Jesus revela outra face de Deus como Pai, não de todos os homens, mas, somente daqueles que aceitam a obediência de filhos por meio da fé e do arrependimento. Para que o homem se torne filho de Deus é preciso que tenha filiação singular como a de Cristo, e isso se dá por meio de aceitação de Cristo pela fé, nunca por causa de dotes morais ou esforços próprios. Essa operação de convencer o homem é do Espírito Santo que o leva para um nível próximo de Deus.

O conhecimento de Deus foi o tema preferido dos pensadores da igreja. Através de suas discussões o conhecimento de Deus elevou-se as mais altas esferas do debate teológico e filosófico. Dentre essas discussões pode-se observar a importância dos escritos de Irineu de Lyon que defendeu a superioridade dos ensinamentos apostólicos tradicionais, assim como, enfatizou a importância da sucessão apostólica e da continuidade da tradição cristã. Irineu demonstrou a harmonia e consistência da doutrina cristã e contrariou as reivindicações dos gnósticos e outros grupos heréticos. Sua teologia de combate às heresias teve um impacto significativo no desenvolvimento da teologia cristã e foi amplamente lido na igreja primitiva.

Tal fato influencia na forma como entender Deus na contemporaneidade, é dever do intérprete decifrar a linguagem teológica e filosófica, levá-la para a

comunidade de fé, para que eles possam praticar em suas vidas de fé a teologia escrita, que os pensadores cristãos chamam de Escrituras.

Ter conhecimento de Deus produz nos homens força espiritual, para resistir o ateísmo moderno que despreza o conhecimento religioso, quanto mais conhecimento de Deus, mais energia espiritual, mais prática de fé. Esse conhecimento não é demonstrável através de atos públicos contra a incredulidade e apostasia, e sim, de uma vida de devoção, zelo e amor a Deus e na prática, o cuidado com o próximo.

O homem que conhece a Deus pensa coisas grandes sobre ele, coisas grandes de Deus foram pensadas pelos teólogos e filósofos. O salmista, mostra sua grande sensibilidade de perceber o Criador através da própria natureza, a mão de Deus está na natureza, em face do esplendor e do poder nas coisas criadas se vê a face de Deus, esse pensamento corrobora com o pensamento do apóstolo Paulo, registrado em romanos, que a natureza dá testemunho da existência de Deus.

Conhecer a Deus envolve toda a personalidade, é uma questão de envolvimento pessoal, é um relacionamento completo, emoção, mente, vontade, sentimento. Não é teórico, é uma questão pessoal. Esse conhecimento implica afeição pessoal, graça salvadora e segurança.

6

Referencias bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus: contra os pagãos**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997.

AGOSTINHO, Santo. **Livre Arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1997.

AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1994.

AGOSTINHO, Santo. **Comentário da Primeira Epístola de São João**. São Paulo: Paulinas, 1989.

AGOSTINHO, Santo. **Comentários a São João I: Evangelho** (homilias 1-49). São Paulo: Paulus, 2022.

ALBERIGO, Giuseppe. (Org.). **História dos concílios ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995.

ALEGRO, John. **The Close People**. London: Hodder and Stoughton Ltd, 1971.

ALMEIDA, Antônio José de. **João XXIII, o papa do concílio**. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v.4, n.2, p. 357-393, jul./dez. 2012. p. 365.

ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana**. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

ANGUS, Joseph. **História, Doutrina e Interpretação da Bíblia**. Rio de Janeiro: CPB, 1971.

ARAUJO, Gilva Leite. **A festa da Shavout – Pentecostes**. ATeo, Rio de Janeiro, v. 19, n. 50, p. 310-329, mai./ago.2015. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25503/25503.PDF>

ARRINGTON, French. L.; STRONSTAD, Roger. **Comentário bíblico – Pentecostal Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BAVINCK, Herman. **As maravilhas de Deus: instrução na religião cristã de acordo com a confissão reformada**. Tradução de David Brum Soares. São Paulo: Pilgrim Serviços e Aplicações; Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021, p. 51.

BELLOSO, Josep Maria Rovira. **Tratado de Dios, uno y trino: revelación de Dios, salvación del hombre**. 4. ed. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1979.

BERKHOF, Louis. **A história das doutrinas cristãs**. São Paulo: PES, 1992.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Campinas: Luz Para o Caminho Publicações, 1990.

BETTENSON, Henry. **Documentos da Igreja Cristã**. São Paulo: ASTE, 2001.

- BIASIN, Francisco. **Análise de conjuntura eclesial na perspectiva do ecumenismo. Caminhos de Diálogo**, Curitiba, ano 7, n.10, p. 124-131, 2019.
- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. Vv.aa. São Paulo: Paulus, 2015.
- CAIRNS, Earle Edwin. **O cristianismo através dos séculos**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.
- CERFAUX, Lucien. **Cristo na Teologia de Paulo**. São Paulo: Paulinas, 1977.
- CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia**. São Paulo: Candeia, 1997.
- CLEMENTE, Alexandria. **O Pedagogo** / Clemente de Alexandria; tradução de Iara Faria & José Eduardo Câmara de Barros Carneiro – Campinas, SP: Ecclesiae, 2014.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II. **Constituições, Decretos, Declarações**. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CORETH, Emerich. **Deus no Pensamento Filosófico**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- COSTA OLIVEIRA, Rui. A. **Esforços no diálogo ecumênico inter-religioso e intereclesial**. Revista Lusófona de Ciência das Religiões – Ano IV, 2005 / n.º 7/8 – 141-160
- CRABTREE, Asa Routh. **Introdução ao Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPB, 1952.
- CUNHA, Leandro Melo. **O monaquismo do deserto: teologia na vida dos Padres do Deserto**. Orientador: Andre Luiz Rodrigues da Silva. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2023.
- DENOVA, Rebecca. "Essênios." Traduzido por Pedro Lerbach. World History Encyclopedia. Última modificação Fevereiro 04, 2022. <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-20512/essenios/>.
- DIAS, Zwinglio Mota. **O movimento ecumênico: história e significado**. Numem: revista de estudos e pesquisas da religião, Juiz de Fora, v.1, n.1, p. 127-163.
- DIMAS ALMEIDA, António. **Batismo eucaristia ministério**. Brasília: CONIC; Rio de Janeiro: KOINONIA; São Paul: ASTE, 2001.
- DROBNER, Hubertus. **Manual de Patrologia**. Tradução de Víctor Abelardo Martínez de Lopera. Barcelona, Espanha: Herder, 2001.
- DUCOS, Michèle. **Roma e o direito**. São Paulo: Madras, 2007.
- DUPUIS, Jacques. **O cristianismo e as religiões do desencontro ao encontro**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Ideais Religiosas I Da Idade da Pedra aos Mistérios de Eleusis**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Ideais Religiosas II De Gautama Buda ao Triunfo do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ELWELL, Walter. A. **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Vol. I, III. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1993.
- EUSÉBIO, Cesaréia. **História Eclesiástica**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

FACHIN, Patricia; SBARDELOTTO, Moises. **Ecumenismo: Desafio da Igreja**. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/19-artigo-2009/3039-wolfgang-thonissen>.

FOHRER, Georg. **Estruturas teológicas fundamentais do Antigo Testamento**. São Paulo: Edições paulinas, 1982.

FRANCA, Leonel. **Porque existem homens que não crêem em Deus**. São Paulo: Mundo Cultural, 1979.

FRANCISCO, Papa. **Discurso, Peregrinação Ecumênica do Papa Francisco a Genebra por Ocasão do 70º Aniversário da Fundação do Conselho Mundial de Igrejas**, 21 de junho de 2018, disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180621_pellegrinaggio-ginevra.html

GARCÍA BAZÁN, Francisco. (ed.). **La Gnosis Eterna. Antologia de textos gnósticos griegos, latinos y coptos**, vol. 1. Barcelona: Trotta/Edicions de la Universitat de Barcelona, 2003.

GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GILSON, Etienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2006.

GIRAUDO, Cesare. **Ascolta, Israele! Ascoltaci, Signore! Teologia e spiritualità della liturgia della Parola**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2008.

GIRAUDO, Cesare. **Num só corpo**: tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2014.

GOMES, Silvio. **A Questão do tributo a Roma**. *Unitas Revista Eletrônica de Teologia e Ciências da Religião*, v.10, n.1, 2022.

GONZALEZ, Justo L. **A Era dos altos ideais**. Vol. 4. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2003.

GOPPELT, Leonhard. **Teologia do Novo Testamento**. Petropolis/RJ: Vozes, 1983.

GROSS, Fernando. **O coração do Faraó Ex 4,14**. *PQTEO*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 138-159, jul./dez. 2019.

HÄGGLUND, Bengt. **História da teologia**. Porto Alegre – RS: Concórdia Editora LTDA, 1995.

HAMMAN, A. **Os padres da igreja**. São Paulo: Edições paulinas, 1980.

HORTAL, Jesus. **E haverá um só rebanho**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

IRINEU DE LYON. **Contra as heresias** (c. 180), trad. L. Costa, 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1995.

JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus. Pesquisa de história econômica-social no período neotestamentário**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

JOÃO XXIII. **Constituições apostólicas. Humanae Salutis**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/johnxxiii/pt/apost-constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html

- JOÃO XXIII, Papa. **Discurso na abertura solene do SS. Concílio Vaticano II**, 11 de outubro de 1962, disponível em: https://www.vatican.va/content/johnxxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_jxxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso em 25 de novembro de 2024.
- JOAO XXIII, Papa. **Diário da Alma**. São Paulo: Paulus, 2015.
- JOHANN, Maier. **Entre os dois Testamentos**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- JOHNSON, Paul. **História dos Judeus**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.
- JOSAPHAT, Carlos. **Vaticano II: A Igreja aposta no amor universal**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- JOSEFO, Flavio. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.
- KAISER, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- BARTH, Karl. **A Revelação de Deus como Sublimação da Religião**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 13.
- KÜNG, Hans. **La Iglesia**. Barcelona: Editorial Herder, 1968.
- LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.
- LADARIA, Luis Francisco. **Deus vivo e verdadeiro**. O mistério da Trindade. São Paulo: Loyola, 2005, p. 323-360.
- LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes 1999.
- LAYTON, Bentley. **As escrituras gnósticas**. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- LATOURELLE, René & FISICHELLA, Rino. **Dicionário Teologia Fundamental**. Aparecida – SP: Ed. Vozes, 1994.
- LE GOFF, Jacques. **O Deus da Idade Média** / Jacques Le Goff; conversas com Jean-Luc Pouthier; tradução de Marcos de Castro. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- LIBANIO, João Batista. **Teologia da Revelação a partir da modernidade**. São Paulo: Loyola, 1992.
- LIÉBAERT, Jacques. **Os Padres da Igreja: séculos I-IV**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004. v. 1.
- MALSCHITZKY, Harald. **Estudos Teológicos. Fé e Ordem: um instrumento a caminho da unidade**. São Leopoldo-RS: EST, V.31, N.1. 1991.
- MARASCHIN, Jaci. **A confissão da fé apostólica. Explicação ecumênica da fé apostólica segundo o credo Niceno-Constantinopolitano**. São Paulo: CONIC, 1993.
- MAIER, Joham. **Entre os dois Testamentos**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- MARSHALL, Ian Howard. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

- MATEOS, Juan & CAMACHO, Fernando. **Jesus e a sociedade de seu tempo**. São Paulo: Paulus, 1992.
- MC'GRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã**. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.
- MELO, Jansen Racco Botelho de. **Uma questão de santidade: o engajamento político-social na vida e na teologia de Karl Barth**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia São Paulo, 2014.
- MENDOZA-ALVAREZ, Carlos. **Deus Ineffabilis: Uma teologia pós moderna da revelação do fim dos tempos**. São Paulo: É Realizações, 2016.
- MENDOZA-ALVAREZ, Carlos. **O Deus Escondido da pós-modernidade**. São Paulo: É Realizações, 2011.
- MOINGT, Joseph. **O homem que vinha de Deus**. São Paulo: Loyola, 2008.
- MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século vinte**. São Paulo: Ed. Teológica, 2003.
- MONDONI, Danilo. **E os cristãos se dividiram das reformas ao Vaticano II**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- MORAES, Abimar Oliveira de. **O. Entre mistério divino e humano: cinquenta anos de pesquisa teológica na PUC-Rio**. *Atualidade Teológica*. V. 21, n. 61, p. 149-179, jan/abril. 2019
- MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. **História da literatura cristã antiga grega e latina**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MORESCHINI, Claudio.; NORELLI, Enrico. **História da Igreja cristã antiga grega e latina: do Concílio de Nicéia ao início da Idade Média**. São Paulo: Loyola, 2000. v. II/1.
- NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã**. Brooklin: Casa Editora Presbiteriana, 1978.
- NOLL, Mark A. **Momentos decisivos na história do cristianismo**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2000.
- NUNES, Gilberto Dias. **A relação entre religião e política na sociedade brasileira: uma análise sociológica do fenômeno religioso atual**. *Último Andar*, [S. l.], v. 27, n. 43, p. e59972, 2024. DOI: 10.23925/ua.v27i43.e59972. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/59972>. Acesso em: 14 dez. 2024.
- OLIVEIRA, Geraldo Jose. **Religião Neopentecostal: o desafio da convivência na diferença. Interações**. *Belo Horizonte*, v.14, n. 25, p. 117-144, 2019.
- ORÍGENES. **Tratado sobre os Princípios**. São Paulo: Paulus, 2012.
- OTT, Ludwig. **Manual de teologia dogmática**. Barcelona: Editorial Herder, 1966.
- PACKER, James Innell. **O conhecimento de Deus**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2005.

- PACKER, James Innell; MERRIL, Tenny; WHITE, William. **O mundo do novo testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2006.
- PADRES Apostólicos. **Patrística**, V. 1. São Paulo: Paulus, 1997.
- PADRES Apostólicos. **Patrística**, V. 2. São Paulo: Paulus, 2014.
- PAGELS, Elaine. **Os Evangelhos Gnósticos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- PANNENBERG, Wolfhart. **La fé de los apóstoles**. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1975.
- PAULI, Evaldo. **Enciclopédia Simpozio**. Florianópolis: UFSC, 1997.
- PAULY, Wolfgang. **História da Teologia Cristã**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- PENNA, Antonio Gomes. **Em busca de Deus**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- PLATÃO. **Mênon**. Trad. Maura Iglésias. São Paulo: Edições Loyola; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; 2001.
- PLINIO, Cartas, Livro X. **Prometeus – Número 28 – Edição especial**, 2018.
- PRIEUR, Jean. **O Mistério do eterno retorno**. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.
- RAHNER, Karl. **O Deus trino, fundamento transcendental da história da salvação**. In. FEINER, J.; LÖHRER, M. (Eds.). *Mysterium Salutis*: Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica II/1. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 283-356.
- RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré do batismo no Jordão à transfiguração**. São Paulo: Planeta: 2016.
- RATZINGER, Joseph. **Introdução ao cristianismo**: preleções sobre o símbolo apostólico com um novo ensaio introdutório. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- RIBEIRO, Mario Bueno. **Andarilhagens pelo mundo: Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas - CMI**. 2009. 233 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2009.
- RICHARDSON, Alan. **Introdução à Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1966.
- SANTA ANA. Julio Hector. **Ecumenismo e Libertação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- SANTOS, Márcio Gonçalves. **O processo de estigmatização dos gnósticos em Contra as heresias de Irineu de Lião**. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Centro de Ciências Humanas – Departamento de História, 2009.
- SAULINIER, Christiane & ROLLAND, Bernard. **A Palestina no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1983.
- SCHNEIDER, Theodor. **Manual de Dogmática I**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- SCHÖKEL, L. A. Pasah. In: **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 1997.
- SCHULTZ, Hemann. *Old Testament Theology*. 2 vols. Edinburgh; T. Clark, 1895.
- SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **O Deus da salvação**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005. v. 1.

SHELLEY, Bruce Leon. **Historia do cristianismo ao alcance de todos**. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

SILVA, André Luiz Rodrigues; PIACENTE, Leonardo Henrique; OSAVA, Marcelo Massao. **A unidade entre Cristo e a Igreja: funções teológicas para prática do cuidado com o próximo**. *Encontros Teológicos*, v. 34, p. 467-484, 2019.

SILVA, André Luiz Rodrigues. **Virtude, perfeição e santidade à luz do pensamento de Justino mártir**. In: *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 70, p. 737-756, jul./dez.2022. p. 737-756.

SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

SOLER, Antoni Matabosch. **El peregrinaje ecuménico: Del Vaticano II a nuestros días**. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2023.

SPEIDEL, Kurt. A. **O Julgamento de Pilatos**. São Paulo: Paulinas, 1979.

SUETÔNIO. **Vida dos doze Césares**. Brasília: Senado Federal Conselho Editorial, 2012.

TÁCITO. **Anais**. Lisboa: Edições Colibri, 2022.

TERTULIANO. **Contra Práxeas**. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/0055056152083cb16f490>.

TERTULIANO. **Liber de Praescriptone Haereticorum**. Disponível em: <https://www.thelatinlibrary.com/tertullian/tertullian.praescrip.shtml> VII, 1.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. São Paulo: ASTE, 2000.

TORRENTS, Montserrat. **Los Gnósticos**. Madri: Editora Gredos, 1983.

THÖNISSEN, Wolfgang. **Ecumenismo: Desafio para a igreja**. *Revista do Instituto Humanitas Unisinas*. Edição 320. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/19-artigo-2009/3039-wolfgang-thonissen>

VERCRUYSSSE, Jos. **Introdução à Teologia Ecumênica**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

VERMES, Geza. **Quem é quem na época de Jesus**. São Paulo: Editora Record, 2008.

VIRKLER, Henri. **Hermenêutica: Princípios e processos de interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Vida, 1987.

VISSER'T HOOFT, Willem Adolph. **Memoirs**. London: SCM Press Ltd., Philadelphia: Westminster Press, 1973.

VRIEZEN, Theodorius Cristiaan. **Godsdienst van Israel. English**. London: Lutterworth Press, 1967.

WACHHOLZ, Wilhelm. **O significado ecumênico do Concílio Vaticano II; perspectivas protestantes em diálogos**. *Perspect. Teol.*, Belo Horizonte, v.56, n.2, p. 362-380, 2024.

WOLFF, Elias. **A Unidade da Igreja: ensaio de eclesiologia ecumênica**. São Paulo: Paulinas, 2007.